

Pilar Carolina Posso Ruiz

**Pais presentes, pais ausentes:
Uma análise das redes de suporte material e de
cuidado de crianças de um grupo de mães
adolescentes em Quito**

Belo Horizonte, MG
UFMG/Cedeplar
2014

Pilar Carolina Posso Ruiz

**Pais presentes, pais ausentes:
Uma análise das redes de suporte material e de cuidado de
crianças de um grupo de mães adolescentes em Quito**

Tese apresentada ao curso de Doutorado em Demografia do Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional da Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do Título de Doutor em Demografia.

Orientadora: Prof^a Laura Lúcia Rodriguez Wong
Coorientadora: Prof^a Paula Miranda-Ribeiro

Belo Horizonte, MG
Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional
Faculdade de Ciências Econômicas – UFMG
2014

Ficha Catalográfica

R934p
2014

Ruiz, Pilar Carolina Posso.
Pais presentes, pais ausentes [manuscrito] : uma análise das redes de suporte material e de cuidado de crianças de um grupo de mães adolescentes em Quito / Pilar Carolina Posso Ruiz. – 2014.
166 f.: il., gráfs. e tabs.

Orientadora: Laura Lúcia Rodríguez Wong.
Coorientadora: Paula Miranda-Ribeiro.
Tese (doutorado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional.
Inclui bibliografia (f. 101-139), apêndices e anexos.
Obra acompanhada de CD-Rom que inclui gráficos.

1. Mães adolescentes – Quito (Equador) – Teses. 2. Mães adolescentes – Quito (Equador) – Redes de relações sociais – Teses. 3. Paternidade Quito (Equador) – Teses. I. Wong, Laura Lúcia Rodríguez. II. Miranda-Ribeiro, Paula. III. Universidade Federal de Minas Gerais. Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional. IV. Título.

CDD: 304.63866

Elaborada pela Biblioteca da FACE/UFMG – NMM058/2016

Folha de Aprovação

*A mi familia, por los vínculos de incalculable fuerza.
A la memoria de mis abuelos Raúl y Efraín.*

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, pelo exemplo de superação, trabalho e dedicação que suas vidas representam e pelo amor infinito. Aos meus irmãos, pelo carinho e confiança. Agradeço a minha família pelo apoio nesse caminho acadêmico e pessoal e por todas as facilidades que me ofereceram durante a elaboração desta tese, especialmente, no trabalho de campo.

Um agradecimento especial a minha orientadora, professora Laura Wong, pelo acompanhamento acadêmico durante o mestrado e o doutorado, pela motivação permanente e pelo apoio incondicional no nível pessoal. À professora Paula Miranda-Ribeiro, pelas sugestões na elaboração da tese e no trabalho de campo baseadas em sua valorosa experiência de pesquisa. Ao professor Dimitri, pelo tempo e dedicação ao me ensinar a teoria de redes e sua aplicação e por sua importante participação na banca. Ao professor Alisson Barbieri, por me permitir participar em um projeto de pesquisa, enquanto trabalhava na tese.

Agradeço à professora Simone Wajnmam, a Joice Melo e Alessandra Chacham por terem participado da banca examinadora e pela importante contribuição na versão final desta tese, através dos seus pertinentes comentários e relevantes aportes.

Meu especial reconhecimento ao corpo docente do CEDEPLAR. Sinto-me grata por ter aprendido de professores com sólida formação nos diferentes ramos da demografia. O prestígio da instituição reflete a excelência acadêmica dos docentes.

Ao pessoal administrativo desta instituição pela eficiência na realização dos trâmites burocráticos no decorrer do doutorado e pela gentileza que caracteriza sua atenção.

Agradeço também ao governo do Brasil que, através do CNPQ, outorgou-me a bolsa de estudos para a realização do doutorado, o financiamento do trabalho de campo e a participação em importantes eventos acadêmicos dentro e fora do Brasil.

Um agradecimento às instituições em Quito, que forneceram informação e autorizaram o acesso para a realização de entrevistas: *Consejo Metropolitano para la Protección de la Niñez y Adolescencia* – COMPINA, *Fundación Caminos de*

Esperanza, Fundación Talita Cumi, Proyecto Ser Joven - Fundación Patronato Municipal San José e Hospital Tierra Nueva.

Minha especial gratidão ao *Colégio 24 de Mayo* por abrir suas portas e facilitar a realização das entrevistas. Ao Dr. Carlos Parra S., aos/as professores/as, ao pessoal de inspeção, orientação e de biblioteca. Um agradecimento especial à Senhora Teresa Salazar, com quem foram identificadas as mães adolescentes na escola.

Agradeço aos familiares e amigos que me ajudaram no recrutamento das entrevistadas, María Eugenia Ruales, Sonia Escárate, Winston Jarrín, Liliana Chile, e Verónica Posso.

De forma especial, agradeço às cinquenta adolescentes que, no meio das apertadas jornadas domésticas e de estudo, me deram seu tempo para narrar suas experiências de maternidade nessa fase da vida. Além de alcançar os objetivos da tese me permitiram conhecer histórias de autêntico heroísmo.

Agradeço aos meus amigos do CEDEPLAR por compartilharem comigo conhecimento, pelo debate de ideias, pelo desenvolvimento conjunto de trabalhos acadêmicos, pelas sugestões recebidas e por me brindarem com sua companhia ao longo do doutorado: Serafim, Cristiane, Luísa, Rodrigo, Jenny, Juliana, Mário, Marcela P., Moisés, Márcio, Juan, Breno, Alane, Gabi, Angelita, Marília N. Um agradecimento especial a minhas queridas amigas Marcela Cuervo, Vanessa Franceschini e Marília Miranda, pela companhia, ajuda e pelos inúmeros momentos de alegria.

Agradeço, de maneira profunda, o apoio e a amizade de duas mulheres de especial sabedoria e grande generosidade, que também foram minha família em Belo Horizonte: Andrea Fernand e Sara Pimenta.

Finalmente, agradeço a todos meus especiais amigos em Quito, que amenizaram os momentos de tensão por ocasião da preparação da tese e das intensas jornadas de trabalho de campo com encontros, longas tertúlias e companhia no meu reconhecido vício, o cinema. Obrigada pelo grande afeto.

RESUMO

Equador é um dos países com mais altas taxas de fecundidade na adolescência, na América Latina. As políticas públicas procuram, principalmente, prevenir a gravidez nessa fase da vida. No país, conhece-se pouco sobre as redes de suporte material e de cuidado de filhos de mães adolescentes. Por outro lado, os pais desses filhos são uma população escassamente estudada, assim como as formas como eles exercem a paternidade. O objetivo desta tese é estudar a composição e funcionamento das redes de suporte material e de cuidado de crianças de um grupo de mães adolescentes em Quito, e analisar o papel que os pais desses filhos têm nessas redes. O suporte é estudado a partir da teoria do capital social. Esta abordagem indica que os recursos estão embutidos em redes sociais e são acessados pelos atores através de suas relações. Para atingir os objetivos, foi levantada informação a partir de 50 entrevistas de mães entre 12 e 19 anos, residentes em Quito. As entrevistas foram realizadas entre outubro de 2013 e janeiro de 2014. Foi aplicada uma análise de rede. Resumem-se os principais resultados. A força dos vínculos das relações de parentesco e a distância espacial são aspectos que influenciam o suporte. O cuidado é realizado, especialmente, por mulheres. O principal ator no suporte material e de cuidado é a família de origem da mãe adolescente, sobretudo, a avó materna da criança. Outros atores importantes são membros da família estendida da mãe adolescente. O pai e sua família fazem parte das redes de suporte, principalmente, no sustento material. A família estendida do pai tem pouca participação nas redes de suporte. As amigas e atores institucionais contribuem com suporte, nos casos das adolescentes que pertencem a lares de proteção. O suporte, por parte do pai e sua família, está associado à presença de vínculo afetivo na díade pai-mãe adolescente. As pessoas que formam parte da rede de suporte material ou de cuidado são mais importantes ou têm maior “popularidade” na rede social da mãe adolescente. Esta característica é medida através da centralidade de grau. Os pais que dão suporte material e de cuidado, de segunda a sexta-feira, têm maior centralidade na rede social, comparados com aqueles que não dão suporte. As adolescentes entrevistadas identificam o ideal de paternidade com a expressão de afetos, cuidado e sustento econômico. Os resultados fornecem elementos para que as políticas públicas se desenvolvam para além da prevenção da gravidez na adolescência e considerem os atores que contribuem com o suporte.

Palavras-chave: maternidade na adolescência, pais, redes de suporte material e de cuidado, paternidade.

ABSTRACT

Ecuador is one of the countries in Latin America with the highest teenage fertility rates. Policies seek primarily to prevent pregnancy during the adolescence. In the country, little is known about teenage mother's children material and care support networks. On the other hand, those children's fathers are a poorly studied population, as well as the ways in which they exert paternity. The aim of this dissertation is to study the composition of material and care support networks of a group of teenage mothers in Quito, and analyze the role that those children's fathers have, in those networks. Support is studied from the social capital theory. This approach affirms that resources are embedded in social networks and are accessed by the actors through their relationships. To achieve the objectives of the dissertation, 50 mothers aged 12-19 years, who were living in Quito, were studied. The information was gathered through interviews. The field research was conducted between October 2013 and January 2014. These are the main results. Ties strengthens of kinship relationships and spatial distance are aspects that influence support. Childcare is performed, especially, by women. The main actor in the material support and care networks is the teenage family of origin, especially, the child's maternal grandmother. Other important actors in the material support and care networks are members of the teenage mother's extended family. Child's father and his family of origin are part of the support networks, mainly the material support. Father's extended family has little involvement in support networks. Girlfriends and institutional actors contribute with support, in cases of teens who belong to protective homes. Child's father and his family of origin' support are associated with affective ties in father-adolescent mother dyadic. People who are part of material and care support networks have higher "popularity" in the teenage mothers' social network, measured by centrality degree. Fathers who give care and material support, from Monday to Friday, have greater centrality in the social network, compared to those who do not give support. For interviewed mothers, the ideal of fatherhood is related with the expression of affections, care and economic support. The results of the dissertation provide elements for public policies to go beyond the prevention of teenage pregnancy and consider other actors that contribute with child support.

Keywords: adolescent motherhood, fathers, child support and childcare networks, paternity.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Lista de Tabelas e Quadros

TABELA 1- Mulheres de 20-24 anos que foram mães adolescentes. Quito, 2010. ..	23
TABELA 2- Etnia segundo condição de ter sido mãe adolescente. Mulheres de 20-24 anos. Quito, 2010.	24
TABELA 3 – Estado civil segundo condição de ter sido mãe adolescente.	24
TABELA 4- Lugar de residência cinco anos antes do censo de mulheres de 20-24 anos, segundo a condição de ter sido mãe adolescente. Quito, 2010.	25
TABELA 5– Lugar de nascimento das mulheres de 20-24 anos, segundo a condição de ter sido mãe adolescente. Quito, 2010.	25
TABELA 6– Tipo de parróquia de origem segundo a condição de ter sido mãe adolescente. Mulheres de 20-24 anos. Quito, 2010.	26
TABELA 7– Inserção no mercado de trabalho das mulheres de 20-24 anos, segundo a condição de ter sido mãe adolescente. Quito, 2010.	27
TABELA 8– Tipo de trabalho segundo a condição de ter sido mãe adolescente. Mulheres de 20-24 anos. Quito, 2010.	28
TABELA 9– Atividade que realizam as mulheres de 20-24 anos que não trabalham, segundo a condição de ter sido mãe adolescente. Quito, 2010.	28
TABELA 10 – Nível educacional das mulheres de 20-24 anos que estudavam na data de levantamento do censo, segundo a condição de ter sido mãe adolescente. Quito, 2010.	29
TABELA 11– Nível educacional das mulheres de 20-24 anos que não estudavam na data de levantamento do censo, segundo a condição de ter sido mãe adolescente. Quito, 2010.	30
TABELA 12– Relação com o chefe do domicílio das mulheres de 20-24 anos, segundo a condição de ter sido mãe adolescente. Quito, 2010.	31
TABELA 13– Nível educacional dos chefes do domicílio das mulheres de 20-24 anos, segundo a condição delas terem sido mães adolescentes. Quito, 2010.	32
TABELA 14– Uso de computador por parte dos chefes de família das mulheres de 20-24 anos,	32
TABELA 15– Inserção no mercado de trabalho dos chefes do domicílio das mulheres de 20-24 anos, segundo a condição delas terem sido mães adolescentes. Quito, 2010.	33
TABELA 16– Tipo de trabalho do chefe do domicílio das mulheres de 20-24 anos, segundo a condição de ter sido mãe adolescente. Quito, 2010.	33
TABELA 17– Características do domicílio das mulheres de 20-24 anos, segundo a condição de ter sido mães adolescentes. Quito, 2010.	35
TABELA 18 - Características sociodemográficas.....	89
TABELA 19 - Características sociodemográficas dos pais de crianças das mães adolescentes entrevistadas. Quito, 2013-2014	90
TABELA 20 – Características do domicílio das mães adolescentes entrevistadas. Quito, 2013-2014.....	92
TABELA 21 – Redes nas quais há fluxo de ao menos um tipo de item de suporte material, segundo o grupo de relações e tipo de vínculo com a criança. Quito, 2013-2014	96
TABELA 22 – Tipo de item entregue e vínculo com a mãe adolescente. Quito, 2013-2014	101

TABELA 23- Lugar de residência do cuidador principal das redes do grupo de adolescentes que se ausentam do cuidado de segunda a sexta-feira. Quito, 2013-2014.	104
TABELA 24- Tamanho da rede de cuidadores secundários, entre as adolescentes que se ausentam de segunda a sexta-feira. Quito, 2013-2014.....	105
TABELA 25- Tipo de vínculo dos cuidadores secundários nas redes do grupo de adolescentes que se ausentam de segunda a sexta-feira. Quito, 2013-2014.....	106
TABELA 26- Tipo de vínculo dos cuidadores nas redes do grupo de adolescentes que se ausentam sábado e domingo. Quito, 2013-2014.....	107
TABELA 27- Relação dos cuidadores com a criança. Redes de cuidado em presença da mãe adolescente de segunda a sexta-feira, segundo condição de estudantes. Quito, 2013-2014.....	109
TABELA 28- Vínculo afetivo e suporte material por parte do pai ou da família dele	110
QUADRO 1- Conceitos, definição e operacionalização de variáveis	86

Lista de Figuras

FIGURA 1- Número de filhos tidos por mulheres de 20-24 anos, segundo condição de ter sido mãe adolescente. Censo 2010, Quito.....	23
FIGURA 2- Maternidade na adolescência segundo a província de origem. Mulheres migrantes internas de 20-24 anos . Quito, 2010.....	26
FIGURA 3 - Variedade de itens entregues à criança, segundo o grupo de relações. Quito, 2013-2014.....	97
FIGURA 4- Rede egocêntrica e rede de suporte material da E21.....	98
FIGURA 5 - Rede egocêntrica e rede de suporte material da E01.....	99
FIGURA 6 – Relação e sexo do cuidador principal nas redes no grupo de adolescentes que se ausentam do cuidado de segunda a sexta-feira. Quito, 2013-2014	103
FIGURA 7- Variedade de itens entregues à criança, segundo o grupo de relações e vínculo afetivo entre a mãe adolescente e o pai. Quito, 2013-2014.....	111
FIGURA 8- Variedade de itens entregues pelo pai de crianças de mães adolescentes, segundo idade dele. Quito, 2013-2014.	112
FIGURA 9 – Centralidade dos membros da rede social das mães adolescentes segundo a entrega, ou não, de ao menos um item de suporte.	115
FIGURA 10 – Centralidade dos membros da rede social das mães adolescentes segundo seu pertencimento à rede de cuidado de segunda a sexta-feira	115
FIGURA 11- Centralidade entre aqueles que dão suporte, segundo pertencimento ou não à família do pai	116
FIGURA 12- Rede egocentrada e rede de suporte material da E20	117
FIGURA 13- Rede egocentrada e rede de suporte material E39.	118
FIGURA 14- Centralidade do pai e variedade de itens entregues por ele ou sua família de origem.....	119
FIGURA 15- Rede egocentrada e rede de suporte de cuidado, na ausência da mãe adolescente de segunda a sexta-feira da E14	120
FIGURA 16- Rede egocentrada e rede de suporte material da E24	121
FIGURA 17- Rede egocentrada e rede de suporte de cuidado E24, na ausência da mãe adolescente de segunda a sexta-feira.....	122
FIGURA 18- Relação entre centralidade da avó materna e o pai, segundo o arranjo familiar da adolescente	123

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BGU – *Bachillerato General Unificado*

CIPEA – *Comité Inter-institucional de Prevención de Embarazo Adolescente*

COEP – *Comitê de Ética em Pesquisa*

COMPINA – *Consejo Metropolitano de Protección Integral a la Niñez y Adolescencia*

ENDEMAIN 2004 – *Encuesta Demográfica y de Salud Materna e Infantil*

ENSANUT 2007- 2012 – *Encuesta Nacional de Salud y Nutrición*

FEM – *Família estendida da mãe adolescente*

FEP – *Família estendida do pai*

FOM – *Família de origem da mãe adolescente*

FOP – *Família de origem do pai*

INEC – *Instituto Nacional de Estadísticas y Censos*

MSP – *Ministerio de Salud Pública*

PNPEA – *Plan Nacional para la Prevención del Embarazo Adolescente*

TCLE – *Termo de Consentimento Livre e Esclarecido*

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	15
2. PERFIL DAS MÃES ADOLESCENTES EM QUITO	22
2.1 Características gerais das mães adolescentes em Quito	22
2.2 Migração e maternidade na adolescência	24
2.3 Inserção no mercado de trabalho	27
2.4 Educação e maternidade na adolescência	28
2.5 Relações de parentesco nos domicílios.....	30
2.6 Características dos chefes do domicílio.....	31
2.7 Condição socioeconômica e maternidade na adolescência	33
3. MARCO TEÓRICO	36
3.1 O período da adolescência	36
3.2 Fatores associados à maternidade na adolescência	39
3.3 O suporte material e de cuidado de filhos de mães adolescentes	41
3.4 O capital social.....	42
3.5 O suporte social.....	44
3.6 Atores na rede de suporte das mães adolescentes	47
3.6.1 A família da mãe adolescente.....	47
3.6.2 Outros atores da rede.....	49
3.7 O suporte da criança por parte do seu pai.....	50
3.7.1 O perfil dos pais de filhos de mães adolescentes	50
3.7.2 Paternidade de adolescentes e jovens	51
3.7.3 O vínculo afetivo mãe adolescente-pai.....	54
3.8 O pai na rede de suporte e na rede social da mãe adolescente	55
3.9 A análise de rede	57
3.9.1 Representação gráfica das redes	60
3.9.2 Sociograma cognitivo.....	61
3.10 Hipóteses	63
3.10.1 Perfil das mães adolescentes e dos pais das crianças.....	63
3.10.2 Família da mãe adolescente nas redes de suporte	64
3.10.3 O vínculo afetivo mãe adolescente – pai e o suporte	65
3.10.4 Centralidade do pai e suporte material e de cuidado.....	65
3.10.5 Suporte material como ideal de paternidade	66
4. MÉTODO	67
4.1 Entrevista estruturada.....	67
4.2 Entrevista em profundidade	68
4.3 Descrição do trabalho de campo	68
4.3.1 População entrevistada	68
4.3.2 Recrutamento	69
4.3.3 Duração das entrevistas	71
4.3.4 Lugar das entrevistas.....	71
4.3.5 Período de realização das entrevistas	71
4.3.6 Processamento da informação	72
4.3.7 Considerações éticas.....	72

4.3.8	Generalização dos resultados	72
4.4	Limitações do estudo	73
4.5	Operacionalização das variáveis e verificação de hipóteses	74
4.6	Verificação das hipóteses	80
5.	RESULTADOS	88
5.1	Perfil de mães adolescentes e dos pais dos filhos.....	88
5.2	Composição das redes de suporte material.....	94
5.3	Composição da rede de suporte de cuidado	101
5.3.1	Suporte de cuidado na ausência da adolescente de segunda a sexta-feira	102
5.3.2	Suporte de cuidado na ausência da mãe adolescente no fim de semana.....	106
5.3.3	Cuidado com presença da mãe adolescente de segunda a sexta..	108
5.3.4	Cuidado com presença da mãe adolescente no sábado ou domingo.....	109
5.4	Vínculo afetivo mãe adolescente – pai e suporte.....	110
5.5	Centralidade e suporte.....	114
5.6	Percepções de paternidade	123
6.	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	127
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	135
	ANEXO A - Formulário de características da adolescente e do pai	142
	ANEXO B - Formulário de características da rede social da adolescente.....	146
	ANEXO C - Formulário de matriz de relações da mãe adolescente.....	150
	ANEXO D - Formulário de diário de atividades	151
	ANEXO E - Roteiro da entrevista em profundidade	152
	ANEXO F - Quadro resumo das variáveis construídas	153
	ANEXO G - Guia para interpretação de sociogramas	163
	ANEXO H - Sociogramas cognitivos egocentrados e redes de suporte	166

1. INTRODUÇÃO

Um tema de crescente preocupação por parte dos estados e dos organismos internacionais, nas últimas décadas, é o aumento da fecundidade adolescente, fato que está presente em vários países da América Latina. Embora tenha sido debatido se existe tal declínio ou se trata-se simplesmente de uma queda mais acentuada na fecundidade nos outros grupos etários, o fenômeno tem gerado uma extensa produção de literatura. Um dos temas estudados em torno da maternidade na adolescência é a forma como as adolescentes ativam redes de apoio para o sustento e a criação dos filhos, diante da ausência do pai da criança em geral.

Na rede da mãe adolescente, a família tem sido reconhecida como o ator principal. Estudos de vários países concluem sobre a importância dos laços de parentesco como suporte informativo para as mães adolescentes, ajuda econômica e de cuidado das crianças. Rodriguez (2005) mostra que a maioria das mães adolescentes no Chile vive com sua família ou com a família do parceiro. Esse autor indica que quanto mais precoce é a maternidade mais importante é o papel da família. No Brasil, vários estudos se referem ao papel da família como suporte para a criação dos filhos (MARANHÃO; GOMES; DE OLIVEIRA, 2012; MARTELETO; NOONAN, 2001; SOARES; LOPES, 2011). Um estudo realizado com mães adolescentes em Quito também reconhece a importância da família (GUIJARRO *et al.*, 1999).

A avó da criança é identificada como a principal fonte de apoio no interior da família. Ela fornece não somente tempo de cuidado, mas também suporte informativo. No Brasil, Marteleto e Noonan (2001) encontram uma considerável porcentagem de crianças que são cuidadas pelas avós. Segundo esse estudo, a preferência que as adolescentes têm de que suas mães cuidem dos filhos está relacionada à crença no compromisso e na união emocional entre avó e neto. Porém, alguns fatores determinariam a ajuda que a avó fornece, como: sua escolaridade, idade, se ela está inserida no mercado de trabalho (MARANHÃO; GOMES; DE OLIVEIRA, 2012), a coresidência e a intensidade do vínculo afetivo entre a avó e a mãe adolescente (VORAN; PHILLIPS, 1993).

Outros atores formam parte da rede da mãe adolescente. Literatura mais recente ressalta o papel que as irmãs, especialmente as mais velhas, têm no suporte da mãe adolescente. Um estudo com mães adolescentes afro-americanas o confirma (GEE *et al.*, 2003). Os vizinhos e os amigos também formam parte da rede. Nos casos em que a família não constitui a rede principal de suporte da mãe adolescente, emergem atores institucionais, como entes governamentais ou não governamentais de ajuda a esta população. Schwartz, McRoy e Downs (2004), por exemplo, analisam as redes de suporte e os tipos de vínculos de mães adolescentes que viveram em albergues nos Estados Unidos. Apesar de que esta população de mães adolescentes teria maior grau de vulnerabilidade, existem poucos estudos sobre elas.

Tanto a ausência como a presença do pai da criança é um tema importante a ser analisado, ao pesquisar a rede de apoio. Mas, em geral, conhece-se pouco sobre o perfil dos pais adolescentes, da forma como eles exercem a paternidade, e as significações e vivências de ser pai (TRINDADE; MENANDRO, 2002). Vários autores chamam a atenção sobre a falta de estudos desse tema e a necessidade de ser desenvolvido. Levandowski (2001) faz uma revisão da literatura internacional com relação à paternidade na adolescência e indica que a proporção de estudos sobre esta população é consideravelmente menor, comparada com a literatura gerada em torno das mães adolescentes, e que boa parte dessa literatura baseia-se na população afro-americana. Essa autora menciona que a maioria dos estudos internacionais que analisa a paternidade na adolescência se concentra na importância da intervenção e do aconselhamento. Segundo a autora, antes do desenho de políticas e serviços para esta população, é necessário aprofundar o conhecimento da situação dos pais adolescentes. Para Trindade e Menandro (2002), tanto as pesquisas acadêmicas como os órgãos governamentais têm ignorado se a população de homens adolescentes são pais. Existe inclusive, segundo Fonseca (1998), uma recusa social em reconhecer que alguns adolescentes se tornam pais.

Alguns estudos descrevem o perfil dos pais adolescentes e indicam que é similar ao das mães adolescentes. Trata-se de homens que têm baixa escolaridade, problemas no desempenho escolar, querem manifestar seu desejo de status simbólico de adulto, procuram aprovação da parceira, apresentam práticas sexuais de risco e

infrequente uso de anticoncepcionais (PASCHAL; LEWIS-MOSS; HSIAO, 2011), viveram maus-tratos, fizeram uso de substâncias, apresentam distúrbios psiquiátricos ou têm comportamento antissocial (LEVANDOWSKI, 2001).

As formas como os pais das crianças inserem-se na rede de suporte também é um tema pouco abordado na literatura, mas alguns estudos se referem às formas como os adolescentes exercem a paternidade. Da mesma forma como acontece na população adulta, para os pais adolescentes é importante cumprir o papel de provedor. Isto é encontrado em estudos realizados na América Latina, no Brasil (HOGA; REBERTE, 2009) e no Chile (GUTIERREZ, 2011). Porém, os adolescentes fornecem recursos na medida das suas possibilidades e limitações, pois eles podem não estar inseridos no mercado de trabalho. Outras formas de paternidade encontradas nesses estudos são o cuidado de crianças e a expressão dos afetos.

A forma em que os pais jovens exercem a paternidade poderia estar relacionada, entre outros aspectos, com o tipo de relação que eles mantêm com as mães. Um estudo realizado com a população adulta nos Estados Unidos conclui que a relação de pais não residentes com as mães dos seus filhos contribui positivamente para seu envolvimento com as crianças (CASTILLO; SARVER, 2009). Uma parte das mães adolescentes não vive casada ou em união, o que tem sido confirmado em estudos de vários países (RODRIGUEZ, 2005). Mas, parte daquelas que não estão em união tem parceiro sentimental. Alguns estudos descrevem a forma do relacionamento entre pais adolescentes e as parceiras (GUTIERREZ, 2011) e das mães adolescentes com seus companheiros (SCHWARTZ; MCROY; DOWNS, 2004). Porém, pouco se conhece sobre esse vínculo afetivo e sua relação com o suporte material ou de cuidado que o pai pode oferecer para a criança, para o caso da população adolescente.

Não se conhece se a presença ou ausência do pai da criança está associada a tipos específicos de estruturas de rede de suporte ou da estrutura da rede social da mãe adolescente (CASTILLO; SARVER, 2009). Podem-se pensar algumas características da rede social da mãe adolescente e da rede de suporte para a criança associadas à presença do pai. Por exemplo, a presença do pai estaria relacionada ao aumento no tamanho da rede, porque a criança pode receber recursos materiais ou tempo de cuidado por parte da família dele. Além disso, ser

parte da rede de suporte da criança pode significar, para o pai, ter vínculos mais estreitos com a família da adolescente. Em contraposição, redes de suporte em que está ausente o pai da criança podem ser de menor tamanho. Neste tipo de rede, os fluxos de suporte viriam de outros atores como família ou instituições. Por outro lado, em alguns casos, a ausência do pai pode também refletir vínculos fracos da mãe adolescente com membros da família dela. Schwartz, McRoy e Downs (2004) indicam que as relações que as adolescentes tiveram com seus pais configuram as relações com outras pessoas.

Um dos instrumentos que permite descrever o tipo de relacionamento entre pessoas, assim como caracterizar esses vínculos, é a análise de rede. Há estudos que, através deste tipo de análise, mostram as formas como se dão as relações de suporte na população adulta e idosa (ARANTES, 2012). Na população de adolescentes e jovens, a análise de rede tem sido usada principalmente para pesquisar a relação entre a rede social e comportamentos de risco (FUJIMOTO; VALENTE, 2012; GEVEN; WEESIE; VAN TUBERGEN, 2013; KOBUS; HENRY, 2010). Este instrumento resulta útil para se observar as características das relações entre os membros da rede e as maneiras como circulam fluxos de suporte material e de cuidado em uma rede social, como o caso das mães adolescentes. Por outro lado ele permite observar, de forma estrutural, mudanças nas propriedades da rede, diante da presença ou ausência de relações como a díade mãe-pai da criança (KADUSHIN, 2012).

As redes de suporte e cuidado de filhos de mães adolescentes é um tema que deve ser abordado no Equador. Como acontece com outros países da América Latina, o país experimentou também um aumento na fecundidade adolescente. A taxa de fecundidade na adolescência subiu de 84 para 100 por 1.000 em 2004 (GOICOLEA *et al.*, 2009). Vários estudos chamam a atenção deste fenômeno no país (EGUEZ, 2005). Equador está entre os países da América do Sul com maiores porcentagens de adolescentes que estão grávidas ou que são mães. Entre os países da sub-região andina, o Equador apresenta a maior taxa de fecundidade adolescente (MSP *et al.*, 2007).

A preocupação pelo aumento da gravidez e maternidade na adolescência tem-se traduzido em políticas e programas encaminhados à prevenção da gravidez

adolescente, tanto no nível internacional como no âmbito nacional. O Estado equatoriano é signatário de vários instrumentos internacionais que visam garantir o exercício dos direitos sexuais e reprodutivos dos e das adolescentes. Em 2007, o país participou do grupo de estados que elaboraram o Plano Andino de Prevenção da Gravidez Adolescente. Tem-se formulado e promulgado instrumentos de planejamento e definido marcos institucionais para operação de políticas em matéria de direitos sexuais e reprodutivos, incluindo a população de adolescentes (MSP *et al.*, 2007).

Em 2007 foi redigido o Plano Nacional para Prevenção da Gravidez na Adolescência – PNPEA e em 2008 foi formado o Comitê Interinstitucional de Prevenção da Gravidez na Adolescência - CIPEA, como uma estratégia de articulação para a execução do PNPEA. Esse plano parte da consideração de que gravidez na adolescência é um problema social e, possivelmente, constitui o principal instrumento de política referente ao tema. O objetivo desse plano é contribuir para diminuir a gravidez em adolescentes, através do fortalecimento institucional dos serviços de saúde, educação e proteção social, em um marco de coordenação interinstitucional e intersetorial, com a ativa participação da sociedade civil. Um dos objetivos específicos desse plano é implementar sistemas de informação da problemática que permita a construção de políticas públicas (MSP *et al.*, 2007).

Esse plano prevê, entre outras atividades, o desenvolvimento de pesquisas qualitativas e quantitativas sobre temas relacionados com a gravidez na adolescência (MSP *et al.*, 2007). Isto demonstra a necessidade de conhecer o fenômeno com maior profundidade para o Equador e suas diversas localidades. Os estudos sobre gravidez e maternidade na adolescência contribuem com elementos para intervenções mais efetivas. Mas, embora no país existam estudos sobre a situação das mães (GOICOLEA *et al.*, 2009), a problemática da paternidade ainda constitui uma lacuna importante. Esse fato é ressaltado por Levandowski (2001) no nível internacional. Segundo essa autora, a falta de conhecimento do tema impede o desenho de intervenções e de serviços.

Os pais das crianças nascidas de mães adolescentes são pouco mencionados no PNPEA, apesar de que um dos seus fundamentos seja a promoção de igualdade entre homens e mulheres. O texto reflete sobre a forma como os contextos desiguais

de gênero colocam as adolescentes em situação de desvantagem para o exercício dos direitos sexuais e reprodutivos. Segundo o documento, as adolescentes devem enfrentar o evento sós, sem responsabilidade masculina alguma. Porém, estas afirmações não são acompanhadas de referências de estudos empíricos sobre os pais das crianças, para o Equador.

Por outro lado, é importante indicar que o PNPEA propõe a integralidade de várias instituições para evitar consequências negativas da gravidez na adolescência. Assim, é considerado o trabalho conjunto de instituições cujos beneficiários são mulheres, jovens ou crianças. Porém, não se observa no texto uma problematização específica do cuidado, da construção de redes de suporte, nem a forma como se inserem as instituições nessas redes. Possivelmente, isto responde a que o plano visa, sobretudo, prevenir a gravidez na adolescência. Na sua análise sobre a produção de estudos de paternidade na adolescência, Fonseca (1998) adverte que essa tendência de focar as políticas unicamente na prevenção ocasiona o detrimento da produção de conhecimento ao redor das formas em que as adolescentes vivem a maternidade.

No Equador existem outros instrumentos que procuram garantir os exercícios dos direitos dos/as adolescentes, como: o Plano Nacional da Educação da Sexualidade, Plano de Ação Política Nacional de Saúde e Direitos Sexuais e Reprodutivos, Plano Decenal de Proteção Integral à Infância e Adolescência, Política Nacional de Direitos Sexuais e Reprodutivos, Programa Nacional de Educação da Sexualidade e o Amor, entre outros (MSP *et al.*, 2007).

Apesar da relevância dos instrumentos com que o país conta para prevenir a gravidez na adolescência, é importante a geração de conhecimento na área. Pesquisas sobre os pais dos filhos de mães adolescentes e as formas de exercício de paternidade no interior da rede de suporte da criança contribuem com insumos importantes para a reflexão de um tema pouco abordado no Equador. Esta informação será de utilidade para aprofundar outros estudos nessa temática e fornecer elementos a serem incorporados em políticas, programas e no desenho de oferta de serviços destinados a mães adolescentes, seus parceiros e suas famílias.

A partir dos antecedentes mencionados, esta tese tem o objetivo de estudar a composição e funcionamento de redes de suporte material e de cuidado para crianças de um grupo de mães adolescentes em Quito, e analisar o papel que os pais desses filhos têm nessas redes. Assim, o objeto de estudo é o suporte material e de cuidado que a criança recebe. Esses tipos de suporte são captados através do estudo da rede da mãe adolescente. É importante mencionar que esta tese não tem a intenção de caracterizar o sustento material e de cuidado por parte da mãe adolescente ou o suporte que ela recebe para si.

Especificamente, através da tese, pretende-se (1) caracterizar o perfil das mães adolescentes e dos pais dos seus filhos; (2) descrever a composição da rede de suporte material e de cuidado para crianças de mães adolescentes; (3) estudar a relação entre suporte material e de cuidado, por parte do pai ou de sua família e a existência de vínculo afetivo entre mãe adolescente e o pai da criança; (4) verificar se o suporte material e de cuidado, por parte do pai da criança, está associado com a inserção dele na rede social da adolescente; e (5) conhecer as percepções que as mães adolescentes têm sobre paternidade.

Este trabalho contém seis capítulos, incluindo a Introdução. No segundo capítulo, constrói-se o perfil das mães adolescentes em Quito a partir do Censo de 2010. O terceiro capítulo descreve os fatores associados à maternidade na adolescência, os principais postulados da teoria do capital social, detalha a utilidade da análise de rede para o estudo do suporte e finaliza com a síntese das hipóteses que orientam a tese. O quarto capítulo indica como foi realizado o trabalho de campo para o levantamento de informação e a forma como as variáveis foram operacionalizadas para a verificação de hipóteses. Os resultados obtidos neste trabalho são detalhados no capítulo cinco. O capítulo seis condensa as conclusões da tese.

2. PERFIL DAS MÃES ADOLESCENTES EM QUITO

Neste capítulo, procura-se conhecer as características das mães adolescentes da cidade de Quito. Para esse fim, a partir dos dados do Censo de 2010, construiu-se o perfil de mulheres que foram mães na adolescência. Assim, são descritas as diferenças nos atributos pessoais e do contexto domiciliar que as mulheres apresentam, dada a condição de terem sido mães nesse período da vida.

A população de estudo está constituída por jovens que tinham de 20 a 24 anos, no momento de levantamento do censo. Não foram estudadas as que eram adolescentes naquela data, dado que isto podia ocasionar viés nas medidas, pois, apesar de que algumas não estivessem grávidas na época do censo, ainda estavam expostas ao risco de vivenciar esse evento durante a adolescência.

É importante mencionar que uma das desvantagens desta forma de análise é que não é possível conhecer algumas características que as adolescentes apresentavam no momento em que ficaram grávidas e foram mães, porque se estuda as mulheres de 20 a 24 anos. Mas, por outro lado, é útil analisar a população de mulheres que passaram pelo período da adolescência e que, no momento do censo, já eram jovens; pois, a partir das suas características, é possível estimar as condições que elas apresentam, possivelmente, em decorrência da maternidade na adolescência.

2.1 Características gerais das mães adolescentes em Quito

Segundo o censo, em 2010 havia 101.541 jovens, entre 20 e 24 anos, residentes em Quito. Uma parte delas não tinha declarado o número de filhos tidos. Estas jovens foram desconsideradas na análise. Também foram retiradas as jovens que foram mães na adolescência, cujos filhos já faleceram. O total de valores perdidos é de 2.61%. Assim, o universo estudado compreende 98.896 mulheres. Aproximadamente 30% das mulheres estudadas foram mães na adolescência (TAB. 1).

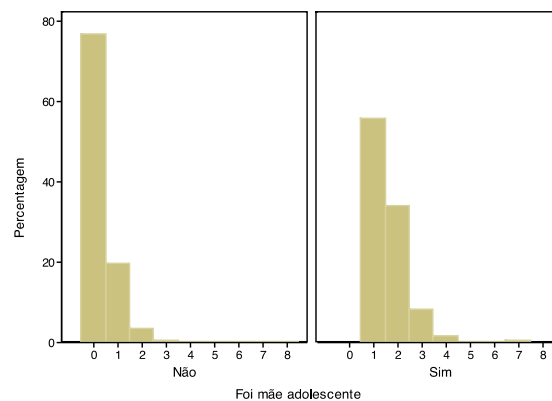
TABELA 1- Mulheres de 20-24 anos que foram mães adolescentes. Quito, 2010.

Mãe adolescente	Frequência	Porcentagem
Não	69.099	69,87
Sim	29.797	30,13
Total	98.896*	100,00

Fonte de dados básicos: INEC, Censo 2010.

Entre as que foram mães adolescentes, a idade mediana ao ter o primeiro filho é de 18 anos. A fecundidade nos primeiros anos do período reprodutivo está associada com o número total de filhos tidos, incluindo os que nasceram nos anos posteriores à adolescência. Na FIG. 1, mostra-se que as jovens que foram mães até os 19 anos, tendem a ter um maior número de filhos entre os 20 a 24 anos, se comparadas com aquelas que não foram mães.

FIGURA 1- Número de filhos tidos por mulheres de 20-24 anos, segundo condição de ter sido mãe adolescente. Censo 2010, Quito.



Fonte de dados básicos: INEC, 2010

Há atributos pessoais que se relacionam com a maternidade na adolescência, como será analisado no capítulo seguinte. No caso da população estudada, encontrou-se relação entre várias características individuais e a condição de ter sido mãe adolescente; uma delas é a etnia. A maior parte das mulheres estudadas se considera mestiça e fala espanhol. Entre as que se consideram indígenas, negras, afro-ecuatorianas, mulatas ou *montúbias*¹, há uma tendência a ter sido mãe adolescente (TAB. 2). Ao analisar outra característica cultural, como a língua, também se observa essa associação. As mulheres cujas mães falam uma língua indígena apresentam uma propensão a ter sido mães adolescentes.

¹ O INEC entende a população montúbia como um coletivo organizado com características próprias da região litoral e zonas subtropicais, que nascem na área rural e constituem uma unidade social orgânica com ideais comuns.

TABELA 2- Etnia segundo condição de ter sido mãe adolescente. Mulheres de 20-24 anos. Quito, 2010.

Etnia	Mãe adolescente			
	Frequência		Porcentagem	
	Não	Sim	Não	Sim
Indígena	2.855	2.135	4,13	7,17
Afro-ecuatoriana	1.748	1.456	2,53	4,89
Negra	258	223	0,37	0,75
Mulata	872	768	1,26	2,58
Montubia	862	722	1,25	2,42
Mestiza	58.890	23.298	85,23	78,19
Blanca	3.366	1.104	4,87	3,71
Otra	248	91	0,36	0,31
Total	69.099	29.797	100,00	100,00

Fonte de dados básicos: INEC, Censo 2010.

No caso das jovens de Quito, a maternidade na adolescência está associada à união conjugal. A maior parte das mulheres que foram mães adolescentes esteve alguma vez casada ou unida. A tendência contrária se observa nas mulheres que não foram mães. A maior parte delas não viveu em união alguma vez (TAB. 3). É importante mencionar que o censo não permite conhecer se a união é posterior à maternidade.

TABELA 3 – Estado civil segundo condição de ter sido mãe adolescente. Mulheres de 20-24 anos. Quito, 2010.

Mãe adolescente	Alguma vez casada ou unida	Nunca casada ou unida	Total
	Porcentagem	Porcentagem	
Não	29,50	70,50	100,00
Sim	81,86	18,14	100,00
Total	45,28	54,72	100,00

Fonte de dados básicos: INEC, Censo 2010.

2.2 Migração e maternidade na adolescência

Uma parte das jovens é migrante. Cinco anos antes do censo, 13,68% das jovens viviam em outra cidade ou parróquia rural, fora de Quito. Elas constituem a população de migrantes internas (TAB. 4). A proporção de migrantes aumenta a mais de 30% se são consideradas, como tal, aquelas que nasceram em outra cidade fora de Quito. Entre as jovens estudadas também há migrantes internacionais. 2,04% das mães viviam em outro país, cinco anos antes do censo, e 2,23% declaram ter nascido em outro país (TAB. 5).

TABELA 4- Lugar de residência cinco anos antes do censo de mulheres de 20-24 anos, segundo a condição de ter sido mãe adolescente. Quito, 2010.

Mãe adolescente	Em Quito	Outro lugar do país	Outro país	Total
	Porcentagem	Porcentagem	Porcentagem	
Não	84,44	13,19	2,37	100,00
Sim	83,93	14,80	1,28	100,00
Total	84,29	13,68	2,04	100,00

Fonte de dados básicos: INEC, Censo 2010.

A migração está relacionada com a condição de mãe adolescente, principalmente no que se refere ao lugar de nascimento das jovens. Há uma tendência a que as jovens que moravam em outra província, cinco anos antes do censo, tenham sido mães adolescentes. Mas, essa tendência é mais evidente quando se observa as jovens que nasceram em outro lugar. Assim, entre as que nasceram em outra província, há uma maior proporção de jovens que foram mães na adolescência (TAB. 5).

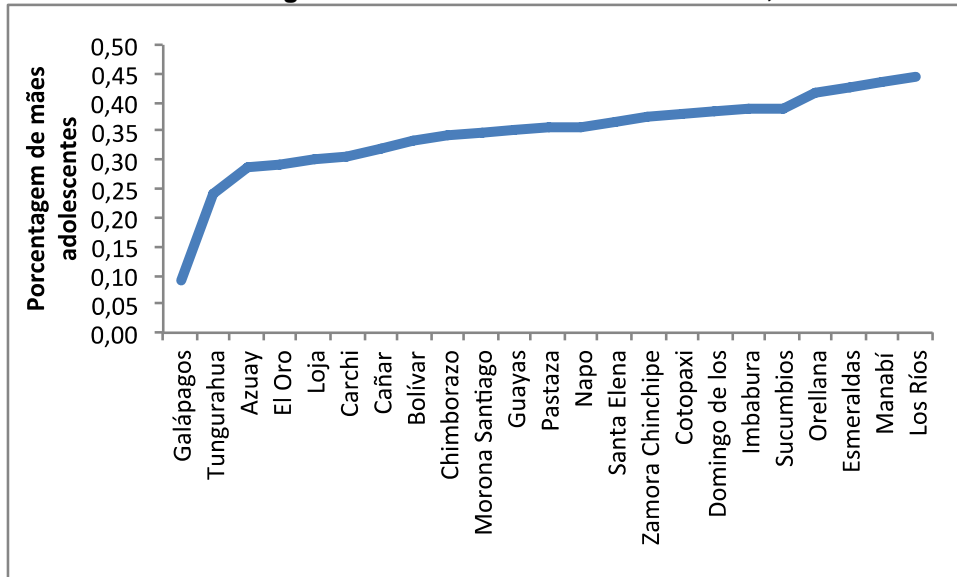
TABELA 5- Lugar de nascimento das mulheres de 20-24 anos, segundo a condição de ter sido mãe adolescente. Quito, 2010.

Mãe adolescente	Pichincha	Outras províncias	Outro país	Total
	Porcentagem	Porcentagem	Porcentagem	
Não	68,08	29,45	2,47	100,00
Sim	59,16	39,15	1,69	100,00
Total	65,39	32,38	2,23	100,00

Fonte de dados básicos: INEC, Censo 2010.

Foi identificada a origem das jovens migrantes internas que foram mães adolescentes. Para isto, calcularam-se as proporções de migrantes que foram mães adolescentes, de acordo com a província em que as jovens nasceram. Orellana, Esmeraldas, Manabí e Los Ríos são as províncias de origem que apresentam maiores proporções de jovens mães na adolescência, entre as migrantes. Mulheres cujas origens são as províncias de Galápagos, Tungurahua, Azuay e El Oro apresentam baixas proporções (FIG. 2).

FIGURA 2- Maternidade na adolescência segundo a província de origem. Mulheres migrantes internas de 20-24 anos . Quito, 2010.



Fonte de dados básicos: INEC, Censo 2010.

O tipo de área da paróquia² de origem da jovem está também associado à condição da mãe adolescente. A maioria de jovens nasceu em uma paróquia que corresponde à área urbana. Mas, aquelas cuja paróquia de origem pertence à área rural, apresentam uma maior tendência a ter sido mães adolescentes (TAB. 6). A maternidade na adolescência também está relacionada com o tipo de paróquia em que a jovem reside no momento do censo. As jovens que vivem em paróquias rurais de Quito têm maiores chances de terem sido mães adolescentes.

TABELA 6– Tipo de paróquia de origem segundo a condição de ter sido mãe adolescente. Mulheres de 20-24 anos. Quito, 2010.

Mãe adolescente	Tipo de parroquia		
	Rural	Urbana	Total
	Porcentagem	Porcentagem	
Não	24,21	75,79	100,00
Sim	27,74	72,26	100,00
Total	25,28	74,72	100,00

Fonte de dados básicos: INEC, Censo 2010.

A relação entre maternidade na adolescência e migração internacional mostra uma tendência contrária à que acontece com a migração interna. No grupo das migrantes

² A paróquia é o menor nível na divisão político administrativa do Equador.

internacionais (que viviam em outro país cinco anos antes da pesquisa ou que nasceram em outro país), é menor a proporção das que foram mães na adolescência (TAB. 4 e 5), comparada com as que não experimentaram a maternidade nessa fase da vida.

2.3 Inserção no mercado de trabalho

No caso da população estudada, a maternidade na adolescência não pareceria ser o motivo que leve às jovens ao mercado de trabalho. Não existe uma clara associação entre ser mãe adolescente e estar trabalhando (TAB. 7).

TABELA 7– Inserção no mercado de trabalho das mulheres de 20-24 anos, segundo a condição de ter sido mãe adolescente. Quito, 2010.

Mãe adolescente	Trabalha					
	Sim	Não	Total	Sim	Não	Total
	Frequência			Porcentagem		
Não	34.671	34.428	69.099	50,18	49,82	100,00
Sim	14.225	15.572	29.797	47,74	52,26	100,00
Total	48.896	50.000	98.896	49,44	50,56	100,00

Fonte de dados básicos: INEC, Censo 2010.

As jovens de 20 a 24 anos que trabalham são, principalmente, empregadas ou obreiras do setor privado. Em menor proporção, elas são empregadas públicas, empregadas domésticas ou trabalham por conta própria. Porém, entre as que trabalham, existem algumas diferenças, dada a condição de ter sido mãe na adolescência. As que foram mães e trabalham são, em maior proporção, empregadas domésticas ou se dedicam a atividades por conta própria. As que não foram mães são frequentemente empregadas ou obreiras do setor privado (TAB. 8).

A partir da informação fornecida pelos dados do censo, não é possível concluir se a maternidade na adolescência limita as jovens a realizar tipos específicos de atividades, ou se essa classe de trabalhos refletem condições econômicas mais deprimidas que enfrentam as jovens que foram mães.

TABELA 8– Tipo de trabalho segundo a condição de ter sido mãe adolescente. Mulheres de 20-24 anos. Quito, 2010.

Tipo de trabalho	Mãe adolescente (Porcentagem)		
	Não	Sim	Total
Empregado/a ou obrero/a s	15,92	10,50	14,23
Empregado/a ou obrero/a s	48,50	55,30	50,62
Diarista	4,24	9,25	5,80
Chefe ou empregador/a	5,62	2,75	4,73
Sócio/a	1,65	1,13	1,49
Conta própria	19,95	16,43	18,85
Trabalhador/a não remuner	0,94	1,21	1,02
Empregado/a doméstico/a	3,18	3,43	3,26
Total	100,00	100,00	100,00

Fonte de dados básicos: INEC, Censo 2010.

Os motivos pelos quais as jovens analisadas não trabalham são diferentes dada a condição de terem sido mães adolescentes. O trabalho doméstico é a atividade que se destaca entre as mulheres que foram mães e que não estão empregadas. Possivelmente, esse tipo de atividade está associado à criação dos filhos. Já aquelas que não foram mães e não trabalham se dedicam principalmente a estudar (TAB. 9).

TABELA 9– Atividade que realizam as mulheres de 20-24 anos que não trabalham, segundo a condição de ter sido mãe adolescente. Quito, 2010.

Atividade	Mãe adolescente					
	Frequência			Porcentagem		
	Sim	Não	Total	Sim	Não	Total
Procurou trabalho pela primeira vez	2.950	1.544	4.494	8,51	10,85	9,19
É rentista, aposentada ou pensionista	55	22	77	0,16	0,15	0,16
É estudante	22.037	2.324	24.361	63,56	16,34	49,82
Realiza trabalho doméstico não pago	8.036	9.727	17.763	23,18	68,38	36,33
Discapacidade lhe impede	421	74	495	1,21	0,52	1,01
Outro	1.172	534	1.706	3,38	3,75	3,49
Total	34.671	14.225	48.896	100,00	100,00	100,00

Fonte de dados básicos: INEC, Censo 2010.

2.4 Educação e maternidade na adolescência

A relação entre maternidade na adolescência e educação será debatida posteriormente. Porém, é importante mencionar que, como em outros contextos, no caso das mulheres de Quito, existe uma associação entre ter sido mãe na

adolescência e ter trajetórias educacionais irregulares ou interrompidas. Unicamente 17,23% das mulheres de 20 a 24 anos, que foram mães adolescentes, frequentavam um estabelecimento de ensino regular, no momento do censo, enquanto mais da metade das jovens que não foram mães adolescentes estavam estudando naquele período. A mediana de anos cursados pelas jovens que foram mães é de 11, enquanto as mulheres que não foram mães apresentam uma mediana de 14 anos cursados.

A maternidade na adolescência está relacionada com o nível educacional atingido, tanto quanto às jovens que estudam atualmente, como quanto às que não estudam. Assim, é maior a porcentagem de jovens que estudavam no ensino secundário, no momento do censo, e tinham sido mães adolescentes, comparada com as que não foram mães. Por outro lado, é evidente a vantagem que as jovens que não foram mães na adolescência apresentam, por atingirem níveis educacionais mais altos. 87,84% das mulheres que não foram mães e que estudavam, no momento do censo (TAB. 10), são alunas do ensino superior, diante de 58,41% das que foram mães.

TABELA 10 – Nível educacional das mulheres de 20-24 anos que estudavam na data de levantamento do censo, segundo a condição de ter sido mãe adolescente. Quito, 2010.

Nível educacional	Mãe adolescente					
	Frequência			Porcentagem		
	Não	Sim	Total	Não	Sim	Total
Nenhum ou alfabetização	95	63	158	0,27	1,24	0,39
Primário	458	293	751	1,29	5,77	1,85
Secundário	3.760	1.757	5.517	10,60	34,58	13,61
Superior	31.151	2.968	34.119	87,84	58,41	84,15
Total	35.464	5.081	40.545	100,00	100,00	100,00

Fonte de dados básicos: INEC, Censo 2010.

Entre o grupo de jovens que não estudavam quando foi levantado o censo, a maioria das que foram mães adolescentes atingiu algum grau do ensino primário ou secundário. Entre as mulheres que não foram mães e que não estudavam também se observa uma alta porcentagem das que ficaram em algum grau do ensino secundário. Porém, a principal diferença observa-se no nível superior de educação. 32,8% das que não foram mães cursaram algum ano do ensino superior. Somente 8,17% das que foram mães e não estudavam no momento do censo, atingiram esse nível (TAB. 11).

TABELA 11– Nível educacional das mulheres de 20-24 anos que não estudavam na data de levantamento do censo, segundo a condição de ter sido mãe adolescente. Quito, 2010.

Nível educacional	Mãe adolescente					
	Frequência			Porcentagem		
	Não	Sim	Total	Não	Sim	Total
Nenhum ou alfabetização	613	470	1.083	1,86	1,92	1,89
Primário	5.015	7.750	12.765	15,25	31,63	22,24
Secundário	16.471	14.282	30.753	50,09	58,29	53,59
Superior	10.785	2.001	12.786	32,80	8,17	22,28
Total	32.884	24.503	57.387	100,00	100,00	100,00

Fonte de dados básicos: INEC, Censo 2010.

2.5 Relações de parentesco nos domicílios

A conformação dos domicílios das jovens que foram mães é diferente dos domicílios daquelas que não foram.³ As mulheres que experimentaram a maternidade na adolescência são, com maior frequência, chefes de domicílio, cônjuges ou noras (TAB. 12). O fato das mulheres viverem em união não significa que elas sejam chefes ou cônjuges do chefe. Pode-se estimar que as mulheres que foram mães enfrentam dificuldades, possivelmente econômicas, para conformar seus próprios domicílios.

As jovens que não foram mães apresentam características diferentes na conformação dos seus domicílios. Assim, mais da metade delas são filhas do chefe do domicílio. Nesta população, a proporção de jovens que são cônjuges do chefe de domicílio é aproximadamente a terça parte das que são cônjuges do chefe e foram mães adolescentes (TAB. 12).

³ O Censo do Equador levanta informação de *hogares* e *viviendas*. No capítulo quatro discutem-se estes termos. Porém, é importante indicar que, neste capítulo, usa-se o termo domicílio como sinônimo de *hogar* e de *vivienda*.

TABELA 12– Relação com o chefe do domicílio das mulheres de 20-24 anos, segundo a condição de ter sido mãe adolescente. Quito, 2010.

Relação	Mãe adolescente (Porcentagem)		
	Não	Sim	Total
Chefe	7,50	11,42	8,68
Cônjuge	19,41	56,64	30,63
Filha	57,35	20,82	46,34
Nora	2,09	3,59	2,54
Neta	2,04	0,83	1,68
Outro parente	8,73	5,29	7,70
Outro não parente	2,21	1,15	1,89
Empregada doméstica	0,60	0,21	0,49
Membro de domicílio coletivo	0,07	0,05	0,07
Total	100,00	100,00	100,00

Fonte de dados básicos: INEC, Censo 2010.

Foi estudada também a relação entre a maternidade na adolescência e a conformação de domicílios com migrantes estrangeiros. Porém, não foi conferida esta associação, na população analisada.

2.6 Características dos chefes do domicílio

Algumas características do chefe do domicílio estão relacionadas com a maternidade na adolescência. Em geral, na população das jovens estudadas, os homens são predominantemente mencionados como chefe do domicílio, mas isto é mais frequente na população de jovens que foram mães, principalmente porque algumas delas vivem em união e seus cônjuges são chefes do domicílio.

Ao estudar os níveis de escolaridade dos chefes do domicílio das jovens, verifica-se, também, uma relação com a condição de maternidade na adolescência. Desta forma, os chefes do domicílio das jovens que foram mães apresentam maiores probabilidades de ter atingido níveis primário e secundário de educação que os chefes de família das jovens que não foram mães. Já os chefes do domicílio das mulheres que não foram mães alcançaram, com maior frequência, o nível superior de educação (TAB. 13).

TABELA 13– Nível educacional dos chefes do domicílio das mulheres de 20-24 anos, segundo a condição delas terem sido mães adolescentes. Quito, 2010.

Nível educacional	Mãe adolescente					
	Frequência			Porcentagem		
	Não	Sim	Total	Não	Sim	Total
Nenhum ou alfabetização	3.377	1.230	4.607	4,89	4,13	4,66
Primário	18.186	10.874	29.060	26,34	36,51	29,40
Secundário	24.080	13.286	37.366	34,87	44,61	37,81
Superior	23.405	4.391	27.796	33,90	14,74	28,13
Total	69.048	29.781	98.829	100,00	100,00	100,00

Fonte de dados básicos: INEC, Censo 2010.

Foi analisado outro aspecto, que dá uma ideia das condições econômicas ou da marginalização do chefe do domicílio, como as tecnologias da informação, o que, por sua vez, pode estar relacionado com baixos níveis de inserção escolar. Trata-se do uso do computador nos últimos meses. Constatou-se ser mais frequente que os chefes de família de jovens que foram mães adolescentes não tenham usado computador nos últimos seis meses (TAB. 14).

TABELA 14– Uso de computador por parte dos chefes de família das mulheres de 20-24 anos, segundo a condição delas terem sido mães adolescentes. Quito, 2010.

Mãe adolescente	Uso de computador					
	Frequência			Porcentagem		
	Sim	Não	Total	Sim	Não	Total
Não	35.150	31.084	66.234	53,07	46,93	100,00
Sim	10.399	17.994	28.393	36,63	63,37	100,00
Total	45.549	49.078	94.627	48,14	51,86	100,00

Fonte de dados básicos: INEC, Censo 2010.

Não é evidente uma associação entre a inserção dos chefes dos domicílios no mercado de trabalho e a condição de maternidade na adolescência das jovens estudadas. A maioria dos chefes dos domicílios das jovens trabalha, porém, observa-se uma certa tendência a uma maior participação no mercado de trabalho dos chefes dos domicílios das jovens que foram mães adolescentes (TAB. 15).

TABELA 15– Inserção no mercado de trabalho dos chefes do domicílio das mulheres de 20-24 anos, segundo a condição delas terem sido mães adolescentes. Quito, 2010.

Mãe adolescente	Inserção no mercado de trabalho					
	Frequência			Porcentagem		
	Não	Sim	Total	Não	Sim	Total
Não	10.389	58.659	69.048	15,05	84,95	100,00
Sim	3.268	26.513	29.781	10,97	89,03	100,00
Total	13.657	85.172	98.829	13,82	86,18	100,00

Fonte de dados básicos: INEC, Censo 2010.

O tipo de atividade que realiza o chefe do domicílio no mercado de trabalho está também associado com a condição da jovem ter sido mãe adolescente. Assim, os chefes do domicílio em que mora uma jovem que foi mãe adolescente apresentam maiores probabilidades de trabalhar como empregados/as ou obreiros/as do setor privado, diaristas, obreiros ou trabalhadores. Em contraposição, os chefes do domicílio de mulheres que não foram mães na adolescência são, em maior proporção, empregados/as ou obreiros/as do setor público, chefes ou empregadores/as ou trabalhadores/as por conta própria (TAB. 16).

TABELA 16– Tipo de trabalho do chefe do domicílio das mulheres de 20-24 anos, segundo a condição de ter sido mãe adolescente. Quito, 2010.

Tipo de trabalho	Mãe adolescente (Porcentagem)		
	Não	Sim	Total
Empregado/a ou obrero/a setor público	15,92	10,50	14,23
Empregado/a ou obrero/a setor privado	48,50	55,30	50,62
Diarista	4,24	9,25	5,80
Chefe ou empregador/a	5,62	2,75	4,73
Sócio/a	1,65	1,13	1,49
Conta própria	19,95	16,43	18,85
Trabalhador/a não remunerada	0,94	1,21	1,02
Empregado/a doméstico/a	3,18	3,43	3,26
Total	100,00	100,00	100,00

Fonte de dados básicos: INEC, Censo 2010.

2.7 Condição socioeconômica e maternidade na adolescência

A literatura indica que as mães adolescentes apresentam falta de autonomia econômica, o que as leva a compartilhar espaços no mesmo domicílio ou *vivienda*. Porém, no grupo estudado, não foi verificado que as jovens que foram mães morem

em domicílios com mais de um *hogar*. Possivelmente, isso se deve ao fato de que são estudadas as mulheres em seus primeiros anos de juventude e não no momento em que foram mães. Se a maternidade aconteceu vários anos antes, é possível que, durante o período transcorrido, elas tenham adquirido maior autonomia e dependência dos domicílios dos seus pais e sogros. É importante mencionar que, em geral, no caso da cidade de Quito, o censo mostra que é baixa a porcentagem dos domicílios nos quais há mais de um *hogar* (menos de 1%).

A maternidade na adolescência está relacionada com a condição econômica, como é amplamente documentado na literatura e como será discutido adiante. Para analisar esta associação no caso das mulheres jovens em Quito, várias características do domicílio foram estudadas, como seu estado físico, a relação entre número de pessoas por quarto e o tipo de domicílio (próprio ou alugado). Verificou-se que as jovens que foram mães na adolescência vivem em domicílios com estruturas físicas em estado regular ou ruim ou são construídos com materiais mais simples. Nos domicílios destas jovens, é mais frequente que duas ou mais pessoas dividam dormitórios e que as casas ou departamentos sejam alugados ou emprestados. Os domicílios das jovens que foram mães têm, com menos frequência, computador e serviços como internet e televisão por cabo (TAB. 17).

TABELA 17– Características do domicílio das mulheres de 20-24 anos, segundo a condição de ter sido mães adolescentes. Quito, 2010.

Característica do domicílio	Mãe adolescente (Porcentagem)		
	Não	Sim	Total
<i>Domicílio tem serviço de internet</i>			
Sim	38,24	11,70	30,24
Não	61,76	88,30	69,76
Total	100,00	100,00	100,00
<i>No domicílio há computador</i>			
Sim	63,95	29,98	53,71
Não	36,05	70,02	46,29
Total	100,00	100,00	100,00
<i>Tipo de domicílio</i>			
Próprio	44,49	21,68	37,61
Próprio (herdado, doado)	8,09	9,15	8,41
Emprestado ou cedido por serviços	9,07	16,10	11,19
Alugado	38,13	52,89	42,58
Anticrese	0,22	0,18	0,21
Total	100,00	100,00	100,00
<i>Número de dormitórios por pessoa no domicílio</i>			
Sem dormitórios	0,74	1,69	1,03
Menos de 2	58,45	28,57	49,44
2 a 3	33,26	47,33	37,50
4 a 5	6,13	19,24	10,08
Mais de 5	1,42	3,17	1,95
Total	100,00	100,00	100,00
<i>Estado do teto do domicílio</i>			
Bom	70,88	61,03	67,91
Regular	25,25	33,07	27,60
Mau	3,87	5,90	4,48
Total	100,00	100,00	100,00
<i>Estado do chão do domicílio</i>			
Bom	72,26	62,42	69,30
Regular	24,97	32,96	27,38
Mau	2,77	4,62	3,33
Total	100,00	100,00	100,00

Fonte de dados básicos: INEC, Censo 2010.

3. MARCO TEÓRICO

3.1 O período da adolescência

O período da adolescência está geralmente associado a transições. Para Lerner e Galambos (1998) trata-se de um período contínuo de mudanças e transformações entre os indivíduos e seus contextos. Compreende processos biológicos como rápidas mudanças de peso e altura da pessoa e variações hormonais (LERNER; GALAMBOS, 1998), assim como transformações emocionais, cognitivas e de comportamento (DIXON-MUELLER, 2008). Estas mudanças são influenciadas por contextos sociais, culturais e históricos (LERNER; GALAMBOS, 1998). Esta fase da vida é identificada também com a formação educacional, requerida para o estabelecimento da economia moderna (FURSTENBERG, 1998), a procura pela autonomia, mudança nos grupos de referência e o desenho de projetos de vida (CEPAL, 2004).

Esta série de transformações acontece em diferentes idades nos distintos grupos populacionais. Por este motivo, não existe consenso dos limites etários que compreendem a adolescência. Por outro lado, nem sempre esse termo é usado para definir a passagem da infância à vida adulta. Em alguns casos, os conceitos *jovem* e *adolescente* são entendidos como sinônimos. As Nações Unidas identificam a juventude no grupo etário de 15 a 24 anos; alguns países da América Latina consideram que esta fase começa aos 12 anos e culmina aos 29 CEPAL (2004). Na análise das tendências da juventude ibero-americana, a CEPAL (2004) toma o critério europeu e identifica a população jovem como aquela que tem de 15 a 29 anos. De forma mais específica, por exemplo, Dixon-Mueller (2008) indica que a demografia baseia-se no grupo etário entre 15 e 19 anos, ao se referir a indicadores de saúde sexual e reprodutiva dos adolescentes. A mesma autora questiona a omissão da população com menos de 15 anos e justifica vantagens de abordar a adolescência entre os 10-19 anos, dividida em três grupos: 10-14, 15-17 e 18-19. Também a Organização Mundial da Saúde considera adolescentes as pessoas que têm entre 10 e 19 anos (OMS, 2014).

Para a análise de fenômenos específicos, como a maternidade na adolescência, é importante estudar alguns aspectos ao definir o limite etário a ser considerado. A idade com que uma mulher tem a menarca e se inicia sexualmente, portanto, começa sua exposição ao risco de engravidar, é um primeiro ponto a ser analisado. Embora seja menor a proporção das mães adolescentes que vive com os parceiros, é importante ter em conta os limites de idade das uniões legais e religiosas. Por outro lado, é importante também conhecer o questionamento, que alguns autores colocam, à aplicação de limites de idade no período da adolescência, no estudo de populações de estratos econômicos diferentes.

Dixon-Mueller (2008) estuda as transições sexual, marital e reprodutiva entre mulheres e homens adolescentes de várias regiões do mundo. Segundo a autora, a idade média da menarca, na maioria de países em desenvolvimento, está entre 12 e 13 anos. Apesar da significância cultural em vários países, o início da menstruação é um limitado indicador de preparação fisiológica para o intercurso sexual. Desde o ponto de vista fisiológico, uma mulher com 14 anos ou menos, é geralmente muito jovem para ter intercurso (DIXON-MUELLER, 2008). Por outro lado, a maioria de países tem legislações da idade mínima para o consentimento sexual, embora estas tenham um caráter mais simbólico (DIXON-MUELLER, 2008). Segundo o Código Penal do Equador, a idade mínima para ter sexo consentido é de 14 anos (EQUADOR, 1971).

Os indicadores sobre a primeira relação sexual nos países em desenvolvimento são variados. Segundo o reporte da mencionada autora, o intercurso precoce é ainda comum em vários lugares da África. Em alguns países dessa região um terço das mulheres entre 20-24 anos tiveram seu primeiro intercurso antes dos 15 anos. Na América Latina, os indicadores mostram diferenças. Na Colômbia, em 2005, a porcentagem corresponde a 12 anos. No Peru, em 2000, 7% das mulheres já tinham tido sua primeira relação sexual antes dos 15 anos. A incidência do primeiro intercurso incrementa-se rapidamente entre os 15 e 17 anos nas regiões analisadas. Na Colômbia, em 2005, 54% das mulheres entre 20-24 anos tinham tido sua primeira relação sexual antes dos 18 anos. No Peru, em 2000, este indicador corresponde a 34%. Esse estudo não inclui dados sobre o Equador.

Alguns contextos culturais exercem pressão sobre as adolescentes para ter filhos o mais cedo possível (DIXON-MUELLER, 2008). Porém, é importante atingir uma idade ginecológica de quatro ou cinco anos depois da menarca para que o corpo esteja preparado para a gravidez. Mulheres com menos de 15 anos geralmente correm altos riscos de complicações obstétricas. O estudo de Dixon-Mueller (2008) indica as porcentagens de mulheres de 20-24 anos que tiveram o primeiro filho antes dos 15 anos. Tanto na Colômbia em 2005, como no Peru, em 2000, só 2% das mulheres dessa faixa etária já tinham tido o primeiro filho antes dos 15 anos. 20% e 14% tinham tido o primeiro filho antes dos 18 anos, respectivamente.

Outro critério levado em conta para definir o limite etário das mães adolescentes é a restrição imposta às uniões legais. A legislação da maioria de países em desenvolvimento permite o casamento a partir de 18 anos, sem o consentimento dos pais (DIXON-MUELLER, 2008). O Código Civil do Equador também considera esse limite. O Código mencionado indica também que o casamento de pré-púberes é nulo (EQUADOR, 2005). Assim sendo, no Equador, uma mulher com 12 anos ou mais, com o consentimento dos pais, poderia se casar. É importante mencionar que além da forma legal, existem outras formas de união como o casamento religioso e a união estável. A Igreja Católica, predominante no Equador, consente o casamento de mulheres com uma idade mínima de 14 anos. Nas uniões de fato, de crescente importância no país (VILLACIS; CARILLO, 2010), não estão impostas restrições de idade.

Alguns autores questionam o fato de entender o período da adolescência da mesma forma, para populações com diferentes características. Assim, Lerner *et al.* (2001) ressaltam a importância de analisar diversidades étnicas e culturais quando se estuda populações de adolescentes. Para estes autores, a maioria da literatura tem partido de amostras de populações de jovens de classe média europeia ou americana. A condição socioeconômica também constitui uma diferença importante entre adolescentes. Um estudo realizado em três cidades brasileiras conclui que nas classes populares há uma precocidade da vida adulta ou uma brevidade da adolescência. Dadas suas condições, os adolescentes de menores estratos econômicos teriam mais estímulos para assumir plenamente o status de adulto (HEILBORN *et al.*, 2002). Estes achados são importantes e serão levados em conta

na interpretação dos resultados. Mas, apesar da relevância do debate, não é possível determinar quais idades compreende a adolescência para populações de escassos recursos ou baixa escolaridade e quais corresponderiam à adolescência em jovens de classes mais avantajadas.

Em geral, na literatura existe consenso em que o limite etário superior da adolescência é os 19 anos (DIXON-MUELLER, 2008; OMS, 2014), mas isso não acontece para determinar a idade em que começa esta fase da vida. Neste trabalho, será entendida como adolescente uma mulher que tenha entre 12 e 19 anos. Como foi mencionado, alguns autores sugerem que desde os 10 anos uma pessoa poderia ser reconhecida como adolescente (DIXON-MUELLER, 2008). Porém, para análise da maternidade nessa parte da vida é importante considerar a possibilidade da mulher poder engravidar, ou seja, de ter tido a menarca. Embora o corpo da mulher ainda não esteja totalmente preparado para a gravidez, conforme discutido acima, nessa idade já existe a probabilidade de ter filho.

3.2 Fatores associados à maternidade na adolescência

A literatura que descreve os fatores associados à maternidade na adolescência é ampla. Contextos socioculturais, características familiares e atributos individuais e comportamentais determinam esse evento (CESARE; RODRÍGUEZ, 2006; PANTELIDES, 2004).

Vários aspectos socioculturais afetam o comportamento sexual e, conseqüentemente, a maternidade na adolescência. As sociedades possibilitam a difusão de valores que legitimam ou limitam práticas relacionadas com a idade de iniciação sexual ou casamento. Em algumas sociedades, por exemplo, a fecundidade na adolescência não é considerada um problema (CESARE; RODRÍGUEZ, 2006; FURSTENBERG, 1998). O pertencimento a um grupo étnico também está associado à maternidade na adolescência. Embora seja difícil distinguir a influência da diferença cultural com a da situação econômica, existem estudos que encontram maiores porcentagens de adolescentes grávidas em populações indígenas em relação às não indígenas, em alguns países (PANTELIDES, 2004).

As leis e os instrumentos derivados delas também são fatores que influenciam a fecundidade na adolescência. Em um estudo da situação da maternidade na adolescência na América Latina, Pantelides (2004) menciona que políticas governamentais e serviços de saúde sexual e reprodutiva afetam as taxas de fecundidade na adolescência.

Outro fator de contexto importante é a área de residência que, por sua vez, está relacionada com o acesso à educação, saúde, trabalho e aos meios de comunicação (CESARE; RODRÍGUEZ, 2006; FURSTENBERG, 1998). Em vários países, como México, Honduras e Peru, as taxas de fecundidade na adolescência são maiores na área rural que na urbana. A pobreza é o fator associado mais importante, ressaltado na literatura sobre gravidez na adolescência, em vários países do mundo e da América Latina (PANTELIDES, 2004; RODRIGUEZ, 2005). Alguns estudos no Equador também concluem sobre a relação entre este fenômeno e a pobreza (GOICOLEA *et al.*, 2009; GUIJARRO *et al.*, 1999).

Algumas características da família da mãe adolescente são estudadas como fatores associados ao evento. Em um estudo realizado na área rural de uma região na Amazônia equatoriana conclui-se que a maternidade na adolescência está associada a: ter morado mais de um ano sem o pai e a mãe, haver-se casado ou unido geralmente antes da gravidez, e ter tido como parentes mães adolescentes (GOICOLEA *et al.*, 2009). Um estudo de adolescentes grávidas, na cidade de Quito, determina outras especificidades das famílias dessas jovens (GUIJARRO *et al.*, 1999). Segundo os autores, as adolescentes que não são mães tendem a morar com seus pais biológicos em maior proporção que as mães adolescentes. Nas famílias de adolescentes que não são mães, existem ambientes de maior coesão familiar, em que os problemas são resolvidos de forma conjunta e a autoridade não está centrada unicamente em uma pessoa, geralmente o pai.

A gravidez e a maternidade na adolescência estão associadas a baixos níveis de escolaridade. Um tema amplamente debatido na literatura estuda se o abandono escolar ou o pobre rendimento acadêmico é causado pela maternidade nas jovens ou se são as condições que ela enfrenta as que a afastam do âmbito escolar antes da gravidez. A dificuldade de estudar cronologicamente qual evento acontece primeiro radica na forma como é levantada a informação nas pesquisas

(PANTELIDES, 2004). Porém, através de um método indireto e com o uso do censo populacional do Chile, Rodriguez (2005) conclui que é mais frequente a deserção escolar depois da gravidez do que o contrário. As jovens que descontinuaram a escola, antes da gravidez, caracterizam-se pela ausência de projetos de vida, diante da falta de oportunidades (PANTELIDES, 2004).

A religião é outro aspecto individual importante ao estudar a maternidade na adolescência. Este fator pode afetar o comportamento sexual, reprodutivo e marital (RODRIGUEZ, 2005). Estudos realizados no Brasil mostram como a filiação religiosa influencia na iniciação sexual (VERONA, 2010; ZANATTA, 2011), assim como na fecundidade na adolescência (MIRANDA-RIBEIRO, DE BARROS LONGO, POTTER, 2010). Outros fatores associados à gravidez e à maternidade na adolescência são comportamentos sexuais de risco, como a iniciação sexual cedo, sexo forçado ou pouco conhecimento da saúde sexual e reprodutiva (PANTELIDES, 2004).

3.3 O suporte material e de cuidado de filhos de mães adolescentes

A literatura ressalta que as mães adolescentes requerem apoio para o suporte material e de cuidado dos seus filhos. Isto por alguns motivos. A adolescência se identifica com a formação no sistema educacional (FURSTENBERG, 1998). A importância outorgada às atividades relacionadas com a educação faz com que os jovens tenham menor tempo disponível para o cuidado dos filhos. Mas, por outro lado, existe uma população de mães adolescentes que não estudam, seja por causa da maternidade ou não. Elas não estão inseridas no mercado de trabalho e dedicam-se, principalmente, ao trabalho doméstico não pago, como é demonstrado por Heilborn *et al.* (2002).

Parte da literatura indica que as mães adolescentes precisam também de suporte informativo para a criação dos filhos, mas, por outro lado, há estudos que indicam que elas desenvolvem destrezas ao cuidar dos seus irmãos, por exemplo.

Para descrever o tipo de ajuda que as mães adolescentes recebem é importante mencionar algumas abordagens que analisam o suporte. Antes, porém, serão

revisados os principais postulados de uma das teorias das quais derivam os estudos do suporte, a teoria do capital social.

3.4 O capital social

Alguns autores como Bourdieu, Coleman, Lin, Flap, Putman, Erickson têm contribuído na discussão sobre capital social, mas, o uso deste conceito é relativamente recente (KADUSHIN, 2012; LIN, 2001). Nan Lin trabalha na construção de uma teoria do capital social. O autor localiza o capital social entre as teorias do capital. Assim, ele analisa primeiramente a abordagem marxista e estuda mudanças significativas nessa teoria, que dão lugar às do capital humano e do capital cultural. A ideia básica de que o capital é um investimento em recursos para a produção de benefícios mantém-se em todas as teorias. Mas, estas teorias mais recentes desviam-se, em alguns aspectos, da teoria marxista para apresentar interpretações alternativas do capital.

Entre outros aspectos, a teoria do capital humano assume que o capital pode residir no indivíduo - e não só no capitalista - e que há escolha do indivíduo baseada no cálculo custo-benefício. A teoria do capital cultural ressalta, entre outros pontos, que a cultura dominante impõe e reproduz seus valores através da ação pedagógica. Algumas diferenças são observadas por Lin (2001) nessas teorias. Segundo o autor, elas diferem, por um lado, na natureza da produção: habilidades e conhecimento, no caso da teoria do capital humano, e valores e normas, na teoria do capital cultural. Por outro lado, estas teorias descrevem de forma diferente os benefícios do investimento: retornos econômicos para os indivíduos, no caso da primeira, e reprodução da cultura dominante, na segunda. Nas duas teorias, o capital é visto como investimento ou produção de atores individuais: independentes, segundo a teoria do capital humano, e doutrinados na adoção de valores dominantes, para a teoria do capital cultural.

Lin (2001) indica que, entre as relativamente recentes abordagens do capital, desenvolve-se uma perspectiva que incorpora as relações sociais, onde é capturado o capital. Deste modo, aparece a noção de capital social. Segundo o autor, esta constitui a terceira deste conjunto de teorias. Nesta revisão teórica são ressaltados,

principalmente, os aportes de Pierre Bourdieu, um dos autores que têm desenvolvido a noção de capital social.

Na sua proposta teórica, Bourdieu estuda as formas como se distribuem os distintos tipos de capital: econômico, cultural, simbólico e social, nas diferentes sociedades. A concepção relacional cobra importância no seu pensamento do social. Assim, o autor conceitualiza o capital social como “o conjunto de recursos atuais ou potenciais vinculados à posse de uma rede duradoura de relações, mais ou menos institucionalizadas de interconhecimento e de inter-reconhecimento, ou, em outros termos, à filiação a um grupo” (BOURDIEU, 2011, p. 221).

A partir dos aportes de Bourdieu e outros autores, Lin afirma que existe consenso ao descrever a noção de capital social, como os recursos existem nas relações sociais, que podem ser mobilizados, quando o ator quer incrementar a probabilidade de sucesso de uma ação específica. Segundo ele, o conceito deve estar concebido em um contexto de rede social e define o capital social como “os recursos embutidos em redes sociais, acessados e usados pelos atores para suas ações” (LIN, 2001, p. 25).

Existem várias fontes de capital social. A partir da revisão de vários autores, Adler e Kwon (2000) resumem quais são. A rede social é reconhecida por vários autores como a principal fonte de capital social. Isto, apesar de que não existe uma única forma de definir o que constitui uma rede social e seus vínculos. Já outros autores enfatizam o papel das normas de reciprocidade generalizada, como a base do capital social (PORTES, 1998; PUTMAN, 1993, *apud* ADLER; KWON, 2000, p. 99). O papel das crenças no capital social é também mencionado pelos autores (PORTES, 1998; NAHAPIET; GHOSAL, 1998, *apud* ADLER; KWON, 2000, p. 99). A ação conjunta e o sentido de comunidade e solidariedade são facilitados quando as pessoas têm visões e interpretações comuns. Finalmente, as instituições formais e as regras têm grande importância no capital social, pois estas influenciam nas outras fontes de capital social mencionadas, configurando as estruturas das redes e direcionando normas, crenças e comportamentos (SALANCIK, 1995; PODOLNY; BARON, 1997; LEVY, 1996 *apud* ADLER; KWON, 2000, p. 100).

O capital social gera também benefícios, tanto nos indivíduos como nos grupos de pessoas. Para Bourdieu (2011) a utilidade direta no curto ou longo prazo é procurada pelos indivíduos, de forma consciente ou inconsciente, quando eles criam uma rede de vínculos, como uma estratégia de inversão social. Alguns benefícios de possuir capital social são: circulação de informação, influência, controle e solidariedade social (SANDEFUR; LAUMANN, 2000). Aqui se dá ênfase a este último tipo de benefício.

A solidariedade social emerge entre pessoas quando há um grau de confiança e compromisso. Existe na base de valores e normas culturais que realçam a importância do apoio entre indivíduos, mas também a solidariedade surge a partir de condições dadas pela interação repetida entre atores ao longo do tempo, em que se vai gerando confiança e obrigações mútuas (SANDEFUR; LAUMANN, 2000).

A solidariedade social é um tema que tem sido abordado tendo em vista a escala que caracteriza os beneficiários: seja no nível de grandes comunidades e populações ou em indivíduos. Neste trabalho, ressalta-se esta última perspectiva. Existe uma ampla literatura que aborda a solidariedade desde esta visão individual. Trata-se dos estudos sobre o suporte social (SANDEFUR; LAUMANN, 2000). A seguir são abordadas algumas perspectivas teóricas do suporte social.

3.5 O suporte social

O conceito de suporte social é considerado por vários autores como um termo difuso (BARRERA, 1986). Há estudos que indicam que esta noção é confundida ou se sobrepõe a outros termos como rede social, intervenção social (GOTTLIEB; BERGEN, 2010) ou capital social (KADUSHIN, 2012). Já em 1986, Barrera chama a atenção da necessidade de definir com maior clareza o conceito. Isto ajudaria a conciliar inconsistências encontradas em alguns resultados dos estudos sobre o tema, reduzir as fontes de confusão da noção e definir da melhor forma os métodos a serem aplicados. Em literatura mais recente, há esforços por contextualizar o suporte social em diferentes perspectivas e conceitualizá-lo em relação a elas (GOTTLIEB; BERGEN, 2010; LAKEY; COHEN, 2000).

Neste trabalho, resume-se uma classificação das teorias de suporte realizada por Lakey e Cohen (2000). Segundo esses autores existem três perspectivas do suporte social: 1) de enfrentamento ao estresse; 2) construcionista social; e 3) relacional. Os autores afirmam que outras abordagens de pesquisa mais específicas se encaixam nessas grandes perspectivas.

A perspectiva do **enfrentamento ao estresse** indica que o suporte reduz os efeitos que o estresse tem na saúde, através das ações dos outros, ou da crença de que o suporte está disponível. Outras abordagens que formam parte desta perspectiva são: a) *ações de suporte*, que afirmam que o suporte social será efetivo se o apoio corresponde às demandas do fator estressante; e b) *avaliação*, que implica que o apoio social contribui a que a pessoa interprete situações estressantes de uma forma menos negativa.

Já a perspectiva do **construcionismo social** parte do pressuposto de que as percepções acerca do mundo não refletem a realidade última e, sim, o seu contexto social. Portanto, há diferenças individuais e grupais em como as pessoas interpretam o mundo. Assim, esta perspectiva sugere que não existe consenso entre as pessoas ou os grupos sobre o que constitui o comportamento de suporte. Os autores incluem duas abordagens nessa perspectiva: a) *social cognitivo* e b) *interacionismo simbólico*. A primeira afirma que a percepção do suporte é influenciada pela forma como o receptor interpreta as características do provedor suporte. Assim, um mesmo comportamento de suporte pode ser percebido de forma diferente por dois indivíduos. Para interacionismo simbólico, são os ambientes sociais, mais do que a provisão do suporte per se, os que promovem o bem-estar para as pessoas, pois estes lhes outorgam sentido de identidade e significação do mundo.

As duas perspectivas mencionadas anteriormente fornecem alguns elementos que serão levados em conta neste trabalho, mas esta tese analisa o suporte social desde uma terceira perspectiva, a **relacional**. Esta ressalta o suporte como parte de processos de vínculo entre as pessoas (LAKEY; COHEN, 2000). Como Gottlieb e Bergen (2010) indicam, “o suporte não reside no provedor e simplesmente passa para o receptor, é uma expressão das características de afeto e mutualidade das relações entre as partes” (p. 512). Dada a importância dos vínculos, esse tipo de

estudos analisa a relação entre as características da rede social dos indivíduos e o suporte que eles recebem. Assim, procura-se conhecer o grau de integração de uma pessoa em um grupo social. Desta forma, são estudadas as propriedades estruturais da rede, como sua densidade, centralidade e interconexão (GOTTLIEB; BERGEN, 2010).

A disponibilidade de vínculos que sejam potenciais provedores de suporte pode levar o indivíduo a sentir confiança e decidir procurar ajuda neles, mas é importante ter cuidado ao tratar a rede social como sinônimo de suporte. Barrera (1986) argumenta que o fato de haver pessoas em uma rede social não significa que estes vínculos forneçam suporte efetivamente. Portanto, além de conhecer as pessoas que são parte da rede, é primordial identificar quem fornece o apoio (BARRERA, 1986; GOTTLIEB; BERGEN, 2010).

Um dos aspectos importantes ressaltados pela abordagem relacional do suporte é a associação entre o tipo de vínculo do provedor do suporte e a classe de suporte que a pessoa recebe. Tipos de relações específicas favorecem distintas formas de suporte. Por exemplo: vínculos com parceiros afetivos ou com membros da família estão relacionados com suporte afetivo e de cuidado (GOTTLIEB; BERGEN, 2010), enquanto vínculos mais distantes proveem as pessoas de suporte informacional. Mas, em geral, os vínculos mais próximos tendem a ser fontes de todos os tipos de suporte (GOTTLIEB; BERGEN, 2010).

Alguns tipos de suporte social são reconhecidos na literatura. Schaefer, Coyne e Lazarus (1981) classificam o tipo de suporte em emocional, tangível e informacional. Segundo esses autores, o suporte emocional inclui intimidade, segurança e confiança, se sentir cuidado, amado ou parte de um grupo. O suporte tangível envolve ajuda direta ou serviços e inclui empréstimos, dinheiro, bens e provisão de serviços, como o cuidado de pessoas. O suporte informacional envolve conselho ou informação que pode ajudar uma pessoa a resolver um problema. Este trabalho se centrará no suporte social tangível para os filhos de mães adolescentes, especificamente bens materiais e tempo de cuidado.

3.6 Atores na rede de suporte das mães adolescentes

A legitimidade social da identificação da mulher no trabalho reprodutivo tem sido explicada por abordagens de gênero. Scavone (2001) resume as mudanças que têm acontecido na relação mulher-maternidade. A autora indica que, no século XIX, consolida-se uma ideologia que exalta o papel natural da mulher como mãe, que lhe atribui a obrigação da criação dos filhos, limitando sua função social à realização da maternidade. Durante o século XX, a mulher tem mais acesso à educação e formação profissional e a ocupar o espaço público. Mas, apesar disso e dos avanços tecnológicos na contracepção, ainda assume-se que a mulher tem uma capacidade natural e instintiva, desconsiderando que são as relações de poder, circunstâncias e interesses que têm construído a mulher como primeira responsável pelos cuidados da criança (MILLER, 2007). Essa responsabilidade na criação dos filhos, associada à percepção do amor materno entendido historicamente, como naturalmente instintivo (BADINTER, 1991), também é assumida no caso das mulheres mais jovens, atualmente em vários contextos.

Essa responsabilidade das adolescentes, como mulheres, no cuidado dos filhos entra em conflito, em alguns casos, com outras responsabilidades. Uma das atividades priorizadas por adolescentes e jovens é a educação, principalmente nos grupos de classe média alta (CHACHAM; MAIA; CAMARGO, 2012). Já nas camadas de menos recursos econômicos, elas estão confinadas, geralmente, à realização de trabalho doméstico, como mostram pesquisas realizadas em várias localidades do Brasil, e com poucas oportunidades para se inserir no mercado de trabalho (CEPAL, 2004). Diante dessa responsabilidade, da falta de autonomia econômica e, em alguns casos, na ausência dos parceiros, as mães adolescentes precisam de apoio para suporte material e de cuidado dos filhos. A seguir, são mencionados os principais atores na rede de suporte das mães adolescentes.

3.6.1 A família da mãe adolescente

O suporte está relacionado com a força dos vínculos entre duas pessoas (GOTTLIEB; BERGEN, 2010). A família é o ator principal no apoio das mães adolescentes na criação dos seus filhos, como é documentado extensamente por estudos empíricos (MARTELETO; NOONAN, 2001; RODRIGUEZ, 2005; SOARES;

LOPES, 2011). Para Milardo, Johnson e Huston (1983), as relações com os parentes envolvem intensa interação e dependências mútuas. Wajnman (2012) afirma que a força dos vínculos entre as pessoas está relacionada com o parentesco, e que essas relações familiares são importantes para apoio no sustento material e de cuidado, ultrapassando inclusive limitações dadas pela distância espacial entre as pessoas. Assim, a ajuda que a mãe adolescente recebe da sua família pode ser, ao menos em parte, explicada pelas características dos vínculos entre seus membros.

No interior da família, quem contribui com o cuidado da criança é, principalmente, a avó materna. Estudos realizados em vários países mostram a importância desse ator: no Brasil (ABREU, MIRANDA-RIBEIRO, CÉSAR, 2000; MARTELETO, NOONAN, 2001; TRINDADE, MENANDRO, 2002), Peru (TRAVERSO, 2007), Equador (GUIJARRO *et al.*, 1999), em algumas comunidades de população afro-americana (VORAN, PHILLIPS, 1993). Esse suporte dado pela avó materna pode ser explicado pela qualidade da relação entre a mãe adolescente e sua mãe. Chan e Elder Jr. (2000) indicam como as relações matrilineares facilitam vínculos mais fortes entre avós maternas e seus netos. Dessa forma, as adolescentes acodem às suas mães porque confiam na qualidade do cuidado da criança, dadas às emoções comprometidas (MARTELETO, NOONAN, 2001).

Por outro lado, algumas características da avó estão relacionadas com a oferta de cuidado dos netos. A proximidade espacial favorece a disposição de cuidado por parte das avós. Mulheres que moram perto das suas mães, ou corresidem com elas, terão mais possibilidades de receber ajuda para o cuidado dos filhos (BARNETT *et al.*, 2010). A migração também condiciona um menor apoio das avós com o cuidado dos netos, como é confirmado por Marteleto e Noonan (2001), no caso brasileiro. A idade da avó é outro aspecto que afeta sua disponibilidade de cuidado. Avós de maior idade padecem problemas de saúde com mais frequência e, portanto, ofereceriam menor tempo de cuidado. Avós com maior nível educacional também teriam menor vontade para contribuir com o cuidado, pelo custo de oportunidade que essa atividade representa (MARTELETO; NOONAN, 2001).

Os tios da criança contribuem também com o suporte. Esse ator é estudado com menos frequência na literatura sobre o suporte. Segundo Gee *et al.* (2003), os tios

constituem importantes fontes de informação e suporte emocional para as mães adolescentes. No entanto, existem diferenças no apoio que as/os irmãs/ãos oferecem, dependendo de alguns fatores demográficos. O papel das/dos irmãs/ãos é importante em famílias em que o suporte adulto é limitado ou indisponível. A ordem de nascimentos e sexo dos tios da criança com relação à mãe adolescente são outros elementos ressaltados pelos autores. As/os tias/os mais velhas/os da criança dão mais apoio que os mais novos, mas são principalmente as irmãs mais velhas da mãe adolescente que oferecem maior suporte.

Para Gee *et al.*, (2003) o que explica o apoio que as mães adolescentes recebem dos seus irmãos está dado pelas características das relações entre irmãos. Diante de eventos difíceis, as/os irmãs/ãos proveem uma atmosfera de diversão e de defesa mútua. A gravidez e a maternidade de adolescentes implicam, em alguns casos, conflitos e tensão entre elas e seus pais. Nesses cenários, os vínculos com os irmãos constituem escudos protetores. Por outro lado, as novas responsabilidades de mães adolescentes as induzem a ficar mais tempo em casa, incrementando assim o contato com seus irmãos. A maior proximidade das mães adolescentes com as irmãs mais velhas deve-se, segundo os autores, a que as relações irmã-irmã são mais fortes que as relações irmão-irmã, mesmo fora do contexto da maternidade.

Com menos frequência, a bibliografia revisada identifica outros atores da família na rede de suporte maternidade e de cuidado de crianças de mães adolescentes, como a bisavó da criança ou as tias da mãe adolescente.

3.6.2 Outros atores da rede

Uma parte da população de mães adolescentes não conta com o suporte dos parentes mais próximos. Uma meta-análise de estudos de mães adolescentes que vivem sem lar caracteriza esta população (MEADOWS-OLIVER, 2006). Trata-se de jovens que experimentaram violência física, emocional ou sexual, ou estão em situações de risco enfrentando pobreza extrema, consumo de drogas por parte delas ou dos seus familiares, entre outros. Essas jovens têm morado em lugares com diferentes parentes, em casas de proteção ou em albergues, durante a infância ou na adolescência, devido a que seus pais não tinham possibilidades físicas ou

emocionais de cuidá-las, ou negligenciavam diante de abusos severos, ao ponto de não oferecer suficiente proteção para as jovens.

Os vínculos que estas jovens têm com outras pessoas, geralmente são fracos. Meadows-Oliver (2006) indica os resultados de vários estudos que mostram que as adolescentes se sentem sós. Por um lado, as relações com as famílias são frágeis, conflitivas ou inexistentes. Por outro lado, elas se sentem isoladas dos amigos, pelas responsabilidades que traz a maternidade. Além da transição que a maternidade traz nas suas vidas, elas enfrentam a situação de não ter lar. Assim, parte delas procura ou é levada para programas públicos ou organizações privadas. Nesses casos, as instituições são as principais fontes de suporte informativo, material e de cuidado para as jovens e seus filhos.

Outros atores que contribuem com o suporte material ou de cuidado de filhos de mães adolescentes são as amigas ou vizinhas das mães adolescentes. As creches são também opções que as adolescentes têm para encarregar o cuidado dos filhos enquanto estudam ou trabalham, principalmente, na falta da ajuda dos membros da família.

3.7 O suporte da criança por parte do seu pai

3.7.1 O perfil dos pais de filhos de mães adolescentes

Como já mencionado, a literatura que estuda os pais jovens é consideravelmente menor se comparada com a que se refere às mães adolescentes e jovens (BUNTING, MCAULEY, 2004; FUTRIS, NIELSEN, OLMSTEAD, 2010; LEVANDOWSKI, 2001). Existem estudos que descrevem os pais adolescentes, principalmente, na literatura norte-americana. Mas, acredita-se que só uma parte dos pais de crianças de mães adolescentes sejam também adolescentes. Outra parte já atravessa os primeiros anos da juventude. A partir da sua revisão de estudos norte-americanos e britânicos, Bunting e McAuley (2004) indica que os pais de filhos de mães adolescentes são geralmente mais velhos. Pesquisas que descrevam de forma específica esses pais foram escassas. Dada essa limitação, este referencial teórico baseia-se, principalmente, em literatura sobre pais adolescentes e em alguns estudos sobre pais jovens.

As características associadas com a paternidade na adolescência são similares às da maternidade nessa fase da vida (PASCHAL, LEWIS-MOSS, HSIAO, 2011). Em um estudo longitudinal realizado nos Estados Unidos, Xie, Cairns, e Cairns (2001) encontram características correlacionadas, nos primeiros anos da adolescência, que determinam a paternidade nos anos futuros da adolescência. Estas são: agressividade, baixo nível acadêmico, ter idade superior à dos pares do seu grau na escola e baixo status socioeconômico. Um interessante achado deste estudo é que, o risco do adolescente ser pai aumenta quando as características mencionadas também estão presentes nos seus pares da rede social. Outros estudos relacionam a paternidade na adolescência com comportamentos de risco como: condutas antissociais, práticas sexuais inseguras e infrequente uso de anticoncepcionais (LEVANDOWSKI, 2001; PASCHAL *et al.*, 2011).

Uma das importantes diferenças entre mães adolescentes e os pais dos seus filhos é que eles estão melhor inseridos no mercado de trabalho. Baseado na população norte-americana, Lerman (2010) indica que no momento da gravidez, geralmente, os pais jovens solteiros, não trabalham. Isso pode significar que a necessidade pelo sustento da criança leva alguns pais a entrar no mercado de trabalho. Não obstante, algumas pesquisas mostram resultados diferentes. Em um estudo realizado em três cidades do Brasil, Heilborn *et al.* (2002) indicam que o engajamento no mercado de trabalho, por parte dos jovens pais, precede o nascimento do filho, principalmente, nos grupos de escassos recursos econômicos. Outras pesquisas revelam que os trabalhos que os jovens realizam correspondem a salários baixos e sem vínculo formal empregatício (HOGA; REBERTE, 2009).

3.7.2 Paternidade de adolescentes e jovens

Nas palavras de Levandowski (2001), existe uma anulação social dos pais adolescentes e, em consequência, um silêncio e uma falta de conhecimento sobre o fenômeno. Como foi mencionado anteriormente, é baixa a incidência de estudos sobre paternidade. Por outro lado, as pesquisas referentes ao tema estudam os pais adolescentes desde uma perspectiva deficitária. Eles são caracterizados na medida em que não alcançam as condições ideais para enfrentar a gravidez das suas parceiras e a paternidade (PASCHAL *et al.*, 2011), sem serem reconhecidas algumas dificuldades que esta população enfrenta ao cumprir o papel de pai.

Os estereótipos formados dos pais adolescentes e jovens os caracterizam como pouco comprometidos com a gravidez, formando parte de relacionamentos casuais e raramente envolvidos no cuidado e na educação dos filhos (LEVANDOWSKI, 2001). É importante estudar, com maior profundidade, os motivos pelos quais há escasso envolvimento por parte dos pais jovens com seus filhos. Enfrentar a paternidade, sendo adolescentes ou jovens, pode-se constituir para eles uma circunstância difícil de lidar. Da mesma forma que as mães adolescentes, os pais, sentem que, além de enfrentar o desafio da paternidade, devem atravessar as dificuldades da transição própria da adolescência (GUTIERREZ, 2011).

Por outro lado, existem condições que limitam esses jovens para exercer a paternidade. O fato de eles serem estudantes ou terem empregos com baixos salários limita as possibilidades para os jovens cumprirem a função socialmente mais importante da paternidade, a de provedor (FONSECA, 1998). Uma pesquisa mostra que eles sentem frustração ao não conseguirem sustentar economicamente seus filhos, o que, em alguns casos, ocasiona seu afastamento da mãe adolescente e da criança (BUNTING, MCAULEY, 2004). Além disso, os pais jovens se desenvolvem em contextos em que as normas sociais configuram noções do masculino que alienam o homem dos sentimentos, do afeto e das relações humanas que envolvem cuidados (FONSECA, 1998) e priorizam seu papel de provedor (WEBER, 2012). Desta forma, são impostas barreiras para que os jovens pais exerçam outras formas de paternidade diferentes ao do suporte material, como cuidar, brincar com a criança ou demonstrar afeto.

Apesar de que uma parte dos pais adolescentes e jovens está ausente na vida das crianças, outra parte exerce a paternidade de diversas formas. Tanto na literatura norte-americana (FURSTEMBERG, 1992; PASCHAL, LEWIS-MOSS, HSIAO, 2011) como em estudos realizados na América Latina (GUTIERREZ, 2011), a paternidade que os adolescentes e jovens exercem é principalmente no sustento material da criança. Pesquisas qualitativas mostram a prioridade que tem, para os pais jovens, a função de provisão econômica para o sustento da criança (BUNTING; MCAULEY, 2004). Por outro lado, as mães adolescentes também consideram importante a provisão material como forma de exercer a paternidade.

O fato dos pais adolescentes e jovens verem como importante seu papel de provedor não significa que, efetivamente, eles forneçam sempre todos os bens necessários para a criança. Ao descrever os pais adolescentes afro-americanos, Paschal *et al.* (2011) mostram que há jovens que fazem contribuições substanciais para seus filhos e inclusive para as mães adolescentes. Outros proveem de alguns bens tangíveis, com certa frequência ou esporadicamente, através da ajuda de membros das suas famílias. Por outro lado, este estudo revela que, apesar dos pais estarem interessados em prover suporte material, eles esperam que a mãe adolescente ou sua família também contribuam.

Nos estudos de pais jovens são observadas outras formas de paternidade que envolvem atividades de cuidado das crianças, mostras de afeto ou práticas lúdicas com as crianças. A pesquisa de Paschal *et al.* (2011) aponta que alguns pais adolescentes definem a paternidade como “estar aí”, passar tempo de qualidade com a criança e estar envolvido em atividades de cuidado do filho, como alimentá-lo, vesti-lo e prepará-lo para dormir. Em um estudo qualitativo realizado com pais adolescentes, no Chile, se apresentam os significados que eles dão à paternidade. Para eles, ser pai implica, principalmente, ter uma relação afetiva com a criança e o desejo de que essa seja permanente (GUTIERREZ, 2011). Estas formas de paternidade não são mutuamente exclusivas. Pais que consideram importante cuidar dos filhos também identificam a paternidade como “ser provedor” (PASCHAL *et al.*, 2011). Inclusive marcos institucionais e jurídicos de alguns países ressaltam a importância do pai não só como provedor, mas também como cuidador, como ressalta Viera (2012).

Existem características do pai associadas ao exercício da paternidade. O nível de envolvimento do pai com a criança está relacionado com a percepção que ele tem sobre o papel de pai (BUNTING; MCAULEY, 2004). Estar inserido no mercado de trabalho (BUNTING; MCAULEY, 2004) e seu nível de renda (LERMAN, 2010) também são fatores importantes. A escolaridade é outro aspecto mencionado na literatura. Homens jovens com maior escolaridade se identificam mais com o papel de pai que eles declaram ideal (LERMAN, 2010). A coresidência é outro elemento destacado. Pais que vivem com a criança destinam consideravelmente mais tempo e dinheiro a ela que aqueles que não moram com o filho.

3.7.3 O vínculo afetivo mãe adolescente-pai

Além dos atributos pessoais dos pais, há fatores que explicam seu envolvimento com a criança. Na população adulta, tem sido documentada a associação existente entre a forma da relação entre o pai e a mãe e o envolvimento dele com o filho. Castillo (2010), por exemplo, conclui que a relação de pais não residentes com suas primeiras esposas ou parceiras contribuem a incrementar o estabelecimento da paternidade. Alguns autores sugerem que isto acontece também na população de mães e pais adolescentes (FUSTEMBERG, 1992; PASCHAL *et al.*, 2001; BUNTING; MCAULEY, 2004).

As relações românticas na adolescência têm sido caracterizadas por ser instáveis e de curta duração. Porém, já foi questionado que este tipo de relações é estudado a partir de perspectivas que têm como referência o amor romântico em relações de adultos, como afirmam Shulman e Kipnis (2001). Para estes autores, as relações românticas no período da adolescência têm especificidades. Os e as adolescentes entendem as relações românticas mais em termos de amizade e companhia, que em função da intimidade e suporte. Mas, existem diferenças por gênero, na percepção das relações românticas. Mulheres adolescentes reportam ter mais altos níveis de intensidade romântica e valorizam mais o compromisso e o cuidado nas relações que seus parceiros (SHULMAN; KIPNIS, 2001).

Estas especificidades próprias das relações afetivas na adolescência, os desafios da transição para a vida adulta e as atividades relacionadas com a criação dos filhos podem ser fonte de conflito entre a mãe adolescente e o pai da criança. Bunting e McAuley (2004) indicam que, no caso norte-americano e britânico, poucas relações entre adolescentes que são pais resultam em união formal e que boa parte dessas resulta em quebra da coabitação ou fim do relacionamento. Estes autores afirmam que, em geral, as relações entre pais adolescentes vão decaindo ao longo do tempo, assim como o contato entre pai e filho. Outras pesquisas realizadas nos Estados Unidos confirmam esse fato (LERMAN, 2010).

Por outro lado, as relações afetivas são importantes na adolescência. A existência do vínculo afetivo entre a mãe adolescente e o pai da criança pode determinar o envolvimento do pai com o filho da mãe adolescente e a ajuda no cuidado e no

sustento material por parte daquele. Isto porque o contato frequente entre o pai e a mãe da criança, dado pelo vínculo afetivo, favorece também o contato entre pai e filho. Desta forma, pensa-se que o pai teria mais disponibilidade de contribuir com o cuidado. O suporte material também pode responder não só ao vínculo pai-criança, mas também ao vínculo amoroso entre pai e mãe adolescente. Lin (2001) afirma que os recursos ou a ajuda que uma pessoa recebe estão relacionados aos laços sociais com quem a pessoa tem fortes sentimentos.

Como foi mencionado, existem importantes dificuldades que os homens adolescentes e jovens enfrentam para contribuir com o suporte material e de cuidado. Porém, é possível pensar que a existência do vínculo afetivo na díade pai-mãe e o conseqüente vínculo pai-filho fazem com que os pais desenvolvam estratégias que permitam contribuir com o suporte. Pesquisas sobre a disponibilidade do suporte dos pais jovens são escassas, mas algumas pesquisas sugerem que os membros da família deles são fontes de ajuda financeira e informativa sobre as atividades de cuidado. Os avós paternos são de especial ajuda, principalmente, a avó paterna (BUNTING; MCAULEY, 2004).

3.8 O pai na rede de suporte e na rede social da mãe adolescente

Como foi mencionado, uma parte dos pais das crianças contribui com recursos materiais e de tempo de cuidado ou os mobilizam a partir das próprias relações. A presença deles determina que a rede tenha características específicas. Assim, a rede é, provavelmente, mais ampla e diversa, pois se incluem membros da família dele. A natureza dos vínculos na rede de suporte também é diferente, dada a presença do pai. Na ausência do pai, os vínculos de quem fornece suporte material e de cuidado provêm de laços de consanguinidade com a mãe adolescente. Nos casos em que os pais da criança dão suporte, os fluxos de suporte provêm de vínculos de parentesco dele e não unicamente da mãe adolescente. Por outro lado, a presença do pai e da família dele na rede de suporte permite ter acesso a fontes adicionais de recursos econômicos (BUNTING; MCAULEY, 2004), o que possibilita que creches ou pessoas remuneradas façam parte da rede de cuidado.

Não se encontrou literatura sobre a dinâmica do funcionamento da rede de suporte associada à presença do pai da criança. A bibliografia estudada ressalta o papel da

família da mãe adolescente. Assim, pode-se presumir que a entrada do pai na rede de suporte não substitui o apoio da família da adolescente, o complementa. Por outro lado, o pai da criança pode entrar na rede para resolver o problema de falta de sustento material ou de tempo na família dela, dado pelo tipo de arranjo familiar ou pelas condições econômicas da adolescente.

Além do papel que o pai tem na rede de suporte da criança, é importante também saber como ele toma parte na vida da mãe, ou seja, como ele está inserido na rede social da adolescente. Não se encontrou bibliografia a respeito, mas pode-se cogitar que existe uma relação entre a existência do laço afetivo-romântico entre o pai da criança e a mãe adolescente e o fortalecimento de vínculos entre ele e os parentes e amigos da mãe adolescente. Milardo, Johnson e Huston (1983) indicam como o compromisso nas relações afetivas ocasiona maior interação do homem ou da mulher com os parentes do parceiro.

O maior suporte material e de cuidado por parte do pai pode estar também associado a uma maior “popularidade” ou centralidade dele no mundo da adolescente. Se o pai contribui com o suporte material e especialmente de cuidado, ele mantém um contato mais frequente com a família da mãe adolescente, o que pode aumentar a centralidade que ele tem no mundo dela. Da mesma forma, pais que não contribuem no sustento das crianças podem ser rejeitados pelos parentes e amigos da mãe adolescente, diminuindo os vínculos dele na rede social da adolescente, gerando assim baixa centralidade do pai.

Mas, por outro lado, o pai da criança pode ter criado vínculos com membros da rede social da adolescente, antes dela experimentar a maternidade. Nesse caso, o suporte que o pai da criança dá pode ser produto da intensidade do laço com a mãe adolescente e com a criança e da proximidade dos vínculos com a família dela. De igual modo, um menor suporte por parte do pai da criança pode estar relacionado com a fraqueza dos vínculos com a família da mãe adolescente, especialmente com os avós maternos da criança. Bunting e McAuley (2004) explicam como os conflitos que o pai da criança tem com a mãe adolescente, mas também com os avós maternos, inibem o envolvimento do pai.

Finalmente, é importante mencionar que a debilidade nos vínculos que o pai da criança tem com a família e amigos da mãe adolescente pode ser um reflexo da fraqueza nas relações que a mãe adolescente tem com sua própria família. Isto porque as características das relações na família das adolescentes configuram os padrões de outros tipos de relacionamento. As relações conflitivas entre os pais das mães adolescentes estão associadas a conflitos entre as mães adolescentes e seus parceiros românticos (WELSH; SHULMAN, 2008). Schwartz, McRoy, e Downs (2004) estudam as mães adolescentes que residem em instituições de proteção, cujos vínculos familiares caracterizam-se por serem frágeis. Esses autores concluem que as relações que elas têm com os namorados e seus próprios filhos são fragmentadas, distantes e violentas. Se há relações fracas entre os pais da mãe adolescente, entre ela e os membros da família e também com o parceiro, é possível pensar que os vínculos do pai da criança com a família dela também sejam fragmentados. Porém, a bibliografia a respeito foi escassa.

Uma técnica que permite estudar e caracterizar as relações de uma pessoa e a circulação dos fluxos de suporte é a análise de rede. A seguir se mostram as utilidades desta técnica.

3.9 A análise de rede

Segundo Knoke e Kuklinski (1982), existem duas abordagens básicas para estudar e classificar os vários aspectos do mundo social: de acordo com 1) os atributos das pessoas, objetos ou eventos; e 2) as relações. A maior parte dos estudos sociais baseia-se em medidas dos atributos dessas unidades de análise, a partir de *surveys*, experimentos ou observações provenientes de trabalho de campo. Existem fenômenos que podem ser tratados pelas duas perspectivas. Assim, os mencionados autores indicam que as duas abordagens não devem ser consideradas antagônicas ou mutuamente excludentes. Contudo, é importante mencionar que a perspectiva relacional permite estudar propriedades do sistema social, que não são medidas simplesmente, pela agregação de atributos dos membros individuais.

Uma das aplicações da abordagem relacional é a análise de redes de suporte. Há estudos que usam esta abordagem para analisar as redes de apoio de população idosa. Arantes (2012) realiza um estudo dessa população em Belo Horizonte. O

autor observa as características que adquirem as redes de apoio, dependendo de alguns fatores demográficos e epidemiológicos. Corrêa (2010) estuda o tamanho e composição da família, como parte da rede de apoio do idoso influenciam no tempo de atenção dedicado a ele. Existe também literatura que utiliza esta perspectiva para analisar redes de suporte nos casos de: populações com problemas de saúde ou capacidades especiais no Brasil (ARAÚJO; DIAS, 2002; GONÇALVES *et al.*, 2011); mulheres que enfrentam violência doméstica no México (ESTRADA; HERRERO; RODRÍGUEZ, 2012), entre outros.

Aqui se menciona alguns aspectos importantes da abordagem de rede. Assim, primeiramente, é importante definir o termo *rede*. Vários autores indicam que o conceito pode ser entendido como o conjunto de relações (KADUSHIN, 2012). Já o grupo de pessoas, objetos ou eventos nos quais a rede é definida são chamados de *atores* ou *nodos* (KNOKE; KUKLINSKI, 1982). Ferrand e De Federico de la Rua (2006) mencionam que a análise de rede permite estudar propriedades como as características das relações entre atores, a composição da rede e sua estrutura.

Para caracterizar as relações entre atores, a análise de rede estuda: o papel, que é o laço interpessoal, e o conteúdo da relação, que constitui o intercâmbio de recursos como informação, suporte ou ajuda. Também estuda as características formais das relações: a multiplicidade, que acontece quando entre duas pessoas existe mais de um vínculo (por exemplo, vizinho e parente); a frequência da interação; duração da relação; reciprocidade, que indica se os recursos circulam em duas direções de um vínculo. Outras características da relação são: a hemofilia refere-se à semelhança entre indivíduos relacionados; a força do vínculo; e o sentido de proximidade afetiva.

É importante mencionar que a rede de relações que são parte do capital social não é dada pela simples existência de um vínculo de qualquer tipo. Segundo Bourdieu, as relações contingentes como as laborais, as relações entre vizinhos ou as de parentesco são transformadas em necessárias e eletivas, o que implica obrigações duráveis entre os indivíduos (BOURDIEU, 2011).

Algumas características permitem analisar a composição da rede pessoal: o tamanho da rede, a composição em termos de atributos pessoais, a composição em termos relacionais. O tamanho da rede é a propriedade mais simples: está

relacionada com o número de vínculos que uma pessoa possui e com a qualidade dos vínculos. Este é um indicador bruto do isolamento ou habilidade da pessoa para manter vínculos ativos. A composição também pode ser estudada em termos de atributos individuais, por exemplo, a idade e o sexo dos membros da rede. É possível também analisar a composição em termos da distribuição das relações com base em algumas características, por exemplo, a proporção da rede composta por membros da família.

Existem alguns indicadores que permitem conhecer as características da rede: a densidade, distância entre atores, clique, conexões cruciais ou raras, centralidade e classes de equivalência estrutural. A densidade é a razão entre o número de vínculos entre os atores e o máximo número possível de vínculos. Quando muitos atores estão vinculados, a densidade é alta e isso dá uma imagem de coesão. Outra medida importante é a distância entre atores. Os vínculos podem estar interconectados, formando caminhos que podem indiretamente conectar dois atores. Se dois atores não podem contatar entre eles, mesmo com um número elevado de intermediários, então a rede é chamada de desconectada. O clique é um subconjunto de atores em uma rede, de tal forma que cada membro de um clique está vinculado a todos os outros membros do clique. Quando os cliques estão conectados por poucos vínculos entre eles, esses laços são denominados pontes e são importantes para a transmissão de recursos, por exemplo, informação.

A análise de rede permite estudar as posições que os atores ocupam na rede. Assim, esta abordagem dá alguns elementos para conhecer quem é importante em uma rede. As medidas de centralidade têm sido criadas para responder essa pergunta (PRELL, 2012). Descrevem-se aqui os indicadores mais usados de centralidade. A *centralidade de grau* é a medida mais intuitiva, sendo a soma dos contatos imediatos dos nodos. A *centralidade de vetor próprio* é a soma das conexões dos atores com outros, pesado pelo grau de centralidade. Esta medida permite identificar os atores que estão mais próximos dos mais centrais na rede. A *intermediação* procura identificar a posição de um ator na rede e não se ele está vinculado com outros. Esta medida é usada ao estudar fluxos de informação, pois identifica os nodos localizados entre atores desconectados.

3.9.1 Representação gráfica das redes

No campo da análise de rede os gráficos são uma ferramenta importante (KADUSHIN, 2012), embora seja possível representar redes relacionais com outros instrumentos como formatos matriciais de dados de relações entre objetos (KNOKE; KUKLINSKI, 1982). Uma forma de representar as redes é através de diagramas ou sociogramas. Este tipo de gráfico consiste em um conjunto de pontos, que representam os nodos, e linhas, que representam os vínculos. Assim, características dos pontos e linhas, como a cor e o tamanho, podem comunicar informação sobre os nodos e as relações entre eles (BORGATTI; EVERETT; JOHNSON, 2013).

Existem várias formas para construir um diagrama de rede. Esta tese utiliza uma combinação de dois tipos de gráficos: 1) diagrama de pontos ou de nodos segundo atributos e 2) ordenação através de escala multidimensional-MDS. Existem outros tipos de gráfico como os algoritmos de disposição de rede, que privilegiam um critério estético sobre características matemáticas ou sociológicas das relações (BORGATTI; EVERETT; JOHNSON, 2013). O diagrama de nodos segundo atributos permite visualizar as características dos nodos através de cores ou formas dos pontos. Já com a ordenação, localizam-se pontos baseados em técnicas estatísticas multivariadas como a MDS. Esta é uma medida que fornece uma representação visual do padrão de proximidades entre um conjunto de objetos, de forma tal que as distâncias entre os pontos correspondem às proximidades dos objetos. Assim, as distâncias entre os pontos obedecem a relações matemáticas dos vínculos existentes. A MDS permite desenhar diagramas com várias dimensões. Mas, para obter uma melhor visualização, usam-se geralmente duas dimensões.

O MDS pode ser métrico, quando se tem informação que denote escalas de força dos vínculos entre nodos, e não métrico no caso da disponibilidade só de dados binários, por exemplo, a existência ou não do vínculo. O MDS não métrico calcula distâncias geodésicas entre nodos. A distância geodésica é o número de vínculos no caminho mais curto entre um par de nodos. Pontos representados por nodos com maiores distâncias geodésicas serão localizados em pontos mais distantes do diagrama, enquanto que os pontos correspondentes a menores distâncias geodésicas estariam mais próximos no diagrama de relações (BORGATTI; EVERETT; JOHNSON, 2013). Assim, pessoas que sejam mais importantes na vida

das adolescentes e, portanto, apresentem maior centralidade, localizam-se na parte central do sociograma das entrevistadas.

Esta tese usa uma abordagem de rede para explicar as características do suporte material e de cuidado de crianças de mães adolescentes. Nos sociogramas, as pessoas que formam parte da rede das adolescentes são representadas com nodos. Os atributos das pessoas aparecem em formas ou cores dos nodos. Por exemplo, nodos vermelhos representam pessoas de sexo feminino que formam parte da rede da adolescente. A existência de relação entre as pessoas são representadas com linhas pretas que unem os pontos. A circulação de fluxos de suporte material e de tempo de cuidado, por parte das pessoas que formam parte da rede, é representada com linhas roxas. O tipo de relações que existem, de parentesco, de amizade, institucionais são descritas com siglas ao lado do nodo.

3.9.2 Sociograma cognitivo

No campo de estudo das redes sociais há duas abordagens importantes: estudo da estrutura social cognitiva e análises de rede social. Brands (2013) indica que ambas as perspectivas procuram descrever “padrões de interações que circunscrevem os comportamentos e experiências individuais no mundo social em que eles vivem e trabalham” (2013, p.S82). Mas, a autora especifica que estas abordagens apresentam diferenças. A análise de rede social estuda a configuração real de laços dos indivíduos, enquanto que as pesquisas de estruturas sociais cognitivas descrevem padrões de interação, como eles são percebidos pelas pessoas desde seu ponto de vista.

Brands (2013) indica que estas duas linhas de estudo têm-se desenvolvido, por longo tempo, de forma paralela, e que isso tem gerado algumas tensões. Segundo a autora, esforços por explorar linhas de fronteira entre o estudo da estrutura social cognitiva e análises de rede social têm levado os autores, principalmente, a analisar em que medida as estruturas sociais cognitivas efetivamente correspondem às redes sociais reais existentes.

O estudo das estruturas sociais cognitivas vê na percepção das redes sociais um importante fenômeno de interesse. Ao analisar as experiências subjetivas dos

indivíduos com relação a seus ambientes, esta perspectiva aprofunda o estudo das análises de rede sociais. Um dos tópicos que a análise de rede estuda são os benefícios que os indivíduos podem obter ao pertencer a uma rede social. Nesse sentido, a percepção das pessoas sobre suas redes torna-se um assunto fundamental. Uma pessoa não pode mobilizar os recursos existentes na sua rede social a menos que ela perceba essas relações como efetivamente existentes (BRANDS, 2013).

Existem métodos que permitem captar tanto as percepções cognitivas dos indivíduos como comparar essas percepções entre elas. Brands (2013) descreve essas técnicas. No primeiro método, denominado Estrutura social cognitiva por listado, os indivíduos são questionados sobre suas relações e as relações das pessoas com quem eles interagem, a partir de uma lista pré-estabelecida de nomes de pessoas. Com este método, pode-se conhecer a rede de relações de um ator com base na sua percepção, ou seja, seu diagrama cognitivo. A partir deste método é possível também comparar as percepções da rede de relações de todos os membros da rede. Desta forma, constrói-se uma estrutura combinada ou consensual das relações dos membros da rede.

No segundo tipo de métodos denominados experimentais, os indivíduos criam uma estrutura social hipotética reconhecendo relações entre pares de indivíduos. O terceiro tipo de método é denominado rede do ego. Na aplicação deste método, os indivíduos listam seus laços sem nomes predeterminados, como acontece no caso do primeiro método descrito.

Nesta tese, levanta-se informação sobre a rede de relações que as mães adolescentes têm segundo sua percepção, não sobre as estruturas das relações realmente existentes. Trata-se então da construção de sociogramas cognitivos. É importante mencionar que neste trabalho não se levanta informação das estruturas reais de relações das adolescentes porque, para isso, teria sido necessário entrevistar todas as pessoas que formam parte do ambiente das adolescentes e contrastar as diferentes percepções das relações. Essa constituiria uma dificuldade operacional.

Para o levantamento de informação da rede social cognitiva das adolescentes aplica-se uma combinação do primeiro e do terceiro método descritos. Assim, sem uma lista pré-estabelecida, cada mãe adolescente entrevistada nomeia as pessoas que formam parte da sua rede social ou interagem com ela com frequência, descreve várias características dessas pessoas e o tipo de relação que essas pessoas têm com a mãe adolescente. Adicionalmente, as entrevistadas indicam se existe interação entre cada par de membros da rede da adolescente.

É importante ressaltar que a tese não pretende avaliar em que medida as estruturas cognitivas das adolescentes correspondem às estruturas reais. Mesmo sendo importante, o escopo da tese também não é pesquisar tópicos comumente estudados pela abordagem da estrutura social cognitiva, como: a forma como esquemas ou estruturas cognitivas influenciam as percepções dos indivíduos e suas consequências; a importância da percepção da hierarquia e a equivalência nas relações; as formas de filiação em grupos, ou as características que fazem que os indivíduos mapeiem de forma mais real suas relações.

3.10 Hipóteses

A partir dos objetivos indicados e do marco teórico desenvolvido, são construídas as seguintes hipóteses:

3.10.1 Perfil das mães adolescentes e dos pais das crianças

A literatura dá ênfase a alguns fatores associados à gravidez e à maternidade na adolescência. As mães adolescentes têm mais probabilidade de serem solteiras, ter escassos recursos econômicos, problemas nas trajetórias escolares (RODRIGUEZ, 2005) e pertencer a lares com relações familiares fragmentadas (GUIJARRO *et al.*, 1999). Espera-se encontrar entre as entrevistadas essas características.

Considerando que os fatores associados à paternidade em adolescentes são similares aos da maternidade nessa idade, são previstos aspectos semelhantes nos pais. Porém, espera-se que haja duas diferenças principais com o grupo de mães adolescentes. Por um lado, acredita-se que só uma parte dos pais das crianças são adolescentes. Por outro, como é destacado pela literatura (CHACHAM, A. S.; MAIA;

CAMARGO, 2012; HEILBORN *et al.*, 2002), pensa-se que existe entre os pais uma maior tendência de estarem inseridos no mercado de trabalho (**Hipótese 1**).

3.10.2 Família da mãe adolescente nas redes de suporte

Abordagens de gênero indicam que a mulher é considerada como responsável pela criação dos filhos (MILLER, 2007). Mas ela geralmente não tem autonomia econômica, precisa de apoio para a sustentação material do filho, recursos informativos e, em alguns casos, contribuição de tempo de cuidado. Os recursos acessíveis a uma pessoa estão positivamente relacionados aos seus laços sociais com outros, com quem o ego compartilha sentimentos mais fortes, como os provenientes da família (LIN, 2001; GOTTLIEB; BERGEN, 2010). Portanto, as pessoas que proveem esses recursos mantêm laços estreitos com as mães. Estudos empíricos ressaltam o papel da família da mãe adolescente na ajuda com suporte material. Membros da família estendida da mãe adolescente e outros atores que tenham laços estreitos com ela podem contribuir com o suporte material. Mas a contribuição de atores como os pais das crianças é mais complexa, pois eles enfrentam condições que dificultam contribuir com esse suporte (FONSECA, 1998).

Assim, as redes de suporte material estariam conformadas, basicamente, pelos membros da família de origem da mãe adolescente. Espera-se encontrar pais que contribuam com o suporte material da criança, mas pensa-se que a ajuda por parte deles ou das suas famílias é menos importante que a contribuição da família da adolescente. Outros atores, como a família estendida da mãe adolescente, amigos e atores institucionais, contribuem com o suporte material, dependendo da força desses vínculos e da ausência dos membros da família de origem dela (**Hipótese 2**).

Se bem que o sustento material possa ser entregue por homens e mulheres da família, o suporte de cuidado é realizado, essencialmente, por mulheres, como a avó materna da criança, ou outras mulheres com vínculos de consanguinidade com a adolescente.

Desta forma, a composição da rede de cuidado das crianças das adolescentes estudadas se conforma pela avó materna, como principal fonte de ajuda, e outras mulheres da família de origem ou estendida da adolescente. Mas, a decisão de

contribuição com o suporte de cuidado está condicionada pela força dos vínculos, pela proximidade física e pela inserção destas pessoas no mercado de trabalho (**Hipótese 3**).

3.10.3 O vínculo afetivo mãe adolescente – pai e o suporte

O laço afetivo constitui um vínculo forte e importante na adolescência (SHULMAN; KIPNIS, 2001). Há uma relação entre esse tipo de vínculo e o suporte que os pais das crianças dão. No caso da população adulta, quando há laços de amor romântico na relação mãe-pai, este se sente mais comprometido com a criação do filho (CASTILLO, 2010). Esta associação também pode aparecer no caso dos pais das crianças de mães adolescentes (FURSTEMBERG, 1992; PASCHAL *et al.*, 2001; BUNTING; MCAULEY, 2004). Porém, sendo que eles nem sempre trabalham ou disponibilizam de pouco tempo para o cuidado da criança, eles podem procurar recursos disponíveis em atores que são parte das relações deles (BARRERA, 1986) e, assim, contribuem com o suporte da criança.

Portanto, espera-se que nos casos em que existe o vínculo afetivo entre a mãe adolescente e o pai da criança, haja contribuição de suporte material e/ou de cuidado por parte dele ou da família dele. Os atributos pessoais do pai, como idade, nível educacional e inserção no mercado de trabalho são menos importantes que as características do vínculo afetivo com as mães adolescentes, para explicar o suporte de material e de cuidado (**Hipótese 4**).

3.10.4 Centralidade do pai e suporte material e de cuidado

Existe uma associação entre suporte material e de cuidado e a força dos vínculos (LIN, 2001). As pessoas que contribuem com o suporte da criança costumam estar inseridas no mundo da adolescente e estar vinculadas a outros laços da mãe adolescente. Elas têm alta importância ou “centralidade”. Em alguns casos, o pai também tem importância na rede social da mãe adolescente. Essa centralidade do pai, apesar de não ser familiar da adolescente, mostra o que Milardo, Johnson e Huston (1983) indicam. O laço afetivo gera maior inserção do parceiro na rede social de uma pessoa. Por outro lado, a entrega de suporte material e de cuidado por parte do pai da criança pode estar associada a uma maior inserção dele no mundo na

adolescente. Isso acontece porque já existiam laços fortes entre ele e outros vínculos na adolescência antes da gravidez e isso fez com que o pai contribua com suporte material ou de cuidado. Ou pode acontecer porque o pai desenvolveu laços com vínculos da adolescente, a partir de um maior envolvimento do pai com a criança, o que implica entre outros aspectos suporte material e de cuidado.

Por conseguinte, espera-se que os pais que dão suporte material e ou de cuidado tenham maior centralidade na vida das mães adolescentes (**Hipótese 5**).

3.10.5 Suporte material como ideal de paternidade

Estudos realizados em contextos diferentes como aqueles levantados nos Estados Unidos e na América Latina concluem que há diversas formas de exercício e de percepção sobre a paternidade. Mas, boa parte destes estudos conclui que o papel do pai como provedor é predominante.

Assim, a percepção de paternidade que as adolescentes teriam em Quito está identificada também, sobretudo, com o suporte material da criança. Mas acredita-se que outros aspectos, como o cuidado e a expressão de afetos possam ser mencionados como relacionados com a paternidade (**Hipótese 6**).

4. MÉTODO

Para atingir os objetivos desta tese, foi realizado um trabalho de campo que permitiu levantar informação através da aplicação de entrevistas. Existem vários tipos de entrevista. Podem ser estruturadas, semiestruturadas ou não estruturadas. Como Singleton e Straits (2010) indicam, para alguns propósitos, as pesquisas podem utilizar diversos tipos. Neste caso, foram desenhados e testados previamente dois instrumentos: uma entrevista estruturada e uma semiestruturada.

4.1 Entrevista estruturada

Na entrevista estruturada, são feitas questões previamente definidas na mesma ordem, usando um conjunto limitado de possíveis respostas (FONTANA; FRY, 2003; SINGLETON; STRAITS, 2010).

Através da entrevista estruturada se obteve informação do perfil da entrevistada, do pai da criança, da rede social e de suporte da criança e das interações entre os membros da rede social da mãe adolescente. A entrevista estruturada teve quatro formulários:

1. *Identificação da entrevistada e do pai.* Através deste formulário, obteve-se informação sobre as características da mãe adolescente e do pai, como a idade dela, do filho, lugar de nascimento, condição de migrante, religião, escolaridade, entre outras (ANEXO A).
2. *Caracterização dos relacionamentos.* As entrevistadas informaram o número de pessoas que tomam parte da sua rede social, o que inclui a família de origem, membros da família estendida, amigos, colegas, pessoas institucionais (pessoal de albergues, professores, colegas de trabalho), família de origem do pai e família estendida dele. Para cada membro da rede foram perguntadas as características do vínculo. Este formulário identifica as pessoas que tomam parte da rede social da adolescente e que dão suporte material e de cuidado (ANEXO B).

3. *Inter-relação entre os membros da rede.* Foi preenchida uma matriz que permite conhecer se cada membro da rede social da mãe adolescente está vinculado a outro (ANEXO C).
4. *Diário de atividades.* As adolescentes relataram as atividades que realizam em um dia comum, de segunda a sexta-feira, e nos sábados e domingos (ANEXO D). Neste formulário, foram identificadas as pessoas que contribuem com o suporte de cuidado durante a ausência ou presença da mãe adolescente. Estas pessoas que dão suporte de cuidado foram identificadas na rede social das adolescentes no segundo formulário (ANEXO B)

4.2 Entrevista em profundidade

Dada sua natureza, este tipo de entrevista permite aprofundar em informação sobre temas específicos (SINGLETON; STRAITS, 2010). O propósito deste tipo de entrevista é contribuir com o conhecimento teórico e conceitual, e está baseado nos significados que os entrevistados dão às experiências de vida (DICICCO-BLOOM; CRABTREE, 2006).

Foi elaborado um roteiro de perguntas abertas para que as jovens pudessem descrever sua experiência de gravidez, maternidade e características da paternidade ideal (ANEXO E). As adolescentes aprofundaram em temas como uso de anticoncepcionais, características do relacionamento com o pai. As entrevistas em profundidade também permitiram conhecer outras experiências das adolescentes, antes ou depois da maternidade, como episódios de violência, exploração sexual ou tráfico de drogas. As jovens também contaram detalhes da informação fornecida nos formulários iniciais.

É importante mencionar que a informação de todos os membros da rede de cada adolescente, incluindo o pai, é obtida a partir da visão das entrevistadas.

4.3 Descrição do trabalho de campo

4.3.1 População entrevistada

Para o recrutamento, as entrevistadas deviam ter quatro características: ser mães, ter entre 12 e 19 anos, residir em Quito e ter filhos com menos de cinco anos. É

importante mencionar que, com relação ao primeiro critério, foi discutido se a idade dificultaria a realização da entrevista. Durante o trabalho de campo, se observou a necessidade de abordar estas jovens com maior cuidado. Porém, as adolescentes mais novas deram a informação requerida.

Com relação ao terceiro critério, é necessário fazer uma esclarecimento. Inicialmente, foi decidido definir um limite mínimo da idade das crianças. Elas deveriam ter, ao menos, 6 meses, pois uma criança com menos idade poderia demandar tipos de suporte diferentes das crianças de outras idades. Porém, na marcação de entrevistas, nem sempre era possível conferir previamente informação sobre a idade da criança. As entrevistas não foram interrompidas por este motivo. Por razões que se indicam posteriormente, nos pré-testes foram modificadas as perguntas sobre suporte material e de cuidado. Isso possibilitou, entre outros aspectos, que as entrevistas realizadas com adolescentes que tinham crianças com menos de 5 anos, inclusive com menos de 6 meses, fossem incluídas no processamento da informação.

Uma das entrevistadas apresentava uma capacidade especial, era surda-muda. Neste caso, a entrevista foi realizada conjuntamente com a responsável institucional que convive com a adolescente e que conhece a história e a trajetória da jovem e que conta com destreza para se comunicar com ela.

4.3.2 Recrutamento

Para o recrutamento das entrevistadas foi levantada uma base de dados de instituições vinculadas com a promoção e proteção de direitos de adolescentes e jovens. Uma das importantes fontes dessa informação foi o *Consejo Metropolitano para la Protección de la Niñez y Adolescencia*—COMPINA. Esta instituição é um espaço conformado pelo Estado e a sociedade civil e presidido pelo prefeito da cidade. Entre outras competências, esse organismo tem as funções de articular atores do sistema de proteção integral de crianças e adolescentes no Distrito Metropolitano de Quito, autorizar o registro de entidades públicas e privadas que executam programas para crianças e adolescentes, e realizar controles e seguimento dos mesmos (COMPINA, 2014). Assim, o pessoal da instituição

informou as instâncias públicas e privadas que protegem mães adolescentes em situação de risco.

Foi solicitado o acesso para realizar as entrevistas às adolescentes nas instituições recomendadas no COMPINA. Assim, foram entrevistadas mães adolescentes que recebem apoio de instituições como: *Fundación Caminos de Esperanza*, *Fundación Talita Cumi*, *Proyecto Ser Jovem- Fundación “Patronato Municipal Jan José”* e *Hospital Tierra Nueva*. Manteve-se também uma reunião com pessoal do Hospital Gineco-Obstétrico Isidro Ayora, que constitui uma das principais maternidades do sistema público de saúde no Equador. Porém, as adolescentes que permanecem na maternidade teriam tido os filhos só nos dias anteriores. Desconsiderou-se esta população porque a idade dos filhos das entrevistadas não permitiria captar os fluxos de suporte e de tempos de cuidado por parte das suas redes.

Foi contatada também uma das maiores escolas públicas de Quito. Trata-se do “*Colegio 24 de Mayo*” que tem aproximadamente 4.000 estudantes, sendo a maior parte mulheres. Após obter a permissão no reitorado, trabalhou-se com o departamento de orientação vocacional e com a inspetoria, para identificar as jovens mães em cada turma e localizar os horários oportunos. As entrevistas foram realizadas nas instalações da escola e principalmente durante horas vagas, com a finalidade de evitar que as adolescentes perdessem aulas.

Houve instituições contatadas que não permitiram a entrada para a realização das entrevistas e outras que solicitavam processos de permissão mais demorados. Algumas adolescentes encontravam-se em situação de risco e sob tutela legal daquelas instituições. Foi indicado que, antes de aproximar das adolescentes e abordar sua gravidez e maternidade, seria necessário contar com licenças específicas dos juizados de Quito, o que levaria maior tempo que o previsto.

Finalmente, foram também contatadas mães adolescentes referidas por amigos ou conhecidos. Essas adolescentes informaram sobre outros casos posteriormente contatados.

4.3.3 Duração das entrevistas

Como planejado, a duração média das entrevistas foi de duas horas. Na primeira parte, preencheram-se os formulários mencionados. O levantamento desta informação tomou a maior parte do tempo da entrevista. No pré-teste foi observado que as respostas dos formulários geravam cansaço nas entrevistadas. Por isso, se decidiu que seriam respondidos ao começar a entrevista. Na segunda parte, se realizaram as entrevistas em profundidade.

Dada a longa duração da entrevista, planejou-se, inicialmente, que ela fosse realizada em dois dias diferentes. Porém, houve dificuldade para combinar com as participantes os horários das entrevistas em mais de um dia. Assim, todas as entrevistas foram realizadas em um mesmo encontro.

Durante as entrevistas, tentou-se levar em conta recomendações sugeridas na literatura (FONTANA; FREY, 2003): não desviar a sequência das perguntas, impedir interrupções, evitar que outras pessoas respondam, não sugerir estar de acordo ou em desacordo com as respostas, não intervir na opinião da entrevistada.

4.3.4 Lugar das entrevistas

As entrevistas das jovens contatadas através das instituições tiveram lugar nas mesmas instalações facilitadas pelas autoridades. O restante das adolescentes autorizou a realização da entrevista nos domicílios. Duas entrevistas foram realizadas no domicílio da pesquisadora.

4.3.5 Período de realização das entrevistas

O trabalho de campo foi realizado de 1º de outubro de 2013 a 6 de janeiro de 2014. Não foram realizadas entrevistas entre os dias 15 de dezembro de 2013 e 5 de janeiro de 2014 porque esse período compreende dias festivos. As rotinas de cuidado das crianças poderiam mudar nesse período de tempo e haveria dificuldade na marcação de lugar da entrevista para o caso das estudantes na escola mencionada.

4.3.6 Processamento da informação

As informações foram digitadas e processadas nos programas Excel, Stata e Ucinet. As entrevistas em profundidade foram gravadas e a transcrição foi realizada em Quito.

4.3.7 Considerações éticas

O projeto de pesquisa em que esta tese se sustenta foi analisado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa – COEP, da Universidade Federal de Minas Gerais.⁴ O COEP exige, entre outros aspectos, a assinatura de um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE. No caso das menores de 18 anos, foi solicitada adicionalmente a assinatura por parte dos pais ou do responsável.

Conforme o estabelecido no TCLE, durante a entrevista foi informado à adolescente o objetivo da pesquisa. Foi esclarecida que a participação seria voluntária: ela teria direito de recusar ou desistir a qualquer momento, sem que isso causasse qualquer prejuízo. Foi indicado também que as informações seriam obtidas de forma confidencial, como forma de garantir a identidade, privacidade e sigilo. Foi mencionado que a entrevista seria gravada e que a fala poderia ser publicada e que o nome não seria divulgado. A entrevistada soube também que não haveria nenhum risco na participação do estudo e, se alguma questão feita durante a entrevista causasse desconforto, ela poderia não responder ou procurar esclarecer a dúvida.

Nos casos em que se facilitou a realização das entrevistas nas instalações das instituições às quais as adolescentes pertencem, foi solicitada uma permissão do responsável institucional para tal uso, como requerido pelo COEP.

4.3.8 Generalização dos resultados

O conjunto de entrevistadas não constitui uma amostra probabilística de mães adolescentes na cidade de Quito. Desse modo, os resultados obtidos não podem ser generalizados para toda essa população. Por outro lado, é importante ressaltar que a maior parte das adolescentes entrevistadas eram estudantes provenientes de

⁴ O número do parecer com a aprovação do projeto, por parte do COEP é 519.479.

famílias de escassos recursos econômicos. Portanto, as conclusões desta tese respondem a essa seletividade da amostra.

4.4 Limitações do estudo

Apesar de que parte da informação levantada é sobre os pais, as entrevistas não foram dirigidas a eles por vários motivos. Haveria maior dificuldade no seu recrutamento. Poderia ter-se identificado as mães adolescentes primeiramente, para depois contatar os pais, mas, como a literatura reconhece, boa parte das mães adolescentes geralmente são solteiras. E, apesar de algumas delas terem relacionamentos afetivos com os pais das crianças, a rota para contatá-los seria mais indireta. Considerou-se também uma provável negativa por parte deles na aceitação da entrevista. Esperava-se um temor pelas implicações legais que poderia acarretar o reconhecimento da paternidade.

Uma das limitações de não ter acesso direto aos pais é a informação incompleta ou a falta de precisão. Isso foi evidente nos casos em que as adolescentes tiveram relativamente pouco tempo de relacionamento com o pai ou nos casos em que elas não o conheciam. No desenho do trabalho de campo esteve considerada a possibilidade de realizar entrevistas, ao menos, com alguns pais, para confirmar a informação fornecida pelas adolescentes. Embora dois tenham informado sua disponibilidade inicial para isto, não foi possível contatar um deles e o outro, afinal, não aceitou ser entrevistado.

Outra limitação deste trabalho está relacionada com a validação das respostas sobre a percepção do suporte. Na literatura sobre instrumentos de levantamento de informação do suporte, chama-se constantemente a atenção sobre a diferença entre a percepção do suporte e o suporte efetivamente recebido. Por exemplo, a percepção do apoio pode estar viesada pela relação que a entrevistada tem com a pessoa que fornece o apoio (GONÇALVES *et al.*, 2011). Considerando que a maioria dos instrumentos baseia-se em questionários ou entrevistas realizadas com os receptores do suporte, alguns autores recomendam validar as respostas pesquisando também o provedor do suporte (GOTTLIEB, BERGEN, 2010; LAKEY, COHEN, 2000). Porém, isto teria levado maior tempo de trabalho de campo.

Houve algumas dificuldades no levantamento de informação de variáveis específicas, como a renda. Algumas entrevistadas não tinham conhecimento da renda domiciliar, ou porque elas transitaram por vários domicílios, ou porque o grau de relacionamento que elas tinham com os responsáveis da família não possibilitava que elas tivessem conhecimento dos salários. Não se conta com esta informação das adolescentes que vivem em instituições. Os representantes das instituições não indicaram dados a respeito.

4.5 Operacionalização das variáveis e verificação de hipóteses

No Quadro 1 estão especificados os conceitos e a categorização das variáveis usadas. A maneira como foram operacionalizados alguns conceitos requer maior detalhe. A seguir, descreve-se como foi medido o suporte material e de cuidado e se explica os conceitos de domicílio e família usados nesta tese.

Suporte material

O formulário de entrevista estruturada esteve desenhado, inicialmente, para estimar junto com a adolescente o valor mensal com que cada pessoa da rede contribui para o suporte da criança. O pré-teste mostrou que levantar esta informação implicava em algumas dificuldades. Há itens que são entregues pelos responsáveis da família para todos os membros, como alimentos. As adolescentes não tinham informação dos gastos gerais que a família faz nos itens para toda a família. Poder-se-ia ter estimado o consumo que cada criança faz de certos bens. Mas, com frequência, a criança recebe itens como roupa ou brinquedos cuja quantificação era mais complexa. A aplicação de um instrumento mais refinado demandaria mais tempo de entrevista.

Com maior facilidade, as adolescentes identificavam o tipo de item ou serviços que as pessoas entregam com frequência. Assim, durante as entrevistas foram identificados cinco tipos de itens⁵ que as crianças recebem constantemente e que foram categorizados para a análise:

⁵ Daqui em diante as categorias serão denominadas unicamente como “itens” e não como “itens ou serviços”.

- a) alimentos;
- b) artigos pessoais (fralda, artigos de higiene);
- c) artigos relacionados com cuidado da saúde (consultas médicas, medicinas, exames);
- d) moradia (o espaço físico, exclui pagamento de contas mensais);
- e) outros (roupa, brinquedos e eventual poupança).

Creches privadas ou públicas foram excluídas desta categorização porque só uma parte das crianças tem acesso a elas e porque o cuidado é abordado de forma separada. Nos casos em que as entrevistadas declaravam que recebiam dinheiro para o sustento da criança foi perguntado em que itens elas gastavam. Dessa forma, esses itens foram registrados como se fossem fornecidos pela pessoa que entregou o dinheiro.

É importante mencionar que as pessoas que foram identificadas como partes da rede de suporte material são aquelas que entregam constantemente o item. Portanto, não foram consideradas as pessoas que deram bens apenas uma vez, como o caso das que deram presentes após o nascimento da criança.

Esta categorização no levantamento da informação apresenta algumas vantagens. A identificação e registro do sustento material dos membros da rede social de mães adolescentes levou pouco tempo. Isto era importante dada a longa duração da entrevista. Esta forma de medir permite conhecer também as associações entre tipos de relacionamentos e classes de bens específicos. Nesse sentido, é possível conhecer que tipo de vínculo fornece bens essenciais, como alimentação ou artigos relacionados com o cuidado da saúde da criança. Pode-se saber também se há algum tipo de bem que é tipicamente entregue pelo pai. Por outro lado, esta categorização pretende identificar a maioria de tipos de bens que uma criança, de qualquer idade, recebe, reduzindo um viés por esse motivo. Porém, é importante mencionar que a alimentação é uma exceção, em poucos casos. Pela amamentação exclusiva, algumas crianças nos primeiros meses de nascimento, não recebem alimentos.

Uma importante limitação desta medida é que ela não permite identificar as pessoas da rede que efetivamente contribuem com maior quantidade de suporte, se fosse medido em termos monetários. Assim, uma pessoa que fornece só alimentação poderia contribuir mais economicamente que outra que dá dois tipos de bens como artigos pessoais e roupa. Dada essa desvantagem, não é possível concluir sobre que pessoas têm a maior carga de suporte econômico sobre a criança. Se bem que algumas adolescentes tenham manifestado que o suporte mais importante provém daquelas pessoas que dão maior variedade de bens para a criança.

Suporte de cuidado

Através da aplicação do instrumento desenhado buscava-se obter informação do número de horas que os membros da rede dedicam ao cuidado da criança. Nesse diário, a adolescente deveria indicar as atividades que realiza, detalhar o tempo que gasta, identificar todas as pessoas que contribuem com o cuidado exclusivo da criança e os horários em que elas apoiam. Não obstante, algumas dificuldades surgiram no pré-teste.

Em cada rede, várias pessoas contribuem com o cuidado. Houve dificuldade em identificar, com precisão, o tempo que os membros de cada rede dedicam à criança. Isto acontece porque na rede há pessoas que contribuem com pouco tempo, enquanto realizam outras atividades simultaneamente. Pesquisas sobre uso do tempo recomendam que, para minimizar estes problemas no registro de tempos, sejam especificadas atividades a cada 15 minutos da jornada de todas as pessoas da rede. Coletar a informação com esse nível de detalhe implicaria muito mais tempo de entrevista.

Por outro lado, foi observado que as adolescentes são as principais responsáveis pelo cuidado da criança, mas elas podem receber ajuda enquanto estão com a criança ou quando se ausentam. Esse afastamento do filho se dá por vários motivos: por atividades escolares, cursos acadêmicos ou porque familiares da adolescente ou do pai levam a criança durante parte do dia. As pessoas que cuidam da criança na ausência da mãe adolescente teriam maior carga de trabalho do que quando a adolescente está presente.

Dado que não seria possível levantar informação de tempos exatos de cuidado de todas as pessoas da rede, seria importante identificar as adolescentes que se ausentam e as pessoas que cuidam do filho durante essa ausência. Porém, também durante a ausência das adolescentes, mais de uma pessoa pode contribuir com o cuidado. As jovens identificaram, dentre esses cuidadores, quem destina mais tempo para essa atividade. Esse membro da rede é denominado **cuidador principal**, e o restante, **cuidadores secundários**.

Há pessoas que ajudam com o cuidado enquanto a adolescente está com a criança. Estas pessoas foram identificadas na rede social das adolescentes. Foram consideradas as redes de todas as adolescentes, tanto aquelas que não se ausentam da criança, como aquelas que se ausentam com frequência. Isto porque aquelas adolescentes que se ausentam do filho também podem receber ajuda nos momentos em que estão com a criança.

É importante também ter em conta uma diferenciação com relação aos dias da semana, pois as rotinas das pessoas são distintas de segunda a sexta-feira, com relação aos fins de semana.

Com estas considerações, pediu-se que a adolescente descrevesse sua rotina em um dia comum de segunda a sexta-feira e os sábados e domingos, e que identificasse as pessoas que contribuem com o cuidado. Cada jovem indicou quem é a pessoa que cuida a maior parte do tempo, no caso em que ela se ausenta do cuidado.

Desta forma, foi verificado se cada pessoa da rede social da adolescente cuida ou não:

- a) Na ausência da mãe adolescente de segunda a sexta-feira;
- b) Na ausência da mãe adolescente no sábado e/ou domingo;
- c) Na presença da mãe adolescente de segunda a sexta-feira;
- d) Na presença da mãe adolescente no sábado e/ou domingo.

É importante mencionar que as categorias acima não são exclusivas. Por exemplo, a avó materna de uma criança pode cuidar dela nas quatro categorias. Desta forma,

foi possível saber que tipo de relação é mais frequente nas redes, em cada categoria de cuidado.

Se a pessoa fosse membro da rede de cuidado da criança na ausência da adolescente, por sua vez, seria identificada como:

- Cuidador principal;
- Cuidador secundário.

Domicílio e família

Na demografia, como em outras disciplinas, a família constitui uma importante unidade de análise (WAJNMAN, 2012). A família pode ser entendida de diferentes maneiras, dependendo da disciplina e a abordagem utilizada. Bruschini (1989) descreve as formas como a família é entendida por disciplinas como a sociologia e a antropologia. Para a antropologia a família é “o grupo de indivíduos ligados por elos de sangue, adoção ou aliança socialmente reconhecidos e organizados em núcleos de reprodução social” (BRUSCHINI, 1989).

Existem vários tipos de família. A partir dos critérios de residência e laços de parentesco, é possível construir alguns. Assim, Wajnman (2012) indica que a família domiciliar é constituída por pessoas que moram juntas e que estão ligadas por vínculos de parentesco. O tipo específico de família nuclear é constituído pelas relações entre cônjuges e entre eles e pais e filhos (WAJNMAN, 2012). Para Bruschini (1989), a família nuclear é o modelo predominante na sociedade moderna.

Outro tipo de família é o denominado por Wajnman (2012) como grupo familiar. Segundo a autora, este grupo, mais amplo que a família domiciliar, é composto por pessoas vinculadas por relações de parentesco. Estes laços se baseiam na consanguinidade, adoção e conjugalidade. Outras relações como: sogros, cunhados, madrasta, padrasto ou enteados, entendidos pela autora como vínculos por afinidade, também formam parte do grupo domiciliar. Os indivíduos que formam parte deste grupo podem se localizar em lugares geograficamente dispersos.

Em um sentido similar, Bruschini (1989) indica que, apesar da importância da família nuclear na sociedade moderna, os indivíduos adultos podem pertencer a dois tipos de família, a de origem e a de procriação ou nuclear.

Dada a importância que a literatura outorga aos parentes da adolescente na contribuição econômica e de tempo de cuidado das crianças, e devido a que um dos objetivos é conhecer se o pai da criança ou sua família fazem parte da rede de suporte, neste trabalho procura-se identificar os laços de consanguinidade de ambos. Assim, são categorizados principalmente dois tipos de família: 1) a família de origem da mãe adolescente ou do pai, constituída por todas as pessoas que têm vínculos de consanguinidade de primeiro grau: pais e irmãos; e 2) família estendida da mãe adolescente ou do pai, conformada por pessoas que têm vínculos de consanguinidade de segundo grau, como avós, tios, primos e por outras pessoas que estão relacionadas através de vínculos de conjugalidade com esses parentes. Padrastos e cunhados da adolescente e do pai da criança são considerados como família estendida deles, mesmo nos casos em que eles moram no mesmo domicílio.

É importante indicar como é tratada a conjugalidade da mãe adolescente. Apesar da importância deste vínculo, só para objeto da interpretação dos resultados, não está categorizada a família nuclear composta pela adolescente, a criança e seu pai, nos casos em que eles estão casados ou unidos. Mas o instrumento utilizado permite conhecer se a adolescente mora com o pai da criança na mesma residência, informação que está inclusa nos resultados.

Para identificar a residência das entrevistadas, parte-se do conceito de *hogar*, entendido em pesquisas oficiais levantadas no Equador como:

“a unidade social conformada por uma pessoa ou um grupo de pessoas que se agrupam para compartilhar alimentação ou moradia.

...

O *hogar* é um conjunto de pessoas que residem comumente no mesmo domicílio ou em parte dele (vivem sob o mesmo teto), que estão unidas ou não por laços de parentesco e que cozinham em comum para todos os membros.” (INEC, 2013, p. 59).

Embora os conceitos não sejam os mesmos, devido a que não existe tradução ao português do conceito, neste trabalho será usado o termo *domicílio* como um sinônimo de *hogar*.⁶

⁶ O conceito *domicílio* em português corresponde ao termo *vivienda* em espanhol. Cavenaghi & Alves (2011) fazem uma discussão sobre estes termos. Estes autores indicam que, apesar das diferenças nos conceitos, em algumas pesquisas realizadas no Brasil, o termo *domicílio* aproxima-se ao significado de *hogar*. Neste trabalho, não se partiu do conceito de *vivienda* porque este faz referência a um lugar estruturalmente separado e com entrada independente. Nos casos de adolescentes que formam um novo núcleo familiar, não se espera que suas unidades habitacionais estejam totalmente

4.6 Verificação das hipóteses

Perfil das mães adolescentes e dos pais

Para descrever o perfil das mães adolescentes entrevistadas e dos pais, foram calculadas várias medidas: idade média, idade média ao ter filho, idade ideal para ter o filho, proporção de entrevistadas: pertencendo a cada raça, migrante (morava em outra cidade os últimos 5 anos) e inseridas no mercado de trabalho. Para os pais foram obtidas medidas similares. Porém, deve-se indicar que há casos em que as adolescentes tinham informação incompleta ou não tinham informação deles. Construíram-se os perfis a partir dos dados provenientes das entrevistas estruturadas (ANEXO A) e em profundidade (ANEXO E). Desta forma, estuda-se se os pais são mais novos e aparecem inseridos no mercado de trabalho com mais frequência que as mães adolescentes. (Hipótese 1).

Redes de suporte material e de cuidado

Para verificar a importância da família das adolescentes na composição das redes de suporte material e de cuidado (Hipóteses 2 e 3), foram calculadas as porcentagens de redes sociais das adolescentes em que há fluxo de recursos materiais e/ou de tempo de cuidado para a criança, provenientes de cada vínculo j em que j é o tipo de vínculo do membro da rede com a criança, por exemplo: avó materna, tio materno, pai, etc.

Para conhecer a composição da rede de suporte material, foi calculada, primeiramente, a porcentagem de redes em que cada vínculo x fornece um ou mais tipos de itens.

Porcentagem de redes nas quais o vínculo j dá pelo menos um tipo de item

$$= \frac{\text{No. de redes sociais nas o vínculo } j \text{ dá pelo menos um tipo de item}}{\text{Total de redes sociais das adolescentes}}$$

Dada a importância que a literatura dá à avó e ao avô maternos (da criança), foi analisado se há contribuições provenientes deles, de ao menos um item material, apesar de que estes atores não vivam no mesmo domicílio que a adolescente.

separadas das dos seus pais ou sogros, ou tenham entrada independente. As unidades que as adolescentes formam aproximam-se mais à noção de *hogar*.

Também foram estudadas as características das redes sociais das adolescentes cujas crianças não recebem apoio dos avôs maternos.

Foi analisada a variedade de itens que a criança recebe segundo o conjunto de relações das adolescentes. Para isto, identificou-se cada membro da rede de suporte material. Eles foram agrupados em conjuntos de relações:

- a) Família de origem da mãe adolescente;
- b) Família de origem do pai;
- c) Família estendida da mãe adolescente;
- d) Família estendida do pai;
- e) Amigos/outros;
- f) Instituições.

Estudou-se a variedade de bens que o conjunto desses atores dá à criança, em cada rede da adolescente. Essa variedade de bens foi categorizada em três grupos:

- a) 0 itens;
- b) 1 a 3 itens;
- c) 4 a 5 itens.

Este cálculo foi realizado da seguinte forma:

$$\begin{aligned} & \textit{Porcentagem de redes nas quais o conjunto de relações j dá 0 itens} \\ & = \frac{\textit{No. de redes sociais nas que o conjunto de relações j dá 0 itens}}{\textit{Total de redes sociais das adolescentes}} \end{aligned}$$

$$\begin{aligned} & \textit{Porcentagem de redes nas quais o conjunto de relações j dá 1 a 3 itens} \\ & = \frac{\textit{No. de redes sociais nas que o conjunto de relações j dá 1 a 3 itens}}{\textit{Total de redes sociais das adolescentes}} \end{aligned}$$

$$\begin{aligned} & \textit{Porcentagem de redes nas quais o conjunto de relações j dá 4 a 5 itens} \\ & = \frac{\textit{No. de redes sociais nas que o conjunto de relações j dá 4 a 5 itens}}{\textit{Total de redes sociais das adolescentes}} \end{aligned}$$

Desta forma, conhece-se a frequência com que, nas redes sociais das jovens, os conjuntos de relações mencionadas permitem o fluxo de itens e variedade destes.

Para analisar a composição das redes de cuidado foi realizado um processo similar ao utilizado para o estudo das redes de suporte material.

Foram analisadas as frequências em que cada vínculo j entrega tempo de suporte nas categorias de cuidado de tempo estabelecidas. Assim, foram calculados:

a) Rede de cuidado na ausência da mãe adolescente de segunda a sexta-feira

Porcentagem de redes nas quais o vínculo j é cuidador principal (Ausência de segunda a sexta)

$$= \frac{\text{No. de redes sociais nas que o vínculo } j \text{ é cuidador principal na ausência de segunda a sexta}}{\text{Total de redes sociais nas que a adolescente se ausenta de segunda a sexta – feira}}$$

Porcentagem de redes nas quais o vínculo j é cuidador secundário (Ausência de segunda a sexta)

$$= \frac{\text{No. de redes sociais nas que o vínculo } j \text{ é cuidador secundário na ausência de segunda a sexta}}{\text{Total de redes sociais nas que a adolescente se ausenta de segunda a sexta – feira}}$$

b) Na ausência da mãe adolescente no sábado e/ou domingo

Porcentagem de redes nas quais o vínculo j é cuidador (Ausência sábado ou domingo)

$$= \frac{\text{No. de redes sociais nas que o vínculo } j \text{ é cuidador na ausência sábado ou domingo}}{\text{Total de redes sociais nas que a adolescente se ausenta sábado ou domingo}}$$

c) Na presença da mãe adolescente de segunda a sexta-feira

Porcentagem de redes nas quais o vínculo j é cuidador (Presença segunda a sexta)

$$= \frac{\text{No. de redes sociais nas que o vínculo } j \text{ é cuidador na presença de segunda a sexta}}{\text{Total de redes sociais das adolescentes}}$$

d) Na presença da mãe adolescente no sábado e/ou domingo

Porcentagem de redes nas quais o vínculo j é cuidador (Presença sábado ou domingo)

$$= \frac{\text{No. de redes sociais nas que o vínculo } j \text{ é cuidador na presença sábado ou domingo}}{\text{Total de redes sociais das adolescentes}}$$

No reporte dos resultados, se em alguns grupos o denominador tiver um baixo número de observações, são indicadas as frequências com que as redes aparecem e não as porcentagens.

Relação entre vínculo afetivo mãe adolescente-pai e o suporte

Para verificar se existe relação entre suporte material ou de cuidado por parte do pai ou sua família (Hipótese 4), quando há vínculo entre a mãe adolescente e o pai, foram feitas tabelas de contingência. As tabelas indicavam se existe uma tendência a que na existência do mencionado vínculo, os pais e suas famílias entreguem ao menos um tipo de item e/ou formam parte das redes de cuidado nas categorias descritas anteriormente.

Foi também analisado se alguns atributos do pai estão associados à entrega de bens ou de tempo de cuidado.

Centralidade e suporte

Uma parte da tese procura verificar se os atores que dão suporte material ou de cuidado são mais centrais ou mais importantes (PRELL, 2012) ou populares (KADUSHIN, 2012) na rede social da mãe adolescente (Hipótese 5). Para isto, primeiramente, foram calculadas várias medidas de centralidade para todos os membros de cada rede das entrevistadas: centralidade de grau, centralidade de vetor próprio e intermediação. Foram analisadas as relações entre estas medidas e o suporte material e/ou de cuidado por parte dos membros das redes sociais das adolescentes. Porém, a centralidade de grau foi a medida em que as associações foram mais evidentes. Os resultados são interpretados unicamente em função desta medida de centralidade.

A centralidade de grau para um ator i é o número de contatos imediatos que um ator tem em uma rede:

$$C_G(i) = \sum_{j=1}^n x_{ij}$$

Onde,

x_{ij} = Valor do vínculo entre o ator i e j (0 ou 1).

n = Número de nodos na rede

Para comparar a centralidade de atores entre redes de diferente tamanho, precisa-se padronizar a medida (PRELL, 2012). A centralidade de grau padronizada é a soma dos contatos imediatos de cada nodo em relação ao número total de nodos da rede. A centralidade de grau padronizada para o ator i representa-se assim:

$$C'_G(i) = \frac{C_G(i)}{n - 1}$$

Onde,

n = Número de nodos na rede

Foram comparadas as centralidades de grau normalizadas de todos os membros da rede das entrevistadas, segundo o pertencimento de cada um deles, às diferentes categorias de suporte material e de cuidado. A interpretação das variações das centralidades foi feita através de diagramas de caixa.

Foram também analisadas as centralidades do pai em relação às de outros membros da rede das adolescentes. Os resultados incluem diagramas de pontos da relação entre a centralidade de grau normalizado do pai e a da avó materna da criança.

Nos resultados são incluídos também sociogramas centrados de algumas entrevistadas. O objetivo de colocar estes gráficos é representar a posição dos atores que dão suporte em relação a outros. Foram escolhidos sociogramas de adolescentes que exemplificam casos nos que se observa o fluxo de suporte de jovens que têm vínculos fracos com a família de origem, como aquelas que residem em albergues. Outros gráficos colocados nos resultados evidenciam a posição que ocupam nas redes os pais das crianças e suas famílias, em relação à existência, ou não, de fluxos de suporte por parte deles. O guia para a interpretação destes gráficos consta no ANEXO G.

Percepções sobre paternidade

Para conhecer se a paternidade está relacionada principalmente com o sustento material para as adolescentes entrevistadas (Hipótese 6), foram analisadas as palavras mais utilizadas pelas adolescentes nas suas noções de paternidade ideal. Foram também analisados estes significados em função das experiências

vivenciadas pelas adolescentes. Com a finalidade de evitar perder detalhes na tradução das percepções das entrevistadas, suas falas estão transcritas em espanhol.

Continuação QUADRO 1

Conceito	Definição	Operacionalização	
Família de origem	Vínculo de consanguinidade de primeiro grau: pais e irmãos. Inclui meios irmãos	Membro da rede pertence à família de origem (da adolescente ou do	0=Não 1=Sim
Família estendida	Vínculo de consanguinidade de segundo grau: avós, tios primos. Aqui incluem-se também pessoas que não tendo vínculos de consanguinidade, tem laços com aquelas.	Membro da rede pertence à família estendida (da adolescente ou do progenitor)	0=Não 1=Sim
Amigos/ outros	Vínculos com pessoas que são amigos, namorados (exceto o progenitor), vizinhos ou colegas institucionais na mesma herarquia	Membro da rede pertence é amigo	0=Não 1=Sim
Institucionais	Vínculos com pessoas que pertencem a uma instituição e que tem outra herarquia (diretores de centros de proteção, professores, etc.)	Membro da rede pertence é institucional	0=Não 1=Sim
Vínculo afetivo mãe adolescente - progenitor	Vínculo de namorados ou esposos entre a adolescente e o progenitor da criança, segundo a opinião da adolescente.	Progenitor é parceiro afetivo da mãe adolescente	0=Não 1=Sim
Residência	Lugar em que o membro vive com relação à mãe adolescente	Membro da rede vive em:	1= Este domicílio 2= Este bairro 3= Outro bairro 4= Outra cidade 5= Outro país 9= Não sabe
Renda domiciliar per cápita	Renda mensal do domicílio dividida entre o número dos membros do domicílio.		USD
Trabalha	A pessoa (mãe adolescente, progenitor ou outra pessoa da rede) está inserida no mercado de trabalho.	Pessoa trabalha	0=Não 1=Sim
Estuda	A pessoa (mãe adolescente, progenitor ou outra pessoa da rede) está inserido no sistema de educação formal ou se prepara entrar na universidade.	Pessoa estuda	0=Não 1=Sim
Distorção idade-grau	A pessoa (mãe adolescente ou progenitor) apresentam uma defasagem de dois anos, correspondente a sua idade, no sistema educacional. Esta medida inclui os anos de estudo superior.	Pessoa tem distorção idade-grau	0=Não 1=Sim
Rede social	Conjunto de pessoas que estão vinculadas com a adolescente a través de relações de parentesco, de amizade, institucionais. Este conceito abre a possibilidade de incluir a pessoas com que a adolescente possa ter vínculos fracos, reduzida frequência de contato ou baixa intensidade de afetos		
Rede de suporte	Conjunto de pessoas que são parte da rede social da mãe adolescente e que contribuem com suporte material ou de cuidado.		
Centralidade	Importância de uma pessoa na rede social. Esta, é medida através da soma de contatos imediatos que um nodo tem em uma rede.		Porcentagem

5. RESULTADOS

5.1 Perfil de mães adolescentes e dos pais dos filhos

A TAB. 18 descreve as características do grupo de entrevistadas. Elas têm em média 17,06 anos. As entrevistadas tiveram o filho com uma idade média de 15,48 anos. A maioria das adolescentes indicou que a idade ideal para ter o primeiro filho é a partir dos 20 anos. 42% indicou que idade ideal é 25 anos. As adolescentes são mais jovens que os pais das crianças. Só uma das 47 que forneceram esta informação declarou ser mais velha que o pai. O restante das jovens são mais novas ou da mesma idade que os pais. A metade das adolescentes é, ao menos, 3 anos mais nova que eles. Neste universo, a mediana da diferença de idades corresponde à que as adolescentes tinham com seus parceiros, ao momento de engravidar, na Província de Pichincha⁷, segundo a *Encuesta Demográfica y de Salud Materna e Infantil- ENDEMAIN*, em 2004.⁸ Esta diferença no nível nacional é de 4 anos.

A mediana dos filhos é de nove meses. Duas entrevistadas tiveram dois filhos. Em um desses casos a avó materna entregou o primeiro filho para outra pessoa. O restante das adolescentes tem um. Mas 4 declararam que já estiveram grávidas. Foram entrevistadas uma mulher indígena e uma afro-equatoriana, uma se declarou branca. A grande maioria das adolescentes é mestiça. 2 são estrangeiras, provenientes da Colômbia. 14% vivia em outra cidade nos últimos 5 anos. 88% das adolescentes nasceram em Quito.

⁷ O Distrito Metropolitano de Quito pertence à Província de Pichincha. A ENDEMAIN-2004 tem representatividade unicamente até o nível de província.

⁸ Aqui, toma-se como referência a ENDEMAIN de 2004. Não foram incluídos dados mais recentes porque até a finalização desta tese não estavam disponíveis os resultados da *Encuesta Nacional de Salud y Nutrición* (ENSANUT 2007-2012).

TABELA 18 - Características sociodemográficas das mães adolescentes entrevistadas. Quito, 2013-2014

Idade	%	
12-14	6,00	
15-17	58,00	
18-19	36,00	
Total	100,00	(n=50)
Idade ao ter o filho	Anos	
Média	15,48	(n=50)
Idade do filho/a	Meses	
Mediana	9	(n=50)
Fecundidade	%	
Estiveram grávidas mais de uma vez	8,00	(n=50)
Têm 1 filho	96,00	(n=50)
Têm 2 filho	4,00	(n=50)
Condição de migrante	%	
Imigrante interna	14,00	(n=50)
Imigrante internacional	4,00	(n=50)
Estado civil	%	
Casada ou unida	30,00	
Solteira	70,00	
Total	100,00	(n=50)
Raça	%	
Mestiça	90,00	
Branca	6,00	
Indígena	2,00	
Negra	2,00	
Total	100,00	(n=50)
Escolaridade	%	
Estuda atualmente	74,00	(n=50)
Estudavam durante da gravidez	78,00	(n=50)
Distorção idade-grau	34,00	(n=50)
Trabalho	%	
Trabalham atualmente	4,00	(n=50)
Trabalhavam antes da gravidez	14,00	(n=50)
Condição econômica	(USD)	
Mediana da renda mensal domiciliar per cápita	123,60	(n=43)

Fonte: Pesquisa de campo. Quito, oct/2013 a jan/2014

TABELA 19 - Características sociodemográficas dos pais de crianças das mães adolescentes entrevistadas. Quito, 2013-2014

Idade		Anos	
Média		20,72	(n=47)
Idade ao ter o filho		Anos	
Mediana		19,00	(n=47)
Lugar de residência		%	
Quito		91,30	
Outra cidade		8,70	
Total		100,00	(n=46)
Raça		%	
Mestiça		83,33	
Branca		14,58	
Negra		2,08	
Total		100,00	(n=48)
Escolaridade		%	
Estuda atualmente		34,09	(n=44)
Estudavam durante da gravidez		56,52	(n=46)
Distorção idade-grau		75,00	(n=44)
Trabalho		%	
Trabalham atualmente		81,40	(n=43)
Trabalhavam antes da gravidez		56,25	(n=48)

Fonte: Pesquisa de campo. Quito, oct/2013 a jan/2014

A maioria das entrevistadas estuda. Nos casos em que há abandono escolar, a maternidade nem sempre é a causa, como tem sido debatido na literatura. 16% das adolescentes tinham abandonado a escola antes de ficarem grávidas. 28,6% das restantes indicaram que abandonaram os estudos por causa da gravidez. Entre as entrevistadas, há trajetórias escolares irregulares, como perda e repetência de anos. Assim, 34% das entrevistadas não cursam o mesmo ano escolar que outras adolescentes da sua idade, que não interromperam ou foram reprovadas nos períodos escolares.

Os motivos dos problemas de rendimento acadêmico que algumas adolescentes tiveram na escola não necessariamente estão relacionados com a maternidade. Mas algumas declaram que as responsabilidades de cuidado de filhos agravam outras condições difíceis. Duas adolescentes indicaram que a gravidez não implicou perdas

escolares, mas que as obrigou a mudar de sistema escolar, passando, assim, da modalidade presencial para a de distância. É importante mencionar que há adolescentes que não perderam, nem repetiram anos ou que não abandonaram a escola. Mas, elas declaram ter rotinas mais ajustadas e que geram mais estresse, comparadas com as que tinham quando não eram mães.

A maior parte das adolescentes provém de camadas populares. A mediana da renda domiciliar mensal per capita, entre as que informaram, foi de 123,60 dólares.⁹ A grande maioria das adolescentes não trabalha. Só duas adolescentes estão inseridas no mercado de trabalho. Uma trabalha na venda de frutas em feiras de alimentos aos domingos, e outra, eventualmente na venda de roupa, geralmente a cada 15 dias. Porém, 7 entrevistadas (14%) trabalhavam antes de engravidar. Elas se dedicavam à venda de alimentos e roupa, na indústria de confecção de roupa ou como garçonetes.

O cuidado do filho é uma das principais atividades que as adolescentes realizam. Outras ocupações contempladas nas rotinas das entrevistadas são trabalho doméstico não remunerado e obrigações escolares. Várias ajudam no trabalho informal às suas mães ou outros parentes, na venda de comida, frutas ou roupa. As atividades de lazer das entrevistadas são brincar com o filho, assistir televisão, navegar na internet e passear. Algumas narraram que os fins de semana acompanham seus parceiros a fazer esporte.

A composição dos arranjos familiares das adolescentes entrevistadas é similar aos achados em outros estudos (RODRIGUEZ, 2005). As adolescentes são, principalmente, filhas do(a) responsável pelo domicílio (TAB. 20). 12% delas são esposas do responsável pelo domicílio, apesar de que 30% estão casadas. No arranjo familiar da mãe adolescente é mais frequente a presença da sua mãe que a do pai. Dois terços das entrevistadas vivem sem pai e mãe, ou só com a mãe. Por outro lado, neste grupo de adolescentes se constata mortalidade diferencial por sexo. Só uma adolescente afirmou que sua mãe tinha falecido, diante dos 5 pais delas, que foram declarados mortos.

⁹ O valor da cesta básica, para dezembro de 2013, foi de 620,87 dólares, para domicílios padrão de quatro membros.

Fonte: www.ecuadoremCIFRAS.gob.ec.

Parte das entrevistadas (18%) vive em instituições de proteção em Quito. Elas enfrentaram alguma situação de vulnerabilidade. Experimentaram exploração sexual, violência doméstica ou provêm de famílias que não lhes dão proteção suficiente. Duas entrevistadas entraram no sistema de proteção porque foram mães com 12 anos. Uma delas vivia em união formal com o parceiro antes de engravidar. Neste grupo de entrevistadas está uma adolescente colombiana, em situação de refúgio. Ela participou de uma rede de tráfico internacional de droga e, dada a sensibilidade da sua condição, recebia proteção especial do estado equatoriano.

TABELA 20 – Características do domicílio das mães adolescentes entrevistadas. Quito, 2013-2014

Característica	Frequência	%
<i>Tamanho do domicílio</i>		
3	11	26,83
4	3	7,32
5	6	14,63
6	12	29,27
7	5	12,2
9+	4	9,76
Total	41*	100,00
<i>Relação com o/a responsável do domicílio</i>		
Filha	25	50,00
Esposa	6	12,00
Neta	5	10,00
Nora	2	4,00
Enteada	2	4,00
Irmã	1	2,00
Institucional	9	18,00
Total	50	100
<i>Pessoa que reside com a adolescente</i>		
Pai e mãe	15	30,00
Só mãe	13	26,00
Nem pai ou mãe	22	44,00
Total	50	100,00

Fonte: Pesquisa de campo. Quito, oct/2013 a jan/2014

* Foram excluídas as adolescentes institucionalizadas.

A idade média do pai é de 20,72 anos, de onde se deduz que a idade ao nascer o filho era ligeiramente menor a 20 anos. A maior parte deles é mestiça. 37 das 50 adolescentes informaram sobre sua percepção da situação econômica dos pais. 78% delas indicaram que os pais das crianças têm, ou tinham antes da gravidez, melhor ou igual situação econômica que elas. Nem todas as adolescentes

forneceram informação sobre o arranjo familiar dos pais. Apesar disso, foi indicado que ao menos 44% dos pais vivem atualmente, ou viviam, antes da gravidez, sós, ou em domicílios só com mãe ou só com pai. Isto dá uma ideia de que a paternidade nas idades jovens também pode estar relacionada com lares em que há relações fragmentadas, como a literatura indica. Com relação ao lugar de residência, a maior parte dos pais mora em Quito. 4 adolescentes indicaram que os pais vivem em outras cidades.

A porcentagem de pais que estudam é consideravelmente menor comparado com as mães adolescentes (TAB. 19), o que de certa forma era esperado, pois alguns pararam de estudar depois de terminar a escola secundária. No caso dos pais das crianças é mais elevada a porcentagem daqueles que têm repetido ou abandonado a escola ou a universidade. 75,00% dos pais dos que se tem informação não cursam o mesmo ano escolar que outros jovens da sua idade, que não interromperam ou foram reprovados em anos escolares.¹⁰ A maioria dos pais, com 18 anos ou mais, terminou a escola (61,36%). Porém, unicamente 25,58% dos jovens, com essas idades, cursam estudos superiores ou se preparam para entrar na universidade. 19,05% dos pais trabalham e estudam.

É alta a proporção de pais que estão inseridos no mercado de trabalho (81,40%). Só 8 dos 35 que trabalham atualmente passaram a trabalhar por causa da gravidez. Isso pode dar um indício de que a situação econômica de alguns jovens os condiciona a entrar antes no mercado de trabalho e, possivelmente, a formar famílias mais cedo que outros jovens. Por outro lado, há contextos que podem estimular o trabalho em idades mais jovens. Alguns pais moram em áreas rurais da cidade de Quito ou de outras partes do país. Eles fazem trabalho agrícola e se dedicavam a isso antes das adolescentes ficarem grávidas.

Acorde com pesquisas realizadas com adolescentes e jovens (CEPAL, 2004; CHACHAM; JAYME, 2013), os pais parecem ter mais oportunidades de trabalho que as adolescentes. Entre os casos dos pais dos quais se teve informação, observa-se uma ampla gama de ocupações. No trabalho, eles cumprem funções como:

¹⁰ O cálculo da distorção idade-grau não levou em conta os anos de estudo na universidade, unicamente os anos da escola. Assim, aqui não foi incluído o cálculo dos pais que com certa idade, deveriam estar cursando algum ano no ensino superior.

motorista, controlador de ônibus, segurança, cozinheiro, caixa, mensageiro, faxineiro. Alguns são funcionários públicos e outros de empresas privadas de comércio, agricultura e da construção. Entre os pais, há também quem tem se dedicado a atividades ilícitas. Um deles é parte de uma rede de tráfico internacional de droga. A mãe do seu filho estimou que, no momento da entrevista, ele vivia na Colômbia. Outro pai está em prisão, em Quito, e tem uma acusação por assassinato.

Existem algumas regularidades nos casos em que foi fornecida pouca informação sobre os pais. Trata-se, principalmente, daqueles casos em que há maior vulnerabilidade das adolescentes ou quando houve quebra nos relacionamentos. Estima-se que, em quatro casos, as adolescentes engravidaram em estupros. Três dessas jovens conheciam o pai. Um deles é primo da entrevistada. Dada a sensibilidade da situação, as adolescentes têm pouco contato com a família do pai da criança. Em outros casos em que foi dada pouca informação dos pais, as adolescentes viviam violência, exploração sexual ou exploração sexual, no momento da gravidez, ou engravidaram com 12 anos ou menos. Elas foram retiradas dos seus contextos e têm pouco ou nenhum contato com os pais das crianças. As regras institucionais de comunicação podem afetar o reduzido contato com os pais, mas boa parte dos relacionamentos parece ter sido fragmentada antes da sua remissão a estes centros. Pela informação dada pelas entrevistadas, há pais que não sabem que têm filhos.

Verifica-se a primeira hipótese. As mães adolescentes e os pais das crianças possuem características identificadas na literatura como fatores associados a este evento. Os pais das crianças são, em geral, mais velhos que as adolescentes, mas trata-se de homens jovens. Eles estão consideravelmente mais inseridos no mercado de trabalho, se comparados com as mães adolescentes.

5.2 Composição das redes de suporte material

Nas redes sociais das adolescentes entrevistadas, os fluxos de bens para a criança emanam, principalmente, dos vínculos provenientes da família de origem da mãe adolescente (FOM), do pai ou sua família de origem (FOP) e da família estendida da mãe adolescente (FEM).

A principal fonte de suporte material de crianças das adolescentes entrevistadas é sua família de origem, como é apontado amplamente pela literatura. A grande maioria (90%) das adolescentes recebe, ao menos, um tipo de item para o suporte dos filhos, por parte de membros da sua família de origem (FIG. 3). Apesar do vínculo de consanguinidade de primeiro grau da mãe adolescente ser relevante para explicar o suporte material, entre os membros da família, a avó materna da criança tem maior importância que o avô e os tios maternos (TAB. 21). As crianças têm algum apoio econômico da avó materna, mesmo nos casos em que elas não vivem no mesmo domicílio.

A relação entre os laços de consanguinidade e o suporte material da criança é afetada pela fraqueza dos vínculos. Em 10 casos as crianças não recebem suporte das avós maternas: estas apresentam baixa centralidade na vida das adolescentes e têm pouca frequência de contato com elas. A maioria de entrevistadas deste grupo indicou que nunca conviveu com elas. Em dois casos as avós maternas faleceram. Grande parte das adolescentes deste grupo (7 das 10 entrevistadas), vive em instituições de proteção.

O papel do avô materno é menos importante para o suporte material da criança. Isto, também estaria relacionado com a debilidade dos laços. Observou-se que é mais frequente que as adolescentes tenham vínculos fragmentados com o avô materno do que com a avó materna da criança. Na maioria de entrevistadas que não recebem suporte material deste membro da família (96,15%), o pai da jovem faleceu, se separou da mãe dela ou nunca teve contato com a adolescente.

Em mais da metade dos casos, ao menos um membro da família estendida da mãe adolescente fornece algum tipo de item (FIG. 3). Os/as tios/as avôs/ós e os/as bisavôs/ós maternos são os membros mais importantes (TAB. 21). Uma pequena proporção das adolescentes recebe uma variedade de 4 ou 5 tipos de item de membros da sua família estendida. Todas as adolescentes que recebem 4 ou 5 tipos de itens da sua família estendida moram com seus avôs e não com seus pais.

A importância da família estendida da mãe adolescente para o suporte da criança consta na FIG. 4. Neste caso, a entrevistada mora com a bisavó e os tios avós da criança e recebe deles suporte material para a filha. A criança recebe itens também

da avó materna, mesmo ela morando em outro bairro. Esta rede mostra também que, embora o pai e sua família de origem residam no mesmo bairro da adolescente, a criança não recebe algum item por parte deles. Um conflito quebrou o vínculo afetivo entre a mãe adolescente e o pai antes dela ficar grávida. Esta associação entre vínculo afetivo e suporte será tratada mais adiante.

TABELA 21 – Redes nas quais há fluxo de ao menos um tipo de item de suporte material, segundo o grupo de relações e tipo de vínculo com a criança. Quito, 2013-2014¹¹

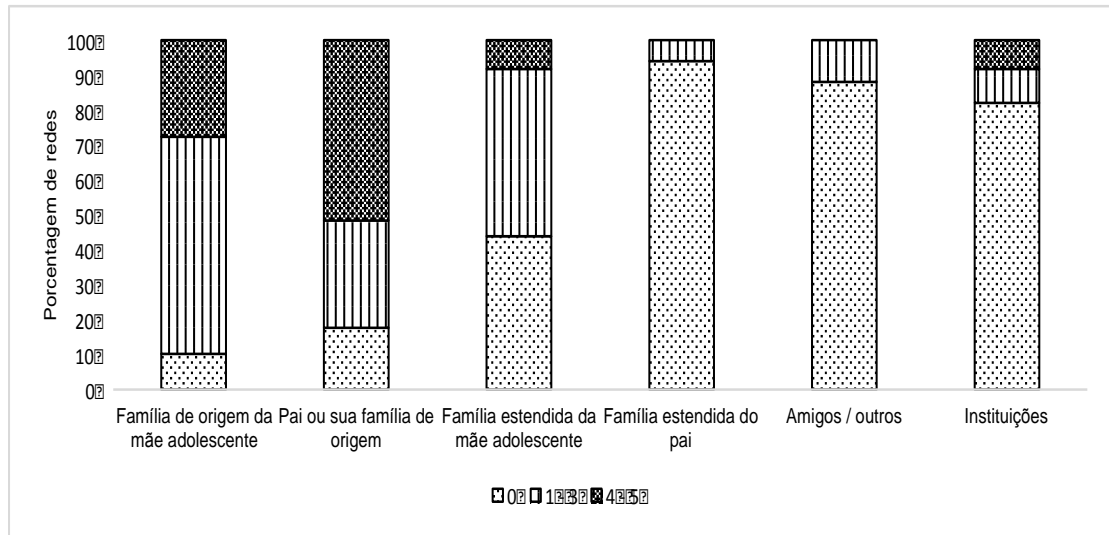
Grupo de relações	Tipo de vínculo com a criança	Porcentagem
Família de origem da mãe adolescente (FOM)	Avó materna	80,00
	Avô materno	48,00
	Tias/tios maternos	28,00
Família estendida da mãe adolescente (FEM)	Tia-avó(s) / tio-avô(s) m:	26,00
	Bisavó/bisavô maternos	28,00
	Outros	24,00
Família de origem do pai (FOP)	Pai	70,00
	Avó paterna	46,00
	Avô paterno	24,00
	Tioa/tios paternos	16,00
Família estendida do pai (FEP)	Tia-avó(s) / tio-avô(s) pa	6,00
	Bisavó/bisavô paternos	2,00
	Outros	2,00
Outros	Amigos	8,00
	Atores institucionais	18,00

Fonte: Pesquisa de campo. Quito, oct/2013 a jan/2014

Neste universo, há casos em que o pai e/ou sua família de origem contribuem com o suporte material da criança. A maior parte das entrevistadas indica que o pai fornece ao menos um tipo de item (70%) (TAB. 21). Mais da metade das adolescentes declaram que recebem quatro ou cinco tipos de itens provenientes do pai ou da sua família de origem. Inclusive, esta proporção é maior que a de adolescentes que recebem quatro ou cinco tipos de itens provenientes da família de origem da mãe adolescente (FIG. 3). A maior parte das adolescentes que recebem 4 ou 5 tipos de itens por parte do pai ou sua família são parceiras afetivas do pai.

¹¹ Leia-se a primeira fila da TAB. 21 da seguinte forma. Em 80% das 50 redes estudadas, as crianças recebem ao menos um tipo de item, proveniente da avó materna.

FIGURA 3 - Variedade de itens entregues à criança, segundo o grupo de relações. Quito, 2013-2014¹²



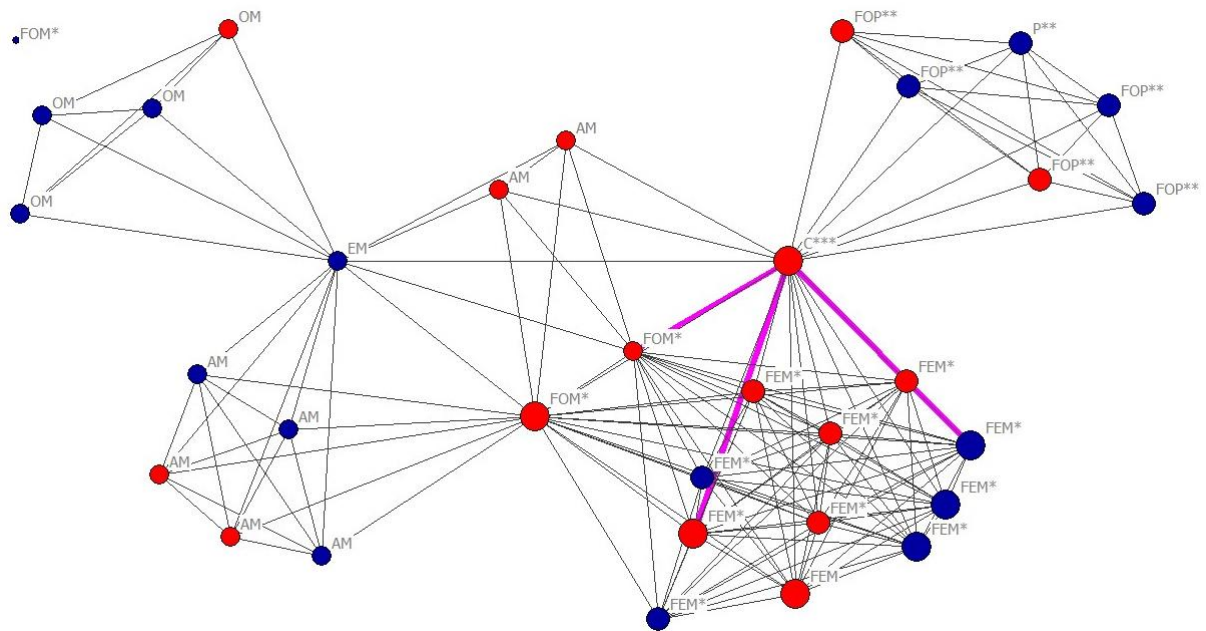
Fonte: Pesquisa de campo. Quito, oct/2013 a jan/2014

Entre as entrevistadas se observa que a família estendida do pai contribui pouco no suporte material da criança. Só uma pequena proporção de adolescentes declarou que membros da família estendida do pai fornecem bens para a criança. Ao levar em conta a variedade de itens, a família estendida da mãe adolescente também tem um papel mais importante no suporte material que a família estendida do pai.

Diante de laços fragmentados entre a adolescente e sua família, os atores institucionais passam a ter um papel relevante no suporte material. A entrevistada E01 mora em uma instituição de proteção (FIG. 5). Os vínculos familiares desta adolescente se caracterizam pela baixa centralidade (localização na periferia do gráfico). Toda a variedade de itens para o suporte da criança é fornecida pela instituição.

¹² Leia-se a primeira barra da FIG. 3 assim: Das 50 redes pesquisadas, aprox. em 10% não há fluxo de item algum para a criança, por parte de algum membro da família de origem da mãe adolescente. Aprox. em 60% das redes há fluxo de 1 a 3 tipos de item, de ao menos um membro da família de origem da mãe adolescente. Aprox. em 30% das redes há fluxo de 4 a 5 tipos de item para a criança, de ao menos um membro da família de origem da adolescente.

FIGURA 4- Rede egocêntrica e rede de suporte material da E21.



Sexo

- Homem
- Mulher

Vínculo afetivo com o pai

- ▽ Sim
- Não

Distância espacial com a mãe adolescente

- Mesmo domicílio
- Mesmo bairro
- Outro bairro
- Outra cidade
- Outro país

Fluxo de suporte

- Sim
- Não

Existência de vínculo

- Sim
- Não

Relação com a criança

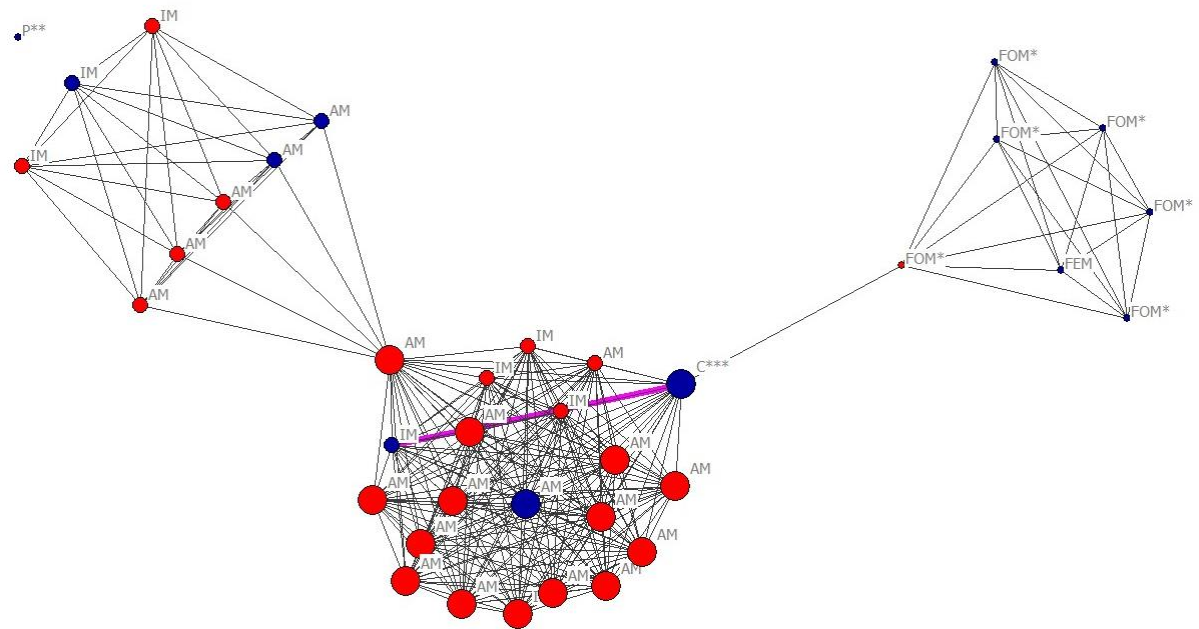
- FOM Família de origem da mãe adolescente
- FEM Família estendida da mãe adolescente
- P Pai
- FOP Família de origem do pai
- FEP Família estendida do pai
- AM Amigos da mãe adolescente
- IM Vínculo institucional da mãe adolescente
- AP Amigos do pai

Vínculo de consanguinidade

- * Vínculo de consanguinidade de 1º grau da mãe adolescente
- ** Vínculo de consanguinidade de 1º grau do pai
- *** Vínculo de consanguinidade de 1º grau da mãe adolescente e do pai

Fonte: Pesquisa de campo. Quito, oct/2013 a jan/2014

FIGURA 5 - Rede egocêntrica e rede de suporte material da E01.



Sexo

- Homem
- Mulher

Vínculo afetivo com o pai

- ▽ Sim
- Não

Distância espacial com a mãe adolescente

- Mesmo domicílio
- Mesmo bairro
- Outro bairro
- Outra cidade
- Outro país

Fluxo de suporte

- Sim
- Não

Existência de vínculo

- Sim
- Não

Relação com a criança

- FOM Família de origem da mãe adolescente
- FEM Família estendida da mãe adolescente
- P Pai
- FOP Família de origem do pai
- FEP Família estendida do pai
- AM Amigos da mãe adolescente
- IM Vínculo institucional da mãe adolescente
- AP Amigos do pai

Vínculo de consanguinidade

- * Vínculo de consanguinidade de 1º grau da mãe adolescente
- ** Vínculo de consanguinidade de 1º grau do pai
- *** Vínculo de consanguinidade de 1º grau da mãe adolescente e do pai

Fonte: Pesquisa de campo. Quito, oct/2013 a jan/2014

Ao se analisar a associação entre a relação de parentesco e o tipo de bem que a criança recebe se observam vários aspectos (TAB. 22). Em geral, a família de origem da adolescente e o pai ou sua família de origem fornecem bens relacionados com a alimentação, artigos pessoais, artigos medicinais e outros. É interessante

verificar que mais da metade das entrevistadas recebem do pai da criança bens para alimentar a criança, artigos pessoais e medicinais. Já o lugar em que mora a mãe adolescente e sua criança é um espaço tipicamente oferecido pela família de origem da adolescente. Unicamente 5 das 50 adolescentes e suas crianças vivem em domicílios do pai ou da sua família de origem.

Outro dado interessante é respeito ao dinheiro que as adolescentes recebem como contribuição para o sustento da criança. Como foi mencionado anteriormente, é mais frequente que as mães recebam diretamente bens que dinheiro. Assim, apesar da importante função que os membros da família de origem da mãe adolescente têm no sustento material da criança, eles compram diretamente os artigos necessários. Só a terça parte dos pais das crianças entrega dinheiro às adolescentes.

A família estendida da mãe adolescente contribui com todos os tipos de bens mais do que a família estendida do pai da criança. Os dados mostram que as famílias estendidas entregam principalmente bens não essenciais, como brinquedos ou roupa.

TABELA 22 – Tipo de item entregue e vínculo com a mãe adolescente. Quito, 2013-2014

Relação	Frequência			Porcentagem		
	Não	Sim	Total	Não	Sim	Total
Alimentação						
Família de origem da mãe adolescente	22	28	50	44,00	56,00	100,00
Família estendida da mãe adolescente	38	12	50	76,00	24,00	100,00
Pai ou sua família de origem	19	31	50	38,00	62,00	100,00
Família estendida do pai	49	1	50	98,00	2,00	100,00
Amigos	50	0	50	100,00	0,00	100,00
Atores institucionais	44	6	50	88,00	12,00	100,00
Artigos pessoais						
Família de origem da mãe adolescente	31	19	50	62,00	38,00	100,00
Família estendida da mãe adolescente	42	8	50	84,00	16,00	100,00
Pai ou sua família de origem	13	37	50	26,00	74,00	100,00
Família estendida do pai	49	1	50	98,00	2,00	100,00
Amigos	50	0	50	100,00	0,00	100,00
Atores institucionais	46	4	50	92,00	8,00	100,00
Medicinas						
Família de origem da mãe adolescente	34	16	50	68,00	32,00	100,00
Família estendida da mãe adolescente	44	6	50	88,00	12,00	100,00
Pai ou sua família de origem	17	33	50	34,00	66,00	100,00
Família estendida do pai	50	0	50	100,00	0,00	100,00
Amigos	50	0	50	100,00	0,00	100,00
Atores institucionais	45	5	50	90,00	10,00	100,00
Moradia						
Família de origem da mãe adolescente	19	31	50	38,00	62,00	100,00
Família estendida da mãe adolescente	45	5	50	90,00	10,00	100,00
Pai ou sua família de origem	45	5	50	90,00	10,00	100,00
Família estendida do pai	50	0	50	100,00	0,00	100,00
Amigos	50	0	50	100,00	0,00	100,00
Atores institucionais	41	9	50	82,00	18,00	100,00
Outros						
Família de origem da mãe adolescente	18	32	50	36,00	64,00	100,00
Família estendida da mãe adolescente	28	22	50	56,00	44,00	100,00
Pai ou sua família de origem	12	38	50	24,00	76,00	100,00
Família estendida do pai	40	10	50	80,00	20,00	100,00
Amigos	45	5	50	90,00	10,00	100,00
Atores institucionais	44	6	50	88,00	12,00	100,00

Fonte: Pesquisa de campo. Quito, oct/2013 a jan/2014

5.3 Composição da rede de suporte de cuidado

Todas as entrevistadas têm sob sua responsabilidade o cuidado dos filhos. Como foi mencionado anteriormente, uma parte das adolescentes delega o cuidado enquanto se afasta da criança, para assistir à escola ou porque membros da família dela, ou

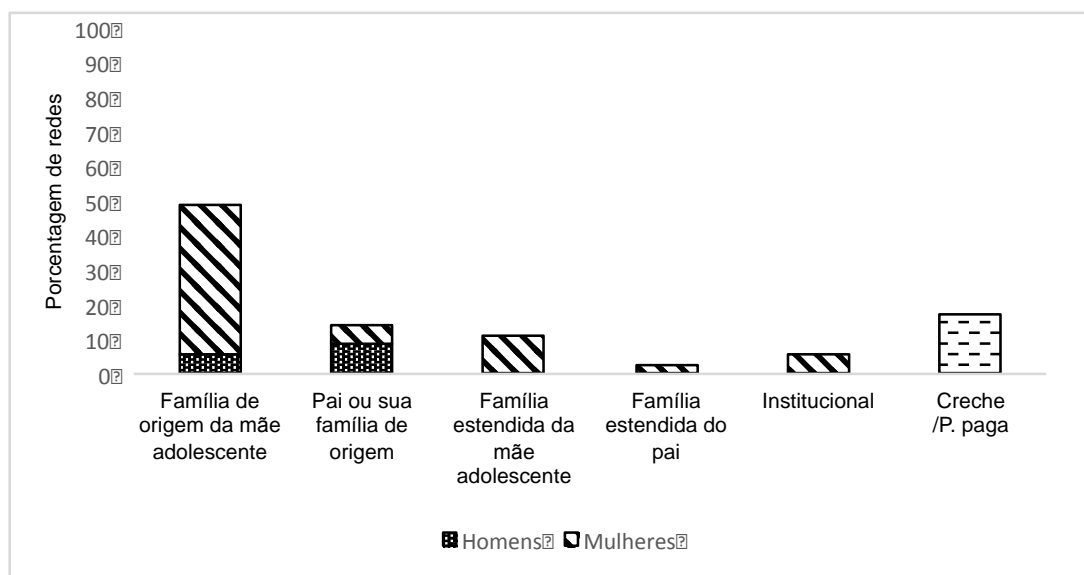
do pai, solicitam levar a criança. Mas, as entrevistadas também recebem apoio no cuidado sem se apartar dela. São analisadas as composições da rede de cuidado nos casos em que a adolescente se afasta da criança e quando as entrevistadas recebem apoio, mesmo em companhia delas. Estes grupos são divididos, por sua vez, sob o critério de dias da semana: de segunda a sexta-feira e sábado ou domingo. É importante mencionar que estes grupos não são exclusivos. Por exemplo, uma adolescente que assiste a escola e recebe ajuda para o cuidado, também pode ter apoio de membros da rede, durante as horas em que está em casa com o filho.

5.3.1 Suporte de cuidado na ausência da adolescente de segunda a sexta-feira

A maior parte das jovens entrevistadas (70%) se ausenta do cuidado de segunda a sexta-feira, principalmente por atividades educacionais. A maioria delas é parte da modalidade presencial de ensino, tendo aulas de segunda à sexta-feira, em horários diurno, vespertino ou noturno. Uma entrevistada deixa a filha na creche durante a semana, mas ela não é estudante nem está inserida no mercado de trabalho.

Em cada rede foi identificada a pessoa que mais tempo contribui com o cuidado, o cuidador principal. A maioria dos cuidadores principais são mulheres. A FIG. 6 mostra que a maior porcentagem (48,57%) deste subgrupo de entrevistadas recebe ajuda de membros da família de origem da adolescente. 17,14% das entrevistadas deixam a criança em creches públicas, privadas e pessoas pagas. A família de origem do pai e a família estendida da mãe adolescente têm menos importância nesta rede de cuidado.

FIGURA 6 – Relação e sexo do cuidador principal nas redes no grupo de adolescentes que se ausentam do cuidado de segunda a sexta-feira. Quito, 2013-2014¹³



Fonte: Pesquisa de campo. Quito, oct/2013 a jan/2014

Dentro da família de origem, a avó materna da criança é o ator de maior importância no cuidado. As avós que cuidam moram no mesmo domicílio da mãe adolescente. Elas não estão inseridas no mercado de trabalho, têm empregos informais ou negócios próprios. Algumas estão acompanhadas da criança enquanto trabalham. É importante mencionar que, em nenhum dos casos, as avós maternas saíram do mercado de trabalho para se dedicar ao cuidado da criança.

Só em três casos o pai é o principal cuidador da criança na ausência da mãe adolescente. Um deles vive em união com a adolescente. Estes pais dispõem de tempo para o cuidado porque estudam pela tarde ou noite ou não estavam estudando ou trabalhando no momento da pesquisa. Algumas adolescentes declararam que os pais cuidavam em tempos anteriores à pesquisa, mas que, ao passar a trabalhar ou estudar, deixaram de cuidar das crianças. As duas avós paternas que cuidam dos netos não estão inseridas no mercado de trabalho.

¹³ Leia-se a primeira barra da FIG. 6 desta forma: Aprox. 45% das redes de cuidado de adolescentes que se ausentam das crianças de segunda a sexta-feira, tem como cuidador principal membros da sua família de origem. A maior parte deles são mulheres. A soma de todas as barras corresponde ao 100% dos casos deste subgrupo de adolescentes.

A família estendida da mãe adolescente e do pai também forma parte da rede de cuidadores principais, mas em menor proporção (FIG. 6). Trata-se de bisavós maternas e uma tia-avó paterna da criança. Elas não trabalhavam no momento da pesquisa nem estavam inseridas no mercado de trabalho antes de tomar a responsabilidade do cuidado.

A maioria dos cuidadores principais deste grupo de adolescentes mora no mesmo domicílio ou no mesmo bairro que a entrevistada, excetuando os casos em que a creche é o principal membro da rede. (TAB. 23)

TABELA 23- Lugar de residência do cuidador principal das redes do grupo de adolescentes que se ausentam do cuidado de segunda a sexta-feira. Quito, 2013-2014.¹⁴

Lugar	Frequência	Porcentagem
Mesmo domicílio	20	68,97
Mesmo bairro	7	24,14
Outro bairro	2	6,90
Subtotal	29	100,00
Creche/ pessoa paga	6	
Total	35	

Fonte: Pesquisa de campo. Quito, oct/2013 a jan/2014

O cuidado de crianças é uma atividade realizada principalmente por mulheres entre as entrevistadas. Além dos três pais que cuidam dos filhos na ausência da mãe adolescente, só dois homens formam parte da rede de cuidado deste grupo de adolescentes: um avô materno e um tio materno da criança que, no momento da pesquisa, não estavam trabalhando. Nesses domicílios, as avós maternas da criança estavam empregadas no momento da pesquisa.

Os cuidadores principais na ausência da mãe adolescente podem estar acompanhados de outras pessoas que, em momentos, ajudam com o cuidado simultaneamente. Em outras situações, durante as jornadas de cuidado, os cuidadores principais se ausentam e delegam essa atividade a terceiras pessoas. Nos casos mencionados, os membros da rede de cuidado são chamados de cuidadores secundários.

A maior parte das redes (22 de 35) conta com cuidadores secundários neste subgrupo de adolescentes (TAB. 24). Mais da metade das adolescentes que se

¹⁴ O total da TAB. 24 (35) corresponde ao número de redes de cuidado em que as adolescentes se ausentam do cuidado de segunda a sexta-feira.

ausentam de segunda a sexta-feira contam com um ou mais cuidadores secundários. As redes de cuidadores secundários de maior tamanho têm três pessoas. Estas redes se caracterizam pela presença de bisavós maternos e paternos da criança, além da família de origem da mãe adolescente.

TABELA 24- Tamanho da rede de cuidadores secundários, entre as adolescentes que se ausentam de segunda a sexta-feira. Quito, 2013-2014

Tamanho	Frequência	Porcentagem
0	13	37,14
1	17	48,57
2	2	5,71
3	3	8,57
Total	35	100

Fonte: Pesquisa de campo.
Quito, oct/2013 a jan/2014

Entre os cuidadores secundários se destaca, novamente, a presença da avó materna (TAB. 25). Algumas avós maternas deste subgrupo de adolescentes (22%) não podem ficar com a criança durante todo o tempo que a jovem se ausenta. Mas, elas contribuem com parte do tempo de cuidado, enquanto a adolescente não pode cuidar do filho. A família estendida da mãe adolescente fornece com mais frequência cuidadores secundários que a família estendida do pai.

TABELA 25- Tipo de vínculo dos cuidadores secundários nas redes do grupo de adolescentes que se ausentam de segunda a sexta-feira. Quito, 2013-2014.¹⁵

Grupo de relações	Tipo de vínculo com a criança	Frequência
Família de origem da mãe adolescente	Avô materno	2
	Avó materna	7
Família de origem do pai	Pai	5
	Avô paterno	1
	Avó paterna	4
Família estendida da mãe adolescente	Bisavô materno	4
	Bisavó materna	3
	Tia avó materna	2
Família estendida do pai	Bisavô paterno	1
	Bisavó paterna	1
Amigas		1
Institucional		1

Fonte: Pesquisa de campo. Quito, oct/2013 a jan/2014

Apesar de que são altas as proporções dos cuidadores principais e secundários que moram na mesma residência da mãe adolescente, é maior a proporção de cuidadores secundários que moram em outro domicílio, ou outro bairro de Quito. Assim, para que os cuidadores secundários contribuam com este tipo de suporte, há uma mobilidade no espaço, seja do cuidador ou da criança. Isto pode indicar que a proximidade dos vínculos leva as pessoas a quebrarem um dos principais limitantes para contribuir com o cuidado, a distância espacial. Neste subgrupo de adolescentes, 5 pais ficam com ou deslocam a criança para o lugar do cuidado.

5.3.2 Suporte de cuidado na ausência da mãe adolescente no fim de semana

15 adolescentes (30% das entrevistadas) delegam o cuidado durante o sábado ou domingo. Elas se ausentam por ter aulas no sistema semipresencial de ensino,

¹⁵ Leia-se a primeira fila da TAB. 25 desta forma. Duas redes das 22 em que existe cuidador secundário (e em que a mãe adolescente se ausenta de segunda a sexta-feira) são avôs maternos da criança.

Esta tabela não apresenta totais porque as categorias não são exclusivas.

aulas de inglês ou cursos pré-universitários. Duas adolescentes deste grupo se ausentam por atividades esportivas ou religiosas.

A composição das redes durante sábados ou domingos não tem um cuidador principal. Geralmente, nos fins de semana várias pessoas dividem o cuidado da criança durante a ausência da adolescente. A família de origem e a estendida da mãe adolescente são os grupos de relações mais frequentes nesta rede de cuidado (TAB. 26). O pai e sua família têm menos importância. Não se encontrou neste subgrupo de adolescentes nenhuma pessoa da família estendida do pai. Nos dois casos das jovens que pertencem a instituições neste subgrupo, amigos ou pessoal da organização contribuem com o cuidado.

TABELA 26- Tipo de vínculo dos cuidadores nas redes do grupo de adolescentes que se ausentam sábado e domingo. Quito, 2013-2014.

Grupo de relações	Tipo de vínculo com a criança	Frequência
Família de origem da mãe adolescente	Avó materna	3
	Avô materno	5
Família de origem do pai	Pai	3
	Avô paterno	2
	Avó paterna	1
Família estendida da mãe adolescente	Bisavô materno	1
	Tio avô materno	1
	Bisavó materna	3
	Tia avô materna	1
Família estendida do pai		-
Amigos		1
Institucional		1

Fonte: Pesquisa de campo. Quito, oct/2013 a jan/2014

A maior parte de pessoas que contribuem com o cuidado vivem no domicílio ou no mesmo bairro que a mãe adolescente.

5.3.3 Cuidado com presença da mãe adolescente de segunda a sexta

As adolescentes podem requerer ajuda no cuidado da criança sem se afastar dela. Nesses casos, também as avós e os avôs maternos têm um papel importante. Chama atenção a alta frequência de redes em que o pai contribui com o cuidado, em presença da mãe adolescente. Algumas adolescentes estudantes indicaram que os pais, ao estarem conjuntamente com a mãe adolescente, ajudam também na realização de tarefas da escola das jovens, enquanto elas cuidam da criança. A presença da família estendida da adolescente e da família de origem e estendida do pai é menos importante.

A ajuda que as adolescentes recebem enquanto estão com os filhos está associada à sua condição de estudante (TAB. 27). Em geral, a proporção de adolescentes que recebe ajuda de outras pessoas é maior se se trata de estudantes. Isto pode dar uma ideia da percepção das entrevistadas e suas famílias, de que aquelas que não são estudantes precisam de menos ajuda, apesar da intensidade do trabalho doméstico que elas realizam. O lugar de residência das pessoas que formam parte deste tipo de rede é o mesmo domicílio ou bairro em que a adolescente mora.

TABELA 27- Relação dos cuidadores com a criança. Redes de cuidado em presença da mãe adolescente de segunda a sexta-feira, segundo condição de estudantes. Quito, 2013-2014.

Grupo de relações	Tipo de vínculo com a criança	Total Frequência n=50	Estudantes Frequência n=35	Não estudantes Frequência n=15
Família de origem da mãe adolescente	Avô materno	8	6	2
	Avó materna	19	14	5
	Tios maternos	4	3	1
	Tias maternas	3	1	2
Família de origem do pai	Pai	20	17	3
	Avô paterno	2	2	-
	Avó paterna	2	2	-
	Tios paternos	-	-	-
	Tias paternas	-	-	-
Família estendida da mãe adolescente	Primo mãe adolescente	1	1	-
	Bisavó materna	3	3	-
	Prima mãe adolescente	3	3	-
	Tia avó materna	1	1	-
	Prima materna da criança	1	1	-
	Bisavô materno	1	1	-
Família estendida do pai	-	-	-	-
Amigas		6	1	5
Institucional		3	1	2

Fonte: Pesquisa de campo. Quito, oct/2013 a jan/2014

5.3.4 Cuidado com presença da mãe adolescente no sábado ou domingo

Durante os fins de semana, as adolescentes têm maior contato com outras pessoas da sua rede social, principalmente pessoas da sua família estendida ou da família do pai. Enquanto as jovens estão acompanhadas de seus filhos estas pessoas podem contribuir com o cuidado. Porém, em geral, as adolescentes declararam que nestes casos a ajuda que recebem é por espaços curtos de tempo. Assim, esta rede tende a refletir mais as relações sociais da adolescente que os vínculos de suporte de cuidado. Por outro lado, se observa que a proporção de pessoas da rede de cuidado em presença da adolescente, no sábado ou domingo, que mora em outros bairros de Quito, é maior comparado com membros da rede de cuidado em presença da adolescente, de segunda a sexta-feira.

5.4 Vínculo afetivo mãe adolescente – pai e suporte

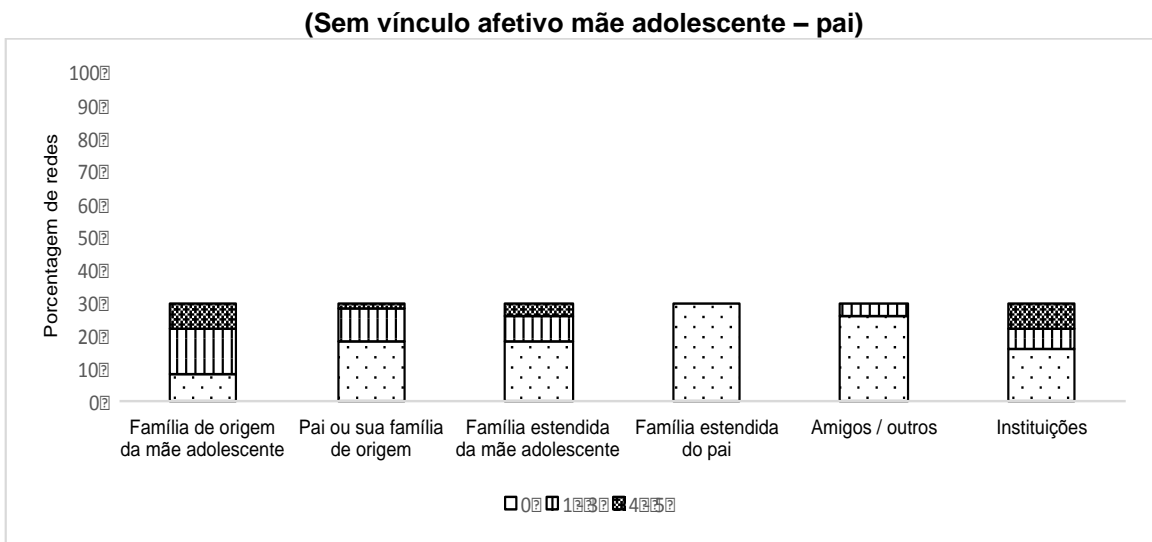
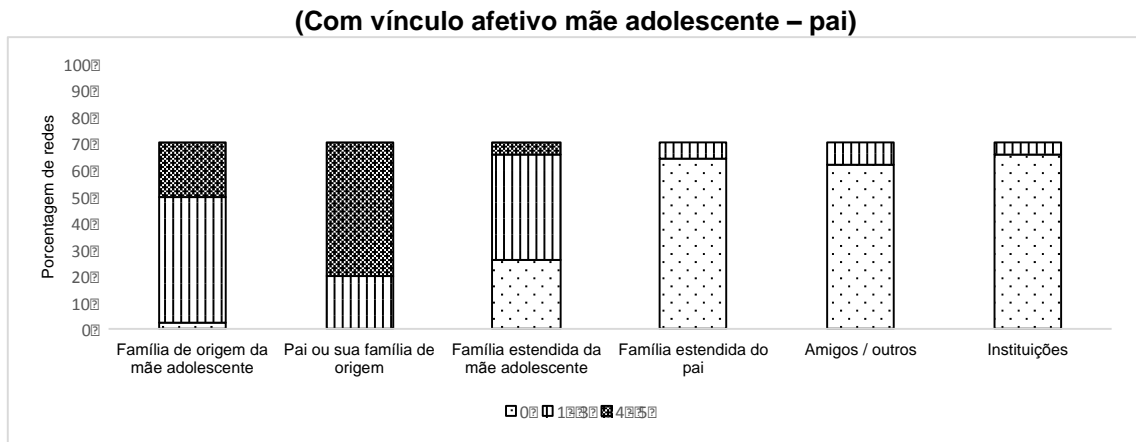
O vínculo afetivo entre o pai e a mãe adolescente está associado com o suporte material e de cuidado. A existência desse vínculo gera mudanças na composição das redes. Todas as adolescentes que têm vínculo afetivo com o pai recebem ao menos um item dele ou de sua família para o suporte material da criança (TAB. 27). A variedade de itens entregues pelo pai ou sua família também muda na existência de vínculo afetivo. A FIG. 7 é uma decomposição da FIG. 3. Uma maior variedade de itens é entregue pelo pai, sua família e a família estendida dele, quando a adolescente e o pai são parceiros afetivos. Isto demonstra o que é ressaltado por Lin (2001): a força do vínculo amoroso está associado ao suporte.

TABELA 28- Vínculo afetivo e suporte material por parte do pai ou da família dele

Suporte material	Vínculo afetivo romântico		Total
	Não	Sim	
Não	11	0	11
Sim	4	35	39
Total	15	35	50

Fonte: Trabalho de campo, 2013

FIGURA 7- Variedade de itens entregues à criança, segundo o grupo de relações e vínculo afetivo entre a mãe adolescente e o pai. Quito, 2013-2014.



Fonte: Pesquisa de campo. Quito, oct/2013 a jan/2014

A relação entre o vínculo afetivo e o suporte de cuidado tem variações, dependendo do dia da semana e da presença ou ausência da mãe adolescente no cuidado. Nas redes em que não existe vínculo afetivo, nem o pai nem membros da família dele são cuidadores principais. Alguns pais que têm vínculo são cuidadores principais, mas é alta a porcentagem de pais que, tendo vínculo, não cuidam da criança. Essa tendência é similar se considera-se o pai ou sua família como cuidador secundário.

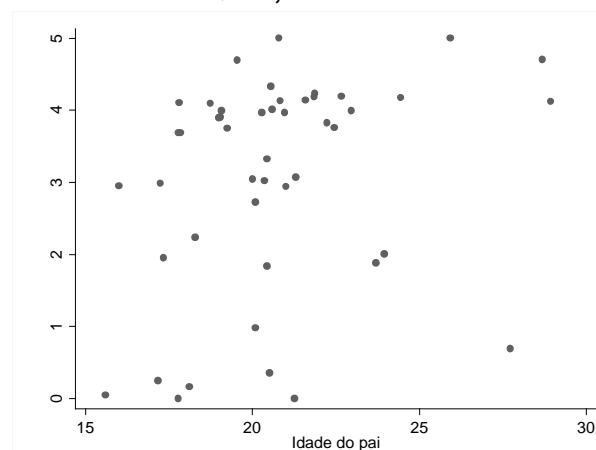
Na existência de vínculo afetivo, o pai ou a família dele tende a contribuir mais com o cuidado da criança, nos casos em que a adolescente está presente, de segunda a sexta-feira. Isto acontece porque além do vínculo com a criança, o vínculo afetivo com a adolescente motiva o pai a ter mais encontros com ela, mas esta relação acontece principalmente na população das adolescentes que estudam.

Possivelmente, isso acontece porque elas demandam do pai ajuda no cuidado, enquanto fazem deveres da escola.

O vínculo afetivo parece não ter influência para o pai ou sua família tomar parte da rede de cuidado, na ausência da adolescente nos fins de semana. Já no cuidado na presença da mãe adolescente durante os fins de semana, observa-se uma tendência a que o pai e a família dele contribuam com algum tempo de cuidado quando existe o laço afetivo. Porém, como foi mencionado, os tempos de cuidado da criança por outras pessoas, no final de semana, em presença da adolescente, são curtos.

Apesar de que, neste trabalho, se enfatiza as relações, há atributos individuais do pai que podem influenciar o suporte material que eles fazem. Assim, foram estudadas duas características dos pais: se eles apresentam distorção idade-grau de escolaridade e se eles trabalham. Entre as redes das entrevistadas, não se observou com clareza se o trabalho e a escolaridade do pai estejam relacionados com o suporte material, mas existe uma tendência a que, com o aumento da idade do pai, este ou a família de origem dele entreguem uma maior variedade de itens para o suporte da criança (FIG. 8). Assim, para o grupo de entrevistadas o vínculo afetivo parece predizer o suporte material mais do que os atributos do pai.

FIGURA 8- Variedade de itens entregues pelo pai de crianças de mães adolescentes, segundo idade dele. Quito, 2013-2014.



Fonte: Pesquisa de campo. Quito, oct/2013 a jan/2014

Foi analisado também se essas mesmas características do pai afetam o suporte de cuidado nas categorias dadas pelos dias da semana e pela presença ou ausência da

mãe adolescente. Em geral, comparativamente com as adolescentes, poucos pais ou suas famílias realizam algum tipo de cuidado, mas existe uma tendência a que os pais que não apresentam distorção na escolaridade participem da rede de cuidado, na ausência da mãe adolescente, de segunda a sexta-feira. Os pais que não interromperam os estudos tendem a formar parte da rede de cuidado, principalmente de segunda a sexta-feira (com ou sem ausência da adolescente), comparado com quem interrompeu. Quem trabalha tende a formar parte da rede de cuidado em maior proporção que aqueles que não trabalham. Uma explicação para esse fato pode ser que parte daqueles que trabalham têm formado um núcleo familiar ou já contribuem com o suporte material o que os aproxima, de alguma forma, a contribuir também com o cuidado.

Finalmente, foi analisada uma possível relação espúria entre vínculo afetivo e o suporte da criança. Trata-se do vínculo pai-filho. A existência do vínculo pai-filho poderia gerar o suporte material e de cuidado, e poderia gerar também o laço afetivo entre o pai e a adolescente. A esse respeito, não foi observado que o vínculo pai-criança, seja o que produza o vínculo afetivo entre o pai e a adolescente. Na maior parte dos casos, os pais e as entrevistadas já eram parceiros antes da gravidez. Por outro lado, alguns depoimentos confirmam que a quebra do relacionamento afetivo interrompe o suporte que os pais dão. Quando há reconciliação no relacionamento, o suporte é entregue novamente por parte do pai. Algumas falas mostram isso:

ENT: “Qué pasaría si tú no tuvieras ninguna relación con él, si tú no fueras enamorada ... le viera a tu hija?”

E11: “No, no porque cada vez que nos peleábamos, entonces ya no le iba a ver a la Eli ... ajá, y no venía. Venía una vez al mes y no le cogía, no le cogía”

ENT: ... “si él no te quisiera a ti, ¿ ... se hubiera hecho cargo del bebé?”

E27: “No”

ENT: “Si él no te quisiera a ti, él tendría esa relación con tu hija?”

E32: “No creo.. No, porque le viera menos, porque no fuera que cada vez que [yo] llegue a mi casa, el también llegara atrás mío, o que le viera solo los fines de semana”

Em alguns casos as adolescentes terminaram o relacionamento e o suporte se manteve. Várias falas das adolescentes mostram a percepção delas de que o vínculo pai-criança estaria associado ao suporte material ou de cuidado por parte delas, apesar do fim do relacionamento com elas. São citadas algumas:

ENT: "... tú crees, que si tú no estuvieras con Jonathan ..., él tuviera la misma reacción con el hijo, el viniera para tu casa, le visitara, si? "

E33: "o sea lo que él me ha dicho es que sí, si se le hiciera feo, digamos no estar conmigo, y el irle a ver a mi bebé, pero que de irle a ver sí le fuera a ver, pero será como más difícil ..."

ENT: "...si él no te quisiera, él se haría cargo de tu bebé?"

E40: "Sí creo"

ENT: "Por qué?"

E40: "Porque ... si le quiere"

ENT: "El sería un padre responsable si no estuvieran juntos?"

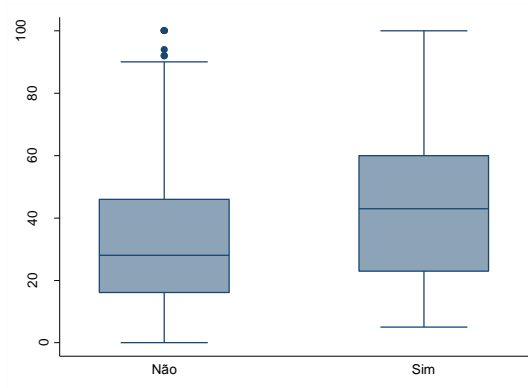
E12: "creo que sí, creo que si fuera responsable, estuviera pendiente. Pero no es lo mismo, no es lo mismo, o sea vivir en familia que estar separado, porque él se perdería de muchas cosas"

Assim, pareceria que o suporte é inicialmente possível devido ao vínculo afetivo entre a adolescente e o pai. Mas, como a literatura indica, a consolidação posterior do laço pai-criança permitiria sustentar o suporte ao longo do tempo.

5.5 Centralidade e suporte

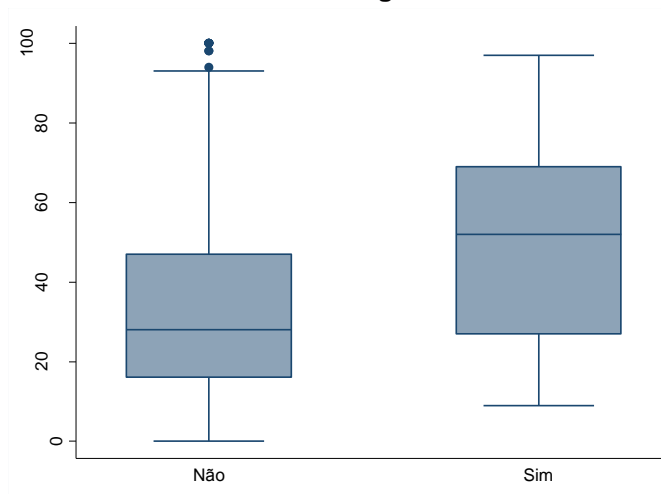
A importância ou "popularidade" que os membros da rede social da adolescente têm na vida dela é estudada através da medida denominada *centralidade de grau*. O suporte material e, em parte, o suporte de cuidado estão relacionados com a centralidade das pessoas. No caso do suporte material, observa-se que as pessoas que dão algum item para a criança apresentam maior centralidade (FIG. 9). Já no suporte de cuidado, há especificidades. As pessoas que participam na rede de suporte de cuidado têm maior centralidade, principalmente, as que cuidam de segunda a sexta-feira, seja na ausência ou na presença da adolescente (FIG. 10). A relação entre centralidade e participação no cuidado nos fins de semana não é tão clara.

FIGURA 9 – Centralidade dos membros da rede social das mães adolescentes segundo a entrega, ou não, de ao menos um item de suporte.



Fonte: Pesquisa de campo. Quito, oct/2013 a jan/2014

FIGURA 10 – Centralidade dos membros da rede social das mães adolescentes segundo seu pertencimento à rede de cuidado de segunda a sexta-feira

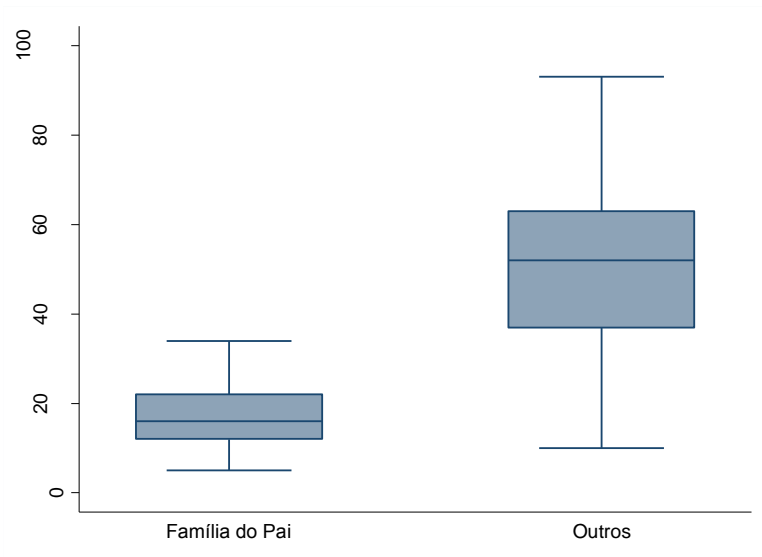


Fonte: Pesquisa de campo. Quito, oct/2013 a jan/2014

Apesar do mencionado, é importante indicar que existe uma exceção naquela relação entre centralidade e suporte. Há um tipo de atores que, mesmo dando suporte material, apresentam menor centralidade, os familiares do pai (FIG. 11). Como a literatura ressalta, o suporte é comumente dado pela família da mãe adolescente, com quem a jovem tem laços estreitos. Nesse sentido, a família do pai se constitui em um ator atípico na rede, pois, geralmente, as relações entre a adolescente e a família do pai são mais distantes, e os afetos menos intensos. Se compararmos a centralidade de pessoas da família da adolescente, com a família do pai nos sociogramas, vemos que os vínculos de parentesco dela ocupam uma parte

mais central do gráfico, comparado com a família do pai (FIG. 12). Esta relação também se observa quando se trata do suporte de cuidado.

FIGURA 11- Centralidade entre aqueles que dão suporte, segundo pertencimento ou não à família do pai ¹⁶

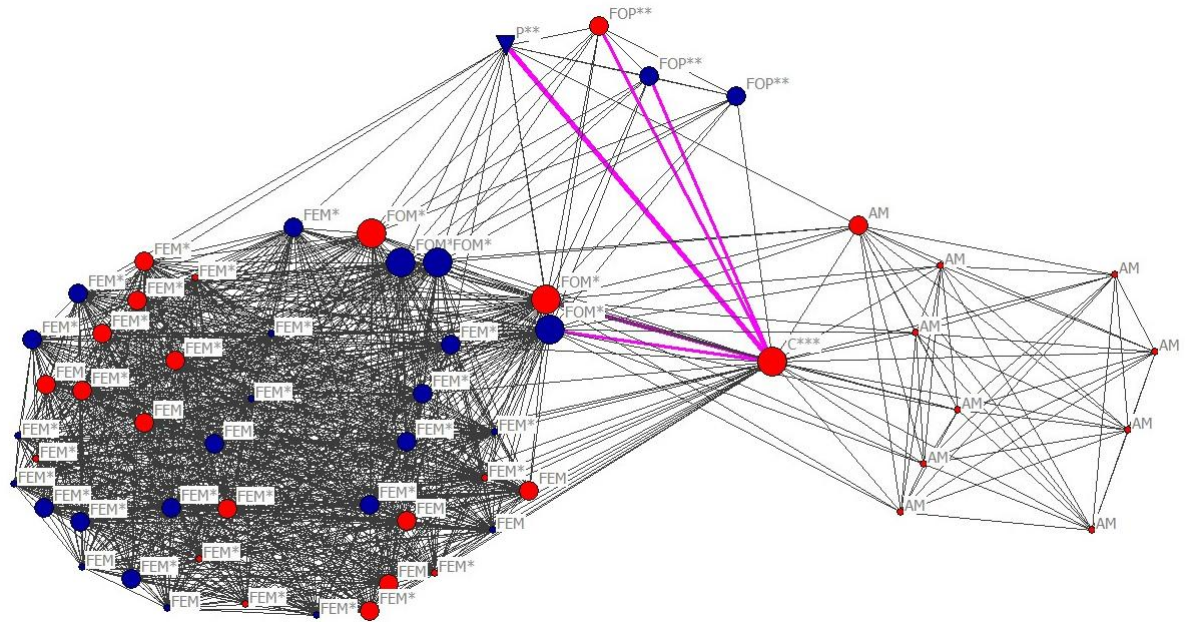


Fonte: Pesquisa de campo. Quito, oct/2013 a jan/2014

Os sociogramas de algumas adolescentes mostram que a família de origem do pai forma um subgrupo de relações ou *clique*, mas existem poucos ou nenhum vínculo entre eles e o resto da rede da adolescente. A literatura ressalta a utilidade destas características da rede, principalmente para a diversificação de pontos de vista ou a circulação de nova informação (BOGARTTI *et al.* 2013; KADUSHIN, 2012). Mas, no caso das redes das adolescentes, esses cliques contêm recursos materiais e de tempo que circulam até a criança. Pela sua relação com a mãe adolescente, o pai conecta esses cliques com a rede da jovem, sobretudo nos casos em que existe vínculo afetivo na díade pai-mãe adolescente. Assim, se mobilizam recursos através das suas relações de parentesco, especialmente da sua família de origem. A FIG. 13 exemplifica este caso.

¹⁶ Este gráfico faz referência à família do pai, mas exclui o pai, pois, geralmente, o pai tem mais centralidade na vida da adolescente que a família dele.

FIGURA 12- Rede egocentrada e rede de suporte material da E20



Sexo

- Homem
- Mulher

Vínculo afetivo com o pai

- ▽ Sim
- Não

Distância espacial com a mãe adolescente

- Mesmo domicílio
- Mesmo bairro
- Outro bairro
- Outra cidade
- Outro país

Fluxo de suporte

- Sim
- Não

Existência de vínculo

- Sim
- Não

Relação com a criança

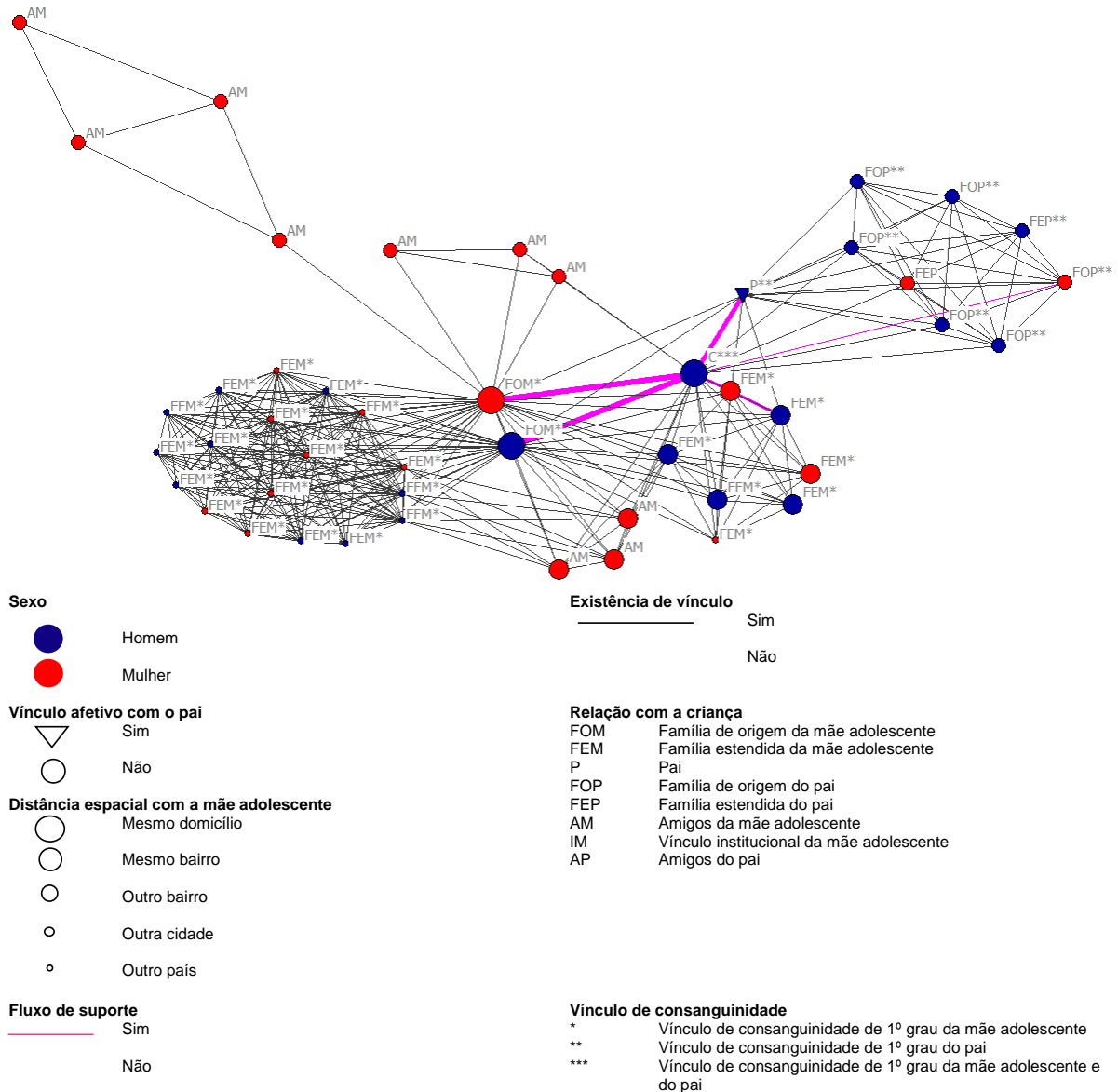
- FOM Família de origem da mãe adolescente
- FEM Família estendida da mãe adolescente
- P Pai
- FOP Família de origem do pai
- FEP Família estendida do pai
- AM Amigos da mãe adolescente
- IM Vínculo institucional da mãe adolescente
- AP Amigos do pai

Vínculo de consanguinidade

- * Vínculo de consanguinidade de 1º grau da mãe adolescente
- ** Vínculo de consanguinidade de 1º grau do pai
- *** Vínculo de consanguinidade de 1º grau da mãe adolescente e do pai

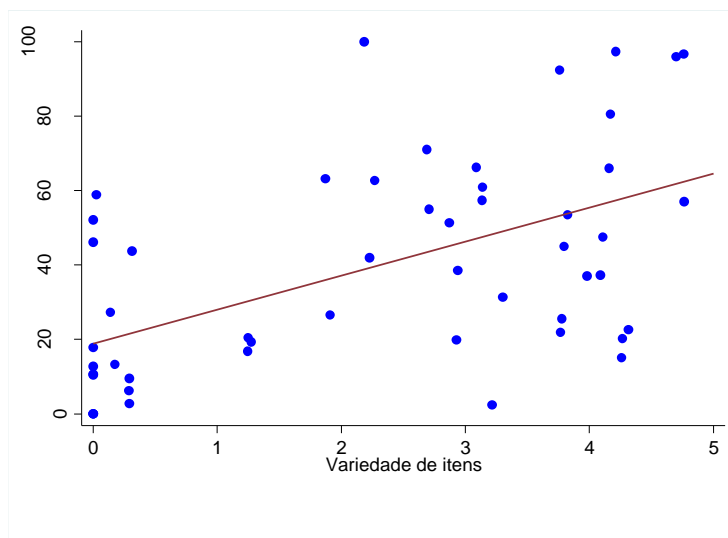
Fonte: Pesquisa de campo. Quito, oct/2013 a jan/2014

FIGURA 13- Rede egocentrada e rede de suporte material E39.



De forma diferente ao que acontece com a família do pai, existe sim uma relação entre o suporte e a centralidade unicamente dele na rede da adolescente. O pai tende a apresentar maior centralidade, quando ele ou sua família contribui com maior variedade de itens (FIG. 14). Foram observadas as centralidades do pai por cada item. Os valores de centralidade do pai são mais altos quando ele contribui com alimentação e moradia.

FIGURA 14- Centralidade do pai e variedade de itens entregues por ele ou sua família de origem



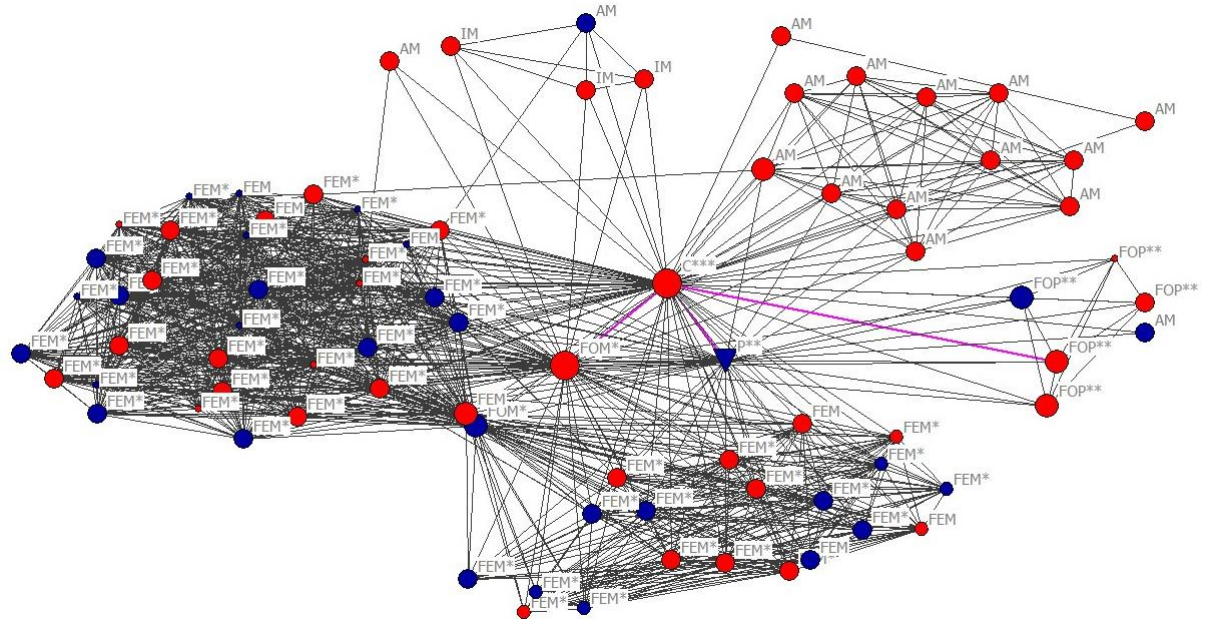
Fonte: Pesquisa de campo. Quito, oct/2013 a jan/2014

Também nos casos em que ele contribui com o cuidado de segunda a sexta-feira, durante a presença ou ausência da mãe adolescente, eles apresentam maior centralidade. Assim, ele tem vínculos com a família de origem da mãe adolescente e, em alguns casos, com a família estendida dela (FIG. 15).

Não foi possível concluir se o pai tinha alta centralidade antes de dar o suporte ou se, a partir do envolvimento com a criança, ele estabelece vínculos com a rede social da adolescente. Porém, há vários casos em que foi observado que esses vínculos existiam antes da gravidez. Uma das entrevistadas, por exemplo, indicou que ela tinha estreitos laços com família do pai e ele, por sua vez, com a família da adolescente antes de engravidar.

No caso de outra entrevistada, existem vínculos entre a família do pai e a família da adolescente. Estes laços respondem, por um lado, à proximidade física que facilitou que as famílias se conhecessem, ou que existem relações de parentesco entre as duas famílias. Assim, o pai do pai (avô paterno da criança) é, por sua vez, o padrasto da adolescente (FIG. 16). Em casos como esses, é possível pensar que o compacto sistema de relações em que o pai está inserido o compromete a responder com o suporte material ou de cuidado.

FIGURA 15- Rede egocentrada e rede de suporte de cuidado, na ausência da mãe adolescente de segunda a sexta-feira da E14



Sexo

- Homem
- Mulher

Vínculo afetivo com o pai

- ▽ Sim
- Não

Distância espacial com a mãe adolescente

- Mesmo domicílio
- Mesmo bairro
- Outro bairro
- Outra cidade
- Outro país

Fluxo de suporte

- Sim
- Não

Existência de vínculo

- Sim
- Não

Relação com a criança

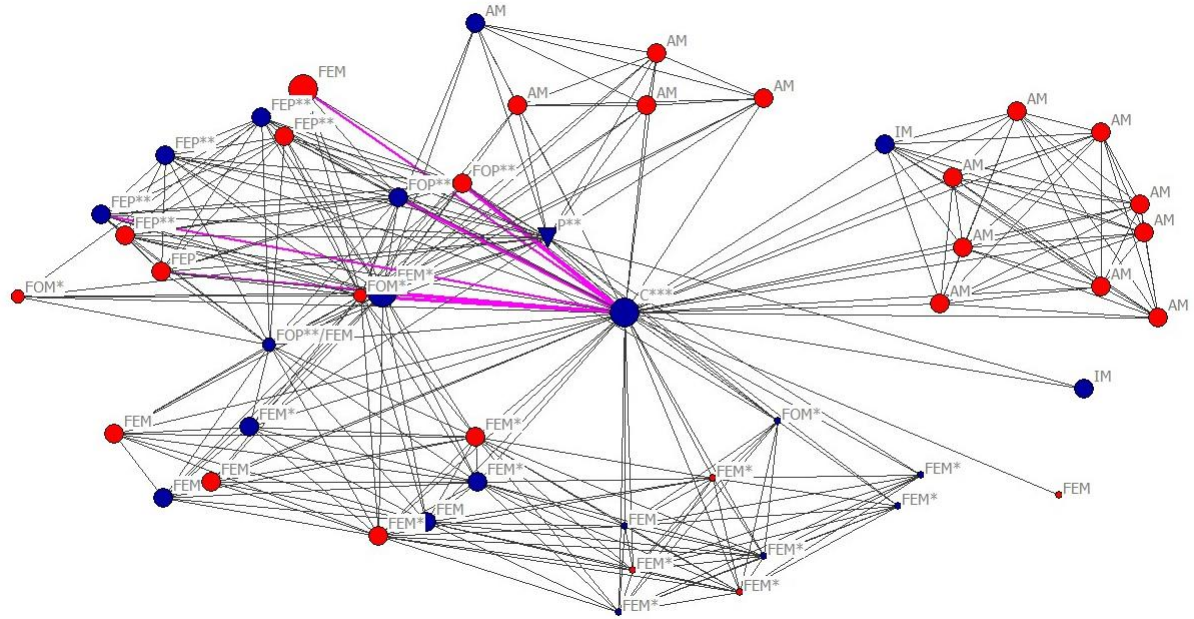
- FOM Família de origem da mãe adolescente
- FEM Família estendida da mãe adolescente
- P Pai
- FOP Família de origem do pai
- FEP Família estendida do pai
- AM Amigos da mãe adolescente
- IM Vínculo institucional da mãe adolescente
- AP Amigos do pai

Vínculo de consanguinidade

- * Vínculo de consanguinidade de 1º grau da mãe adolescente
- ** Vínculo de consanguinidade de 1º grau do pai
- *** Vínculo de consanguinidade de 1º grau da mãe adolescente e do pai

Fonte: Pesquisa de campo. Quito, oct/2013 a jan/2014

FIGURA 16- Rede egocentrada e rede de suporte material da E24



Sexo

- Homem
- Mulher

Vínculo afetivo com o pai

- ▽ Sim
- Não

Distância espacial com a mãe adolescente

- Mesmo domicílio
- Mesmo bairro
- Outro bairro
- Outra cidade
- Outro país

Fluxo de suporte

- Sim
- Não

Existência de vínculo

- Sim
- Não

Relação com a criança

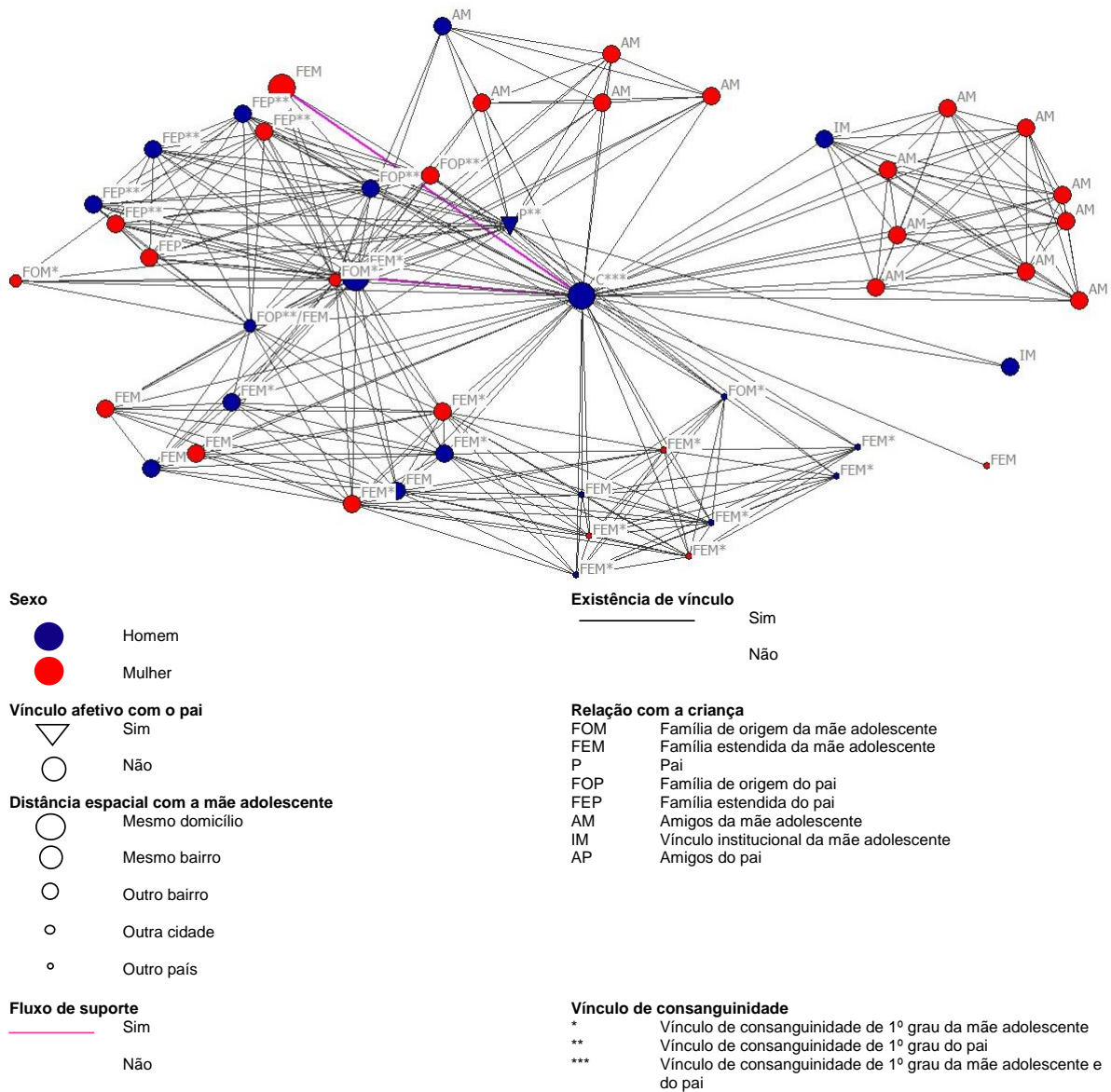
- FOM Família de origem da mãe adolescente
- FEM Família estendida da mãe adolescente
- P Pai
- FOP Família de origem do pai
- FEP Família estendida do pai
- AM Amigos da mãe adolescente
- IM Vínculo institucional da mãe adolescente
- AP Amigos do pai

Vínculo de consanguinidade

- * Vínculo de consanguinidade de 1º grau da mãe adolescente
- ** Vínculo de consanguinidade de 1º grau do pai
- *** Vínculo de consanguinidade de 1º grau da mãe adolescente e do pai

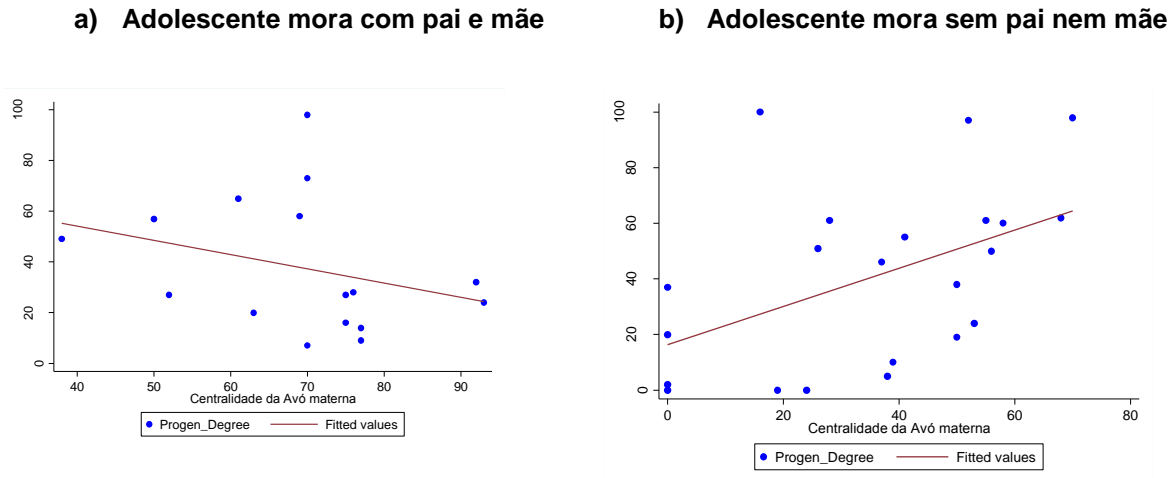
Fonte: Pesquisa de campo. Quito, oct/2013 a jan/2014

FIGURA 17- Rede egocentrada e rede de suporte de cuidado E24, na ausência da mãe adolescente de segunda a sexta-feira.



Ao ser analisada a centralidade do pai com relação à centralidade de outras pessoas da rede adolescente encontraram-se algumas associações (FIG. 18). Existe uma relação negativa entre a centralidade da avó materna e o pai, quando a jovem mora com seus pais (FIG. 18a). Esta mesma relação se torna positiva se a entrevistada mora sem pai nem mãe (FIG. 18b).

FIGURA 18- Relação entre centralidade da avó materna e o pai, segundo o arranjo familiar da adolescente



Fonte: Pesquisa de campo. Quito, oct/2013 a jan/2014

Pode-se pensar em possíveis explicações desses dois tipos de associação. A relação positiva pode ser interpretada como segue. É possível que, quando a adolescente mora com seus pais, e eles têm relações compactas com outros laços da mãe adolescente, ela não veja a necessidade de estreitar suas relações com familiares e amigos do pai da criança, reduzindo assim a centralidade dele. Já a relação negativa pode ser explicada assim: quando a adolescente sai de casa e mora com o pai da criança, ela estabelece vínculos com os laços dele. Nestes casos, quando os pais da adolescente têm alta centralidade, ela aproxima o seu parceiro (o pai da criança) à família dela, aumentando desta forma a centralidade do pai.

5.6 Percepções de paternidade

Para saber a noção que as entrevistadas tinham sobre paternidade, na entrevista em profundidade, pediu-se às jovens que caracterizassem um pai ideal. As palavras usadas com mais frequência para descrever o pai ideal foram: carinho, amor, responsabilidade, cuidado. Para quase todas as entrevistadas ser um bom pai envolve três aspectos: sentir e demonstrar afetos pela criança, cuidar do filho e sustentá-lo economicamente. Algumas enfatizam mais um aspecto que outro.

ENT: “¿Qué significa ser um padre ideal?”

E10: “prestarle la atención necesaria [ao filho], darle cariño”

E45: “a ver, un papá perfecto es un papá en que pueda confiar, en que pueda amar, en que pueda conversar con él, uno que sea mi amigo”

E43: “... que me ayude, así que me ayude a cuidarle cuando estoy haciendo los deberes, o que él también me ayude hacer las cosas de la casa”

E27: “que esté bien atento del hijo, que sea responsable le compre las cosas que necesite”

Apesar de que, ao descrever o pai ideal, as entrevistadas englobam um conjunto de características, em geral, avaliam como mais importantes os afetos do pai com a criança e a ajuda no cuidado, que o sustento econômico. Para algumas, todos os aspectos mencionados são igualmente importantes.

ENT: “¿Qué es más importante?”

E09: “... mejor le dé afecto porque, o sea, la comida le puedo dar yo. Para mí más importante es que no le falte el afecto”

Há entrevistadas que constroem a noção de paternidade em função da experiência que tiveram como filhas. O pai ideal tem as características do seu próprio pai. Outras descrevem a paternidade em função do que faltou no relacionamento delas com o pai.

ENT: “qué es para ti ser un buen papá?”

E15: “lo que es mi papi”

ENT: “¿Cómo es tu papi?”

E15: “... es lo que no es ... cualquiera. Siempre cuando hay problemas mi papi guarda la calma primero. Hablamos él no va a la violencia ni nada, sino hablamos. El está pendiente en todo. Cualquier cosa que me falta, habla conmigo me corrige pero de buena manera, no a gritos ni nada, el usa la psicología en cambio, [...] busca otras maneras en vez de ponerse a gritar, me ayuda a mis deberes, aunque no entienda, cualquier cosa me apoya”

ENT: “un padre perfecto [...] ¿qué es para ti?”

E36: “Mi papi [risos]”

ENT: “¿Por qué [...] es perfecto?”

E36: “Porque siendo hombre él me supo aconsejar a mí,

...

“Por ejemplo, haber tenido mi primera vez es una cosa muy reservada para mí. Pero yo tuve la confianza de contarle a mi papi”

ENT: “¿tu esposo se acerca mucho al papa ideal?”

E36: “Si se acerca, pero no tanto como mi papi [risos]”

E15: “yo creo ... un papá que le comprenda las cosas, entre en razón, dé confianza a los hijos. Por ejemplo, mi papá [...] nosotros no tenemos la confianza con él. No tenemos confianza de decirle, “papi estoy con esta persona, no sé si le parezca” [...]. El de una es.. “cómo vas a estar con esa persona! ve como es!” Entonces ni mis hermanos ni yo tenemos confianza con él, mis hermanos todo es a mi mamá, mamá estoy con ella así, ... entonces quien nos aconseja todo es mi mamá, mi papá no”

Ao descrever o pai ideal, uma entrevistada ressaltou o interesse do pai de cumprir esse papel, a partir da experiência negativa dele como filho.

E32: "... le quiere dar a mi hijo lo que el [...] no tuvo. No quiere dejarle sin padre como él. La otra vez me dijo que no quiere dejarle sin padre, es feo porque el pasó por eso"

Em algumas entrevistadas encontrou-se uma noção de paternidade vinculada à educação, e ao exercício de controle. A E03 viveu parte da infância com o avô e relatou que ele a tratava com rigidez e violência. Possivelmente, isso influencia sua noção de paternidade:

E03: "... darle cariño, darle comprensión, darle todo a la hija, pero también ponerle límites... que le eduque bien eso sería lo más [importante], o sea, [...] puede ser pobre, lo que sea, con tal que sea recta [sic] con mi hijo"

Os depoimentos também revelam uma queixa do que as entrevistadas percebem que é o pai. Assim, ressaltam características que eles não possuem, segundo elas. A E07 terminou o relacionamento com o pai da criança e ela indica que ele se envolve pouco com o filho.

E07: "que sea responsable, que no solo cuando se lo llama esté ahí, sino que [...] o sea, estar con él constantemente, que se haga que le conozca, que le diga yo soy tu papá, o sea, converse con él, para que él también le vaya conociendo, que sea responsable, cariñoso"

A E21 teve relacionamento com o pai, mas quando ficou grávida não eram mais parceiros. Houve conflitos entre eles. A criança não tem contato com o pai.

E21: "un papá ideal es alguien que esté contigo incondicionalmente, o sea, como [...] no importa si por último hiciste algo muy feo o algo muy tonto, o por último, sabías que no tenías que hacerlo, pero lo hiciste, pero esa persona está ahí dándote la mano y levantándote diciéndote que todo está bien, y que puedes salir adelante"

...

ENT: "por lo que tú me cuentas [...] el [...] padre de tu hija está muy lejos?"

E21: "demasiado, uf ...a años luz de llegar a lo que debería ser"

Através de vários relatos as jovens reconhecem que os pais cumprem a função que elas consideram que deve ter um pai. Várias indicaram que os pais das crianças se aproximam ao ideal de pai.

E12: "Un buen padre ve que está ahí, o sea, pendiente, responsable de su hijo tiene que ver que nada le falte. Estar ahí cuando el hijo le necesita en los momentos como, por ejemplo, cuando ya empiece a caminar, cuando ya empiece a gatear, cuando ya hable, cuando vaya a la escuela, cuando se gradúe, cuando ya se vaya, siempre tiene que estar presente en todo"

ENT: "¿El se acerca a ese ideal de padre?"

E12: "Sí"

ENT: "¿Qué le falta?"

E12: "Dejar de salir con los amigos [risos] ... no sé, no creo que nada le falte."

E15: “El [...] si es responsable, o sea, aunque la mamá no tenga para los pañales él se saca de no sé dónde, pero me trae. También, en la consulta de los pediatras, a veces yo no tengo tiempo, el se va, busca tiempo para eso o también le estoy haciendo ver en el [Hospital] Vaca Ortiz entonces, a veces, como ahí ... ellos le dan el turno a la hora que ellos quieran. Entonces, a veces, yo no puedo porque tengo que estudiar y entonces él se va el busca tiempo para irse.”

ENT: entonces, el se acerca a un buen papá?

E15: “Sí”

Embora não tenha sido frequente, há depoimentos sobre paternidade que ressaltam que a presença do pai deve ir além do relacionamento afetivo com a adolescente.

E34: “Un papá perfecto sería que esté con mi hija, que a pesar de los problemas que tenga conmigo, [que] esté con mi hija, que le dé a mi hija todo lo que necesite.”

E40: “Para mí un papá ideal, como sería, que primero ante todo le quiera primero a mi hijo, que él estuviera [...] en las buenas y en las malas, o sea pienso que [...], o sea, le de lo que necesite. No sé, qué le dé un cariño, o sea único, que no pueda confundir con el cariño de una pareja.”

Para outras a noção de paternidade pode incluir o relacionamento afetivo com elas.

E39: “un papá ideal que esté ahí con nosotros, [que] esté todos los días pendiente constante, [que] esté con mijo así en las madrugadas, esté llorando esté enfermo, que estemos viviendo juntos, que vea que criar un hijo no es fácil, que este todos los días ahí con mijo, y que no esté pensando en que ya me tengo que ir a la casa”

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A maternidade na adolescência é considerada um importante problema na América Latina e amplamente abordado na literatura. Apesar de que a preocupação pelo fenômeno tem sido manifestada por instituições públicas, organizações não governamentais principalmente, na prevenção da gravidez na adolescência. Porém, há aspectos da problemática que não têm sido abordados para o contexto equatoriano, como a identificação das pessoas que contribuem com o suporte material e de cuidado após o nascimento da criança. Diante desse vácuo, os objetivos da tese visaram conhecer a composição e funcionamento dessas redes de suporte no contexto da cidade de Quito.

A literatura aborda escassamente o papel do pai da criança ao estudar a gravidez e a maternidade na adolescência. No contexto analisado, os estudos também têm omitido este importante ator. Inclusive, os programas e planos das políticas públicas fazem pouca referência ao papel do pai na criação do filho. Dado o reduzido conhecimento de quem é o pai e como ele exerce a paternidade nos casos em que sua parceira é adolescente, esta tese construiu o perfil dos pais das crianças e analisou a participação deles nas redes de suporte material e de cuidado das crianças.

Embora a tese tenha estudado alguns atributos pessoais tanto das mães adolescentes, quanto dos pais das crianças, este trabalho foi além dessa perspectiva ao aplicar a análise de rede para o estudo do suporte. Estudos em diferentes populações já têm usado este enfoque para explicar o suporte. Sem embargo, esta perspectiva não tem sido aplicada para o estudo de suporte no contexto equatoriano. Uma das vantagens do uso desta abordagem na tese foi a caracterização do tipo de relação que fornece suporte material e/ou de cuidado à criança. Por outro lado, esta perspectiva permitiu conhecer a posição do pai da criança na rede de relações sociais da mãe adolescente.

A verificação de seis hipóteses orientou este trabalho. Assim, como estabelecido na primeira hipótese, o grupo de adolescentes entrevistadas possui características que certamente têm sido indicadas na literatura. Elas provêm de famílias de escassos

recursos econômicos. Conforme o debatido, algumas adolescentes declararam ter tido dificuldades na escola após a maternidade, mas várias indicaram que enfrentaram condições que as fez abandonarem ou repetir anos escolares, antes da gravidez. As adolescentes que não estudam estão confinadas à esfera doméstica. Poucas trabalham.

Os pais das crianças apresentam alguns atributos parecidos aos das mães adolescentes, por exemplo, sua condição econômica. Porém, há achados que é importante ressaltar em relação à população dos pais. Eles são mais velhos que as adolescentes. À diferença das mães adolescentes, geralmente, eles estão inseridos no mercado de trabalho. Em vários casos não é a gravidez que os leva a trabalhar. Assim, é possível pensar que suas condições econômicas fazem que sua entrada no mercado de trabalho seja mais cedo que outros jovens. Por outro lado, é necessário mencionar que esta população tende a apresentar trajetórias escolares interrompidas com maior frequência que as mães adolescentes.

No grupo de adolescentes estudado, a família de origem é importante fonte de suporte material e de cuidado, como estabelecido na segunda hipótese. Entre os membros da família destaca-se a avó materna, especialmente no suporte de cuidado. Aquelas avós que não estão inseridas no mercado de trabalho contribuem com mais tempo de cuidado, e, em geral, aquelas que têm emprego ajudam com o cuidado em momentos que lhes é possível. Este resultado coincide com os achados em outras localidades da América Latina.

Como abordado na segunda hipótese, a associação entre o suporte da família de origem da adolescente está condicionada pela fortaleza dos vínculos. Houve casos em que as adolescentes apresentam vínculos familiares mais fracos e que, portanto, seus filhos não recebem suporte material ou de cuidado de suas famílias. Nesses casos, outros atores como as instituições de proteção têm um papel de elevada importância no sustento da criança.

Este trabalho revelou que a maioria dos pais das crianças contribui de alguma forma com o suporte material delas. Existe um esforço da maioria deles por fornecer ao menos uma parte dos bens necessários para o sustento dos seus filhos. As dificuldades econômicas que vários pais atravessam impedem, em alguns casos,

que a contribuição provenha diretamente deles. Por este motivo, há pais que mobilizam recursos econômicos das suas famílias de origem. Nos casos em que há união entre o pai e a mãe adolescente, eles entregam maior variedade de bens materiais, mas também há contribuição de bens materiais, quando eles não coabitam. Este resultado alinha-se na demanda de vários autores de aprofundar estudos que permitam quebrar com estereótipos que qualificam unicamente de forma negativa os pais e os caracterizam como irresponsáveis e ausentes na vida dos seus filhos.

Neste trabalho foi analisado o suporte além das relações familiares do grupo de origem da adolescente e do pai da criança. A tese mostra que a família estendida da mãe adolescente tem um papel consideravelmente mais importante que o da família estendida do pai da criança. Há pouca participação da família estendida do pai na rede de suporte. Assim, a mobilização dos recursos para o sustento da criança, por parte do pai, encontra um limite na família estendida dele.

No grupo estudado, o cuidado da criança é, principalmente, responsabilidade da mãe adolescente, o que reflete que nesta geração de mulheres jovens se repetem padrões culturais que delegam à mulher a criação dos filhos. Porém, a maior parte delas destina parte do seu tempo a atividades educacionais, motivo pelo qual devem delegar, em certos períodos de tempo, o cuidado da criança a outras pessoas. Foi verificada a terceira hipótese da tese. As mulheres da família de origem da adolescente, especialmente a avó materna, cuidam da criança enquanto a adolescente ausenta-se.

Os instrumentos desenhados para o levantamento de informação nesta pesquisa permitiram identificar vários atributos das pessoas que contribuem com o suporte de cuidado: um deles é a localização espacial dos membros da rede de suporte. Desta forma, este trabalho não se enfrentou com uma das importantes limitações das pesquisas domiciliares. Assim, foi possível conhecer que há pessoas que cuidam das crianças, quando a adolescente ausenta-se, e não vivem no mesmo domicílio dela.

No grupo estudado, a dedicação ao cuidado por parte dos pais da criança é menos importante que sua contribuição econômica. Desta forma, conclui-se que, na prática,

o exercício da paternidade está mais relacionado com a provisão de bens que com atividades de cuidado. Isto reflete o ressaltado na literatura. O exercício da paternidade, inclusive entre os mais jovens, está relacionado com o sustento material.

Porém, é importante mencionar que o cuidado das crianças não é uma atividade totalmente alheia aos pais. Vários contribuem com certas atividades de cuidado em presença das mães das crianças. Estas podem constituir formas em que o pai adquire habilidades em uma função que não é socialmente outorgada a ele. Embora poucos, há alguns que assumem as atividades de cuidado só, sem outra ajuda, enquanto a mãe está na escola.

Um achado importante para o estudo do suporte é o verificado na quarta hipótese. Todos os pais que mantêm vínculo afetivo com as mães das crianças fornecem algum tipo de suporte material, morem ou não com elas. A maioria dos pais que não têm vínculo romântico com a mãe da criança não entrega algum item para o sustento do filho. O fato de o vínculo afetivo ser um fator tão importante no suporte material da criança tem enormes implicações se, no futuro, esse laço se enfraquecer ou quebrar. Por outro lado, não se observou uma clara relação entre o suporte de cuidado por parte do pai e a existência de vínculo com a mãe adolescente.

A tese permitiu conhecer a forma como as pessoas que dão suporte estão inseridas na rede social da mãe adolescente e, de forma específica, saber também a localização do pai nessa rede. Em geral, as pessoas que contribuem com suporte material e aquelas que dão suporte de cuidado, quando a adolescente se ausenta para ir à escola, têm maior importância ou popularidade na vida das adolescentes, como estabelecido na quinta hipótese. Aqueles pais que dão mais suporte chegam a ter maior centralidade ou popularidade na vida da adolescente, especialmente se ele entrega uma maior variedade de itens, contribui com moradia e alimentação e cuida da criança.

A sexta hipótese que sustenta que o suporte material é a forma mais comum de perceber a paternidade entre as mães adolescentes foi só parcialmente verificada. A diferença de achados em estudos qualitativos sobre paternidade em outros

contextos, o sustento material não é a principal forma em que a paternidade é entendida pelo grupo estudado de mães adolescentes. Elas reconhecem a importância do sustento material, porém, o papel ideal de pai, em geral, está mais relacionado com as demonstrações de afeto e com o cuidado da criança. Nesse sentido, parte das entrevistadas expressa que o que elas esperam dos pais das crianças não cobre as expectativas delas do que deveria ser um pai.

Este estudo apresenta várias limitações, aspectos que, por sua vez, podem ser melhorados em futuras pesquisas. Um dos limitantes tem relação com a conformação da amostra. A população estudada está principalmente constituída por adolescentes estudantes de estratos populares. Em populações de mães adolescentes com outras características, a composição das redes de suporte e o papel do pai nessas redes seriam diferentes. Por exemplo, poderia se pensar na hipótese de que mulheres não estudantes e que saíram da escola antes de engravidar tendem a estabelecer uniões mais cedo que aquelas que estudam. Assim, a convivência entre a mãe e o pai poderia fazer que o pai tivesse um papel mais importante na rede de suporte. Já no caso particular de adolescentes que vivem situações de violência ou risco, pode-se esperar ausência do pai no suporte da criança, como foi mencionado por algumas entrevistadas que viviam essas condições.

Outra deficiência do trabalho está relacionada com o estudo das características de paternidade analisadas somente a partir da percepção das adolescentes. Devido a que os pais não foram diretamente pesquisados, não se conhece as formas como eles experimentam a paternidade e suas expectativas de cobrir um ideal de pai. Através de estudos que abordem diretamente o pai, pode-se conhecer que significado tem para eles serem pais e a forma como, segundo seu ponto de vista, eles exercem a paternidade.

A quantificação monetária das contribuições materiais para as crianças é uma limitação deste trabalho, dado que, em geral, as adolescentes recebem diretamente os itens. A tese permitiu identificar os tipos de bens que a criança recebe em relação a seu vínculo de parentesco e identificar quem fornece bens mais importantes para o sustento da criança, como alimentação ou remédios. Porém, não é possível concluir quem contribui com maior quantidade de dinheiro para o sustento da criança.

Portanto, é importante desenhar instrumentos que permitam estimar as contribuições de cada ator em termos monetários.

Deste trabalho derivam alguns achados que podem ser objeto de futuras pesquisas. A pesquisa evidencia que na população estudada de adolescentes e jovens se reproduzem desigualdades de gênero. Em geral, as mães adolescentes são as principais responsáveis pelas atividades de cuidado da criança. As inequidades não estão relacionadas unicamente ao cuidado, mas também à inserção no mercado de trabalho. Além de estarem majoritariamente inseridos no mercado de trabalho, os pais das crianças têm um leque mais amplo de atividades nas que se desenvolvem, como foi apontado na revisão de literatura em outros contextos. Assim, é provável que estas tendências sejam generalizáveis à população de adolescentes e jovens em Quito e no Equador. Portanto, é necessário aprofundar estudos a respeito.

Outra desigualdade? encontrada no grupo analisado, que requer análises mais detalhadas, é a relacionada com a desvantagem educacional que os pais têm em comparação às mães, pois eles apresentam com mais frequência distorção idade-grau. Por outro lado, os resultados sugerem que a população de jovens pais abandona a escola antes das mães engravidarem. Nesse sentido, é importante entender os motivos pelos quais isso acontece. Uma das possíveis hipóteses, sustentada na literatura, é que, dadas suas condições econômicas e a ausência de projetos educacionais, eles começam a trabalhar e se veem motivados a constituir famílias mais cedo.

Outro tema que pode ser pesquisado no futuro está relacionado com mudanças nas noções e práticas da paternidade. A tese mostra a importância que têm o cuidado da criança e as expressões de afeto no papel de pai, para as mães adolescentes. Algumas entrevistadas indicaram que os pais das crianças exercem a paternidade dessa forma. Poder-se-ia pensar que essas noções e exercícios de paternidade surgem em coortes mais recentes da população. Nesse sentido, as mudanças ao longo do tempo nas maneiras como tem sido entendido o papel de pai é um tema a ser pesquisado no país e em contextos como a cidade de Quito.

A tese fornece alguns elementos para futuras análises sobre a distribuição do tempo de mães adolescentes. Primeiramente, cabe destacar a importância da perspectiva

de rede para a identificação das pessoas que contribuem com tempo de cuidado, pois a disponibilidade dessa rede libera tempo de cuidado à adolescente. Esta abordagem permite identificar o tipo de relação que a criança tem com a pessoa que fornece o suporte de cuidado e também caracterizar atributos desse vínculo. Desta maneira, pode-se estudar a importância do papel do pai da criança ou sua família no cuidado.

Um segundo elemento a ser levado em conta é a simultaneidade de atividades. No caso das jovens mães, as atividades demandadas pela escola, o trabalho doméstico e o cuidado das crianças geram a necessidade de realizar várias tarefas ao mesmo tempo. Dada a dificuldade de levantar informação dos tempos exatos dedicados a cada atividade, instrumentos desenhados para esse fim devem contemplar a simultaneidade de atividades.

Como foi mencionado, as adolescentes, especialmente aquelas que estudam, se afastam da criança por várias horas ao dia. Um terceiro aspecto no estudo do tempo das mães adolescentes é a categorização dos tipos de cuidado. Desta forma, podem-se identificar as pessoas que contribuem quando a adolescente se ausenta e aquelas que prestam ajuda quando ela está presente. A contribuição destas últimas é também importante porque liberam o tempo à adolescente para a realização de atividades como tarefas escolares.

É fundamental fazer referência a um grupo específico de mães adolescentes. Entre as entrevistadas, houve adolescentes em situação de risco que têm experimentado violência física ou sexual, ou têm sido vítimas de exploração sexual. Estas adolescentes geralmente têm laços familiares fracos. Nestes casos, atores institucionais e amigos cumprem um importante papel não só no suporte material e de cuidado, mas também no apoio emocional das jovens.

Em alguns depoimentos neste subgrupo, as entrevistadas afirmaram que a maternidade tem sido uma experiência que deu sentido a suas vidas. Alguns estudos afirmam que há circunstâncias em que ser mãe pode ter uma função de cura. Conhecer o sentido que tem a maternidade para estas adolescentes em situação de risco, assim como o seu ideal de paternidade, são temas pouco abordados no Equador e constituem agenda de pesquisa.

Finalmente, esta tese fornece elementos que podem ser levados em conta no desenho e melhora das políticas públicas existentes. Um dos temas que deve ser considerado é a incorporação de outros atores que geralmente são omitidos ao analisar a problemática da gravidez e maternidade na adolescência, como as famílias da mãe adolescente e do pai da criança.

Outro ponto importante que deve ser levado em conta nos programas é a carga de trabalho de cuidado que têm as mães adolescentes e as pessoas que as ajudam. A simultaneidade na realização de várias atividades das jovens gera intensas jornadas nas jovens e nos membros da rede. Nessa perspectiva, as creches públicas poderiam aliviar essa carga de trabalho. Não obstante, os serviços públicos de cuidado de crianças não constituem uma solução prática para o grupo de entrevistadas. A maior oferta de creches e a melhora na sua qualidade farão que esta seja uma alternativa para liberar o tempo às jovens e suas famílias.

Em outro tema, é necessário também conhecer o efeito que a legislação tem no aporte econômico para as crianças, por parte da população de pais mais jovens. Uma possível hipótese a testar é que a diferença de pais adultos, na população de pais jovens, as normas que exigem o pagamento de mensalidades tem menor efeito que as negociações informais de aportes que eles ou suas famílias fazem. A análise e incorporação de algumas práticas que usam pais e mães para negociar os aportes pode ser um insumo para melhorar as políticas de pensões alimentares.

Estudos específicos do perfil e do comportamento daqueles pais jovens que contribuem mais com o cuidado podem dar também elementos para que políticas públicas promovam, na população de jovens, formas que são menos comuns no exercício da paternidade, mas que, ao mesmo tempo, são demandadas pelas mães adolescentes, como as expressões de afeto e o cuidado das crianças. Como ressaltado na literatura, essas práticas trazem enormes benefícios para o bem-estar dos pais e das crianças.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABREU, D. M. X.; MIRANDA-RIBEIRO, P.; CÉSAR, C. A gente na adolescência acha que sabe tudo mas não sabe nada": gravidez na adolescência, redes familiares e condições de vida das jovens mães e de seus filhos em Belo Horizonte. In: XII ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 2000, Caxambú. *Anais...* Caxambú: [s.n.], 2000.
- ADLER, P.; KWON, S.-W. Social Capital: The Good, The Bad, and The Ugly. *Knowledge and Social Capital. Foundations and Applications*. [S.l: s.n.], 2000. p. 89–115.
- ARANTES, R. *Uai sô, e agora? As relações entre fatores sociodemográficos e incapacidades funcionais nas redes sociais de idosos em Belo Horizonte/MG*. 2012. Tese de Doutorado – CEDEPLAR/FACE Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012.
- ARAÚJO, M. R. G. L.; DIAS, C. M. DE S. B. Papel dos avós: apoio oferecido aos netos antes e após situações de separação/divórcio dos pais. *Estudos de Psicologia (Natal)*, v. 7, n. 1, 2002. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S1413-294X2002000100010>>.
- BADINTER, E. *¿Existe el instinto maternal?: :historia del amor maternal, Siglos XVII al XX*. Barcelona: Paidós, 1991.
- BARNETT, M. . *et al.* Intergenerational Relationship Quality, Gender, and Grandparent Involvement. *Family Relations*, v. 59, n. 1, p. 28–44, 2010.
- BARRERA, M. Distinctions between social support concepts, measures, and models. *American Journal of Community Psychology*, v. 14, n. Aug 86, p. 413–445, 1986.
- BORGATTI, S. P.; EVERETT, M. G.; JOHNSON, J. C. *Analyzing social networks*. Los Angeles [i.e. Thousand Oaks, Calif.]; London: SAGE Publications, 2013.
- BOURDIEU, P. *Las estrategias de la reproducción social*. Buenos Aires: Siglo Veintuno, 2011.
- BRANDS, R. A. Cognitive social structures in social network research: A review. *Journal of Organizational Behavior*, v. 34, n. S1, p. S82–S103, 2013.
- BRUSCHINI, C. Uma abordagem sociológica da família. *Revista Brasileira de Estudos de População*, v. 6, n. 1, p. 1–23, 1989.
- BUNTING, L.; MCAULEY, C. Research Review: Teenage pregnancy and parenthood: the role of fathers. *Child & Family Social Work*, v. 9, n. 3, p. 295–303, 1 ago. 2004.
- CASTILLO, J. T.; SARVER, M. The relationship between non-resident fathers' social networks and social capital and the establishment of child support orders. *Children and Youth Services Review*, v. 31, n. 5, p. 533–540, 2009.

CAVENAGHI, S.; ALVES, J. E. Domicilios y familias en la experiencia censal del Brasil: cambios y propuesta para identificar arreglos familiares. *Notas de Población*, 2011. Disponible em: <http://www.cepal.org/publicaciones/xml/0/44570/lcg2496-P_2.pdf>.

CEPAL. *La juventud en Iberoamérica Tendencias y urgencias*. Santiago: Naciones Unidas / Comisión Económica para América Latina y el Caribe, CEPAL / Organización Iberoamericana de Juventud, 2004.

CESARE, M. D.; RODRÍGUEZ, J. Análisis micro de los determinantes de la fecundidad adolescente en Brasil y Colombia. *Papeles de Población*, n. 48, p. 107, 2006.

CHACHAM, A.; JAYME, J. A influência das representações tradicionais de gênero nas trajetórias de vida de mulheres jovens em Belo Horizonte. In: XXIX CONGRESO DE LA ASOCIACIÓN LATINOAMERICANA DE SOCIOLOGÍA, 2013, [S.l: s.n.], 2013.

CHACHAM, A. S.; MAIA, M. B.; CAMARGO, M. B. Autonomia, gênero e gravidez na adolescência: Uma análise comparativa da experiência de adolescentes e mulheres jovens provenientes de camadas médias e populares em belo horizonte. *Self-sufficiency, gender and pregnancy during adolescence: A comparative analysis of the experience of adolescents and young women from middle class and popular strata of the city of Belo Horizonte*, v. 29, n. 2, p. 389–407, 2012.

CHAN, C.; ELDER JR., G. H. The Matrilineal Advantage in grandchild Grandparent Relations. *Gerontologist*, v. 40, n. 2, p. 179–190, 2000.

COMPINA. *Misión y Visión*. . [S.l: s.n.]. Disponible em: <<http://www.spinaquito.gob.ec/index.php/compina/estructura-organica-funcional>>. Acesso em: 14 ago. 2014. , 2014

CORRÊA, C. *Famílias e cuidado dedicado ao idoso: como o tamanho e a estrutura da rede de apoio influenciam o tempo individual dedicado à atenção ao idoso*. 2010. Dissertação (Mestrado em Demografia) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.

DICICCO-BLOOM, B.; CRABTREE, B. F. The qualitative research interview. *Medical Education*, v. 40, n. 4, p. 314–321, 2006.

DIXON-MUELLER, R. How Young is “Too Young”? Comparative Perspectives on Adolescent Sexual, Marital, and Reproductive Transitions. *Stud. Fam. Plan.*, v. 39, n. 4, p. 247–262, 2008.

EGUEZ, P. Mujeres y Población. In: PRIETO, M. (Org.). . *Mujeres ecuatorianas: entre las crisis y las oportunidades, 1990-2004*. Quito, Ecuador: Consejo Nacional de las Mujeres--CONAMU: FLACSO, Sede Ecuador: Fondo de Desarrollo de las Naciones Unidas para la Mujer, UNIFEM--Región Andina: Fondo de Población de las Naciones Unidas, UNFPA--Ecuador, 2005. p. 25–97.

EQUADOR. Código Civil Ecuatoriano. , 2005. Disponible em:

<<http://www.scpm.gob.ec/wp-content/uploads/2013/03/C%C3%B3digo-Civil-Libro-1.pdf>>.

EQUADOR. Código Penal Ecuatoriano. , de enero de 1971. Disponível em: <https://www.unodc.org/res/cld/document/codigo-penal-de-1971_html/Codigo_penal_1971.pdf>.

ESTRADA, C.; HERRERO, J.; RODRÍGUEZ, F. J. La red de apoyo en mujeres víctimas de violencia contra la pareja en el estado de Jalisco (México). *Universitas Psychologica*, v. 11, n. 2, p. 523–534, 2012.

FERRAND, A.; DE FEDERICO DE LA RUA, A. Methods of Social Network Analyses. In: CASELLI, G.; VALLIN, J.; WUNSCH, G. J. (Org.). . *Demography: analysis and synthesis*. Amsterdam ; Boston: Elsevier, 2006. .

FONSECA, J. L. D. . Paternidade adolescente: da investigação à intervenção. In: ARILHA, M.; UNBENHAUM, S.; MEDRADO, B. (Org.). . *Homens e masculinidades: outras palavras*. São Paulo, SP, Brasil: ECOS : Editora 34, 1998. p. 185–214.

FONTANA, A.; FRY, J. H. The interview: from structured questions to negotiated text. In: DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. (Org.). . *Collecting and interpreting qualitative materials*. 2a. ed. Thousand Oaks: SAGE Publications, 2003. p. 61–106.

FUJIMOTO, K.; VALENTE, T. W. Social network influences on adolescent substance use: Disentangling structural equivalence from cohesion. *Social Science and Medicine*, v. 74, n. 12, p. 1952–1960, 2012.

FURSTEMBERG, F. F. Daddies and fathers: Men who do for their children and men who do not. *Caring and paying: What fathers and mothers say about child support*. Nova Iorque: Manpower Demonstration Research Corporation, 1992. p. 39–64. Disponível em: <<http://fatherhood.hhs.gov/pfs92/ch3.htm>>.

FURSTENBERG, F. When will teenage childbearing become a problem? The implications of Western experience for developing countries. *Stud. Fam. Plan.*, v. 29, n. 2, p. 246–253, 1998.

FUTRIS, T. G.; NIELSEN, R. B.; OLMSTEAD, S. B. No degree, no job: Adolescent mothers' perceptions of the impact that adolescent fathers' human capital has on paternal financial and social capital. *Child and Adolescent Social Work Journal*, v. 27, n. 1, p. 1–20, 2010.

GEE, Christina B. *et al.* Support and strain in pregnant and parenting adolescents' sibling relationships. *Journal of Adolescent Research*, jan. 2003. , p. 25–35.

GEVEN, S.; WEESIE, J.; VAN TUBERGEN, F. The influence of friends on adolescents' behavior problems at school: The role of ego, alter and dyadic characteristics. *Social Networks*, v. 35, n. 4, p. 583–592, 2013.

GOICOLEA, I. *et al.* Risk factors for pregnancy among adolescent girls in Ecuador's Amazon basin: A case-control study. *Revista Panamericana de Salud Publica/Pan American Journal of Public Health*, v. 26, n. 3, p. 221–228, 2009.

- GONÇALVES, T. *et al.* Avaliação de apoio social em estudos brasileiros: aspectos conceituais e instrumentos. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 16, n. 3, p. 1755–1759, 2011.
- GOTTLIEB, B. H.; BERGEN, A. E. Social support concepts and measures. *Journal of Psychosomatic Research*, v. 69, n. 5, p. 511–520, 2010.
- GUIJARRO, S. *et al.* Family Risk Factors Associated With Adolescent Pregnancy: Study of a Group of Adolescent Girls and Their Families in Ecuador. *Journal of Adolescence Health*, v. 25, p. 166–172, 1999.
- GUTIERREZ, R. M. El padre adolescente. Su relación parental y de pareja. *Última Década*, v. 35, p. 89–110, Dezembro 2011.
- HEILBORN, M. L. *et al.* Aproximações socioantropológicas sobre a gravidez na adolescência. *Horizontes Antropológicos*, v. 8, n. 17, 2002. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0104-71832002000100002>>.
- HOGA, L. A. K.; REBERTE, L. M. Vivencias de la paternidad en la adolescencia en una comunidad brasileña de baja renta. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, v. 43, n. 1, 2009. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0080-62342009000100014>>.
- KADUSHIN, C. *Understanding social networks: theories, concepts, and findings*. New York: Oxford University Press, 2012.
- KNOKE, D. *Network analysis*. 2a. ed. Beverly Hills, Calif: Sage Publications, 1982. (Sage university papers series, no. 07-028).
- KNOKE, D.; KUKLINSKI, J. H. *Network analysis*. Beverly Hills, Calif: Sage Publications, 1982. (Sage university papers series, no. 07-028).
- KOBUS, K.; HENRY, D. B. Interplay of network position and peer substance use in early adolescent cigarette, alcohol, and marijuana use. *Journal of Early Adolescence*, v. 30, n. 2, p. 225–245, 2010.
- LAKEY, B.; COHEN, S. Social Support Theory and Measurement. In: COHEN, S.; UNDERWOOD, L. G.; GOTTLIEB, B. H. (Org.). *Social support measurement and intervention: a guide for health and social scientists*. Oxford; New York: Oxford University Press, 2000. .
- LERMAN, R. I. Capabilities and Contributions of Unwed Fathers. *Future of Children*, v. 20, n. 2, p. 63–85, 2010.
- LERNER; GALAMBOS, N. L. Adolescent development: challenges and opportunities for research, programs, and policies. *Annual review of psychology*, v. 49, p. 413, 1998.
- LERNER, R. *et al.* Understanding Developmental Systems in Adolescence: Implications for Methodological Strategies, Data Analytic Approaches, and Training. *Journal of Adolescent Research*, v. 16, n. 1, p. 9–27, 2001.

LEVANDOWSKI, D. C. Paternidade na adolescência: uma breve revisão da literatura internacional. *Estudos de Psicologia (Natal)*, v. 6, p. 195–209, 2001.

LIN, N. Building a network Theory of Social Capital. In: LIN, N.; COOK, K. S.; BURT, R. S. (Org.). *Social capital: theory and research*. Sociology and economics. New York: Aldine de Gruyter, 2001. p. 3–30.

MARANHÃO, T. A.; GOMES, K. R. O.; DE OLIVEIRA, D. C. Relações conjugais e familiares de adolescentes após o término da gestação. *Couple and family relationships of adolescents post-pregnancy*, v. 25, n. 3, p. 371–377, 2012.

MARTELETO, L. J.; NOONAN, M. C. Las abuelas como proveedoras de cuidado infantil en Brasil. *Procesos sociales, población y familia. Alternativas teóricas y empíricas en las investigaciones sobre vida doméstica*. México, D.F.: FLACSO, MIGUEL ÁNGEL PORRÚA, 2001. p. 377–393.

MEADOWS-OLIVER, M. Homeless Adolescent Mothers: A Metasynthesis of Their Life Experiences. *Journal of Pediatric Nursing*, v. 25, n. 5, p. 340–349, 2006.

MILARDO, R. M.; JOHNSON, M. P.; HUSTON, T. L. Developing close relationships: Changing patterns of interaction between pair members and social networks. *Journal of Personality and Social Psychology*, v. 44, n. 5, p. 964–976, 1983.

MILLER, T. “Is this what motherhood is all about?” - Weaving experiences and discourse through transition to first-time motherhood. *Gend. Soc.*, v. 21, n. 3, p. 337–358, 2007.

MIRANDA-RIBEIRO, P.; DE BARROS LONGO, L. A. F.; POTTER, J. E. Deus dá, Deus tira? Uma análise preliminar da relação entre fecundidade na adolescência e religião em Minas Gerais, 2000. *Anais do XIV Seminário sobre a Economia Mineira [Proceedings of the 14th Seminar on the Economy of Minas Gerais]*. [S.l.]: Cedeplar, Universidade Federal de Minas Gerais, 2010. Disponível em: <<http://EconPapers.repec.org/RePEc:cdp:diam10:042>>.

MSP et al. *Plan Nacional de Prevención del Embarazo en Adolescentes en Ecuador*. [S.l.: s.n.]. Disponível em: <<http://www.codajic.org/sites/www.codajic.org/files/Plan%20Nacional%20de%20Prevenci%C3%B3n%20del%20Embarazo%20en%20Adolescente%20Ecuador.pdf>>. Acesso em: 20 dez. 2013. , 2007

OMS. *Salud de los adolescentes*. [S.l.: s.n.]. Disponível em: <http://www.who.int/topics/adolescent_health/es/>. , 2014

PANTELIDES, E. Aspectos sociales del embarazo y la fecundidad adolescente en América Latina. *Notas de Población*, v. 78, p. 7–33, 2004.

PASCHAL, A. M.; LEWIS-MOSS, R. K.; HSIAO, T. Perceived Fatherhood Roles and Parenting Behaviors Among African American Teen Fathers. *Journal of Adolescent Research*, v. 26, n. 1, p. 61–83, 1 jan. 2011.

PRELL, C. *Social network analysis: history, theory & methodology*. Los Angeles ;

London: SAGE, 2012.

RODRIGUEZ, J. Reproducción en la adolescencia: el caso de Chile y sus implicaciones de política. *Revista de la CEPAL*, v. 86, p. 123–146, Agosto 2005.

SANDEFUR, R. L.; LAUMANN, E. O. Social Capital: The Good, The Bad, and The Ugly. *Knowledge and Social Capital. Foundations and Applications*. [S.l.: s.n.], 2000. p. 69–88.

SCAVONE, L. Maternidade: transformações na família e nas relações de gênero*. *Interface Saúde, comunicação, educação*, v. 5, n. 8, p. 47–60, 2001.

SCHAEFER, C.; COYNE, J. C.; LAZARUS, R. S. The health-related functions of social support. *Journal of Behavioral Medicine*, v. 4, n. 4, p. 381–406, 1981.

SCHWARTZ, A.; MCROY, R.; DOWNS, A. Adolescent mothers in a transitional living facility: An exploratory study of support networks and attachment patterns. *J. Adolesc. Res.*, v. 19, n. 1, p. 85–112, 2004.

SHULMAN, S.; KIPNIS, O. Adolescent romantic relationships: a look from the future. *Journal of Adolescence*, v. 24, n. 3, p. 337–351, jun. 2001.

SINGLETON, R. A.; STRAITS, B. C. *Approaches to social research*. 5th ed ed. New York: Oxford University Press, 2010.

SOARES, J. D. S.; LOPES, M. J. Biografias de gravidez e maternidade na adolescência em assentamentos rurais no Rio Grande do Sul. *Biographies of pregnancy and motherhood in adolescence within rural settlements in Rio Grande do Sul*, v. 45, n. 4, p. 802–810, 2011.

TRAVERSO, P. Dos madres adolescentes, dos vínculos: ¿qué marca la diferencia? *Revista de Psicología*, 1. v. 25, p. 59–80, 2007.

TRINDADE, Z. A.; MENANDRO, M. C. S. Pais adolescentes: vivência e significação. *Estudos de Psicologia (Natal)*, v. 7, n. 1, 2002. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S1413-294X2002000100003>>.

VERONA, A. P. *Sexual Initiation and Religion in Brazil*. 2010. 188 f. Tese (Doutorado em Sociologia) – University of Texas, Austin, 2010. Disponível em: <<http://repositories.lib.utexas.edu/bitstream/handle/2152/ETD-UT-2010-08-1544/VERONA-DISSERTATION.pdf?sequence=1>>.

VILLACIS, B.; CARILLO, D. *País atrevido: La nueva cara socio demográfica del Ecuador*. Quito, Ecuador: Instituto Nacional de Estadísticas y Censos, INEC; Revista Ecuatoriana de Estadística ANALITIKA, 2010. Disponível em: <http://www.inec.gob.ec/publicaciones_libros/Nuevacarademograficadeecuador.pdf>

VORAN, M.; PHILLIPS, D. Correlates of grandmother childcare support to adolescent mothers: Implications for development in two generations of women. *Children and Youth Services Review*, v. 15, n. 4, p. 321–334, 1993.

WAJNMAN, S. *Demografia das famílias e dos domicílios brasileiros*. 2012. Tese (Professor Titular do Departamento de Demografia da Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade Federal de Minas Gerais) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012.

WEBER, J. B. Becoming Teen Fathers: Stories of Teen Pregnancy, Responsibility, and Masculinity. *Gender & Society*, v. 26, n. 6, p. 900–921, 1 dez. 2012.

WELSH, D. P.; SHULMAN, S. Directly observed interaction within adolescent romantic relationships: What have we learned? *Journal of Adolescence*, v. 31, n. 6, p. 877–891, 2008.

XIE, H.; CAIRNS, B. D.; CAIRNS, R. B. Predicting Teen Motherhood and Teen Fatherhood: Individual Characteristics and Peer Affiliations. *Social Development*, v. 10, n. 4, p. 488–511, 1 nov. 2001.

ZANATTA, R. *A carne é fraca: religião, religiosidade e iniciação sexual entre estudantes do Ensino Médio na Região Metropolitana de Belo Horizonte, 2008*. 2011. 165 f. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011. Disponível em:
<<http://web.cedeplar.ufmg.br/cedeplar/site/demografia/dissertacoes/2011/RaquelZanatta.pdf>>.

ANEXO A - Formulário de características da adolescente e do pai

FORMULARIO 1. CARACTERÍSTICAS DE LA ADOLESCENTE Y DEL PROGENITOR

A. INFORMACIÓN ENTREVISTADA

1 ID	<input type="text"/>
2 Nombre	<input type="text"/>
3 Edad	<input type="text"/>
4 Lugar de residencia	<input type="text"/> <input type="text"/>
5 Fecha:	<input type="text"/>
6 Ciudad en la que nació	<input type="text"/>
7 ¿De qué raza se considera ud.?	<input type="text"/>
1 Blanca	
2 Indígena	
3 Negra	
4 Mestiza	
5 Otra	
8 ¿De qué raza es el padre de su hijo?	<input type="text"/>
1 Blanca	
2 Indígena	
3 Negra	
4 Mestiza	
5 Otra	
9 ¿De qué raza es su hijo?	<input type="text"/>
1 Blanca	
2 Indígena	
3 Negra	
4 Mestiza	
5 Otra	
10 ¿Cuál es el grado más alto que finalizó?	
0 Analfabeto o CA.	
1 Preescolar	
2 EG Básica	Año
	1 <input type="text"/>
	2 <input type="text"/>
	3 <input type="text"/>
	4 <input type="text"/>
	5 <input type="text"/>
	6 <input type="text"/>
	7 <input type="text"/>
	8 <input type="text"/>
3 Bachillerato	Año
	1 <input type="text"/>
	2 <input type="text"/>
	3 <input type="text"/>
4 Superior	Año
	1 <input type="text"/>
	2 <input type="text"/>
	3 <input type="text"/>
	4 <input type="text"/>
	5 <input type="text"/>
	6 <input type="text"/>

(Continuación do ANEXO A)

- 11 ¿Actualmente ud estudia? 1. Sí 2. No
- 12 ¿Suspendió sus estudios por el embarazo? 1. Sí 2. No
- 13 Hace cinco años, ¿ ud. vivía en Quito? 1. Sí 2. No
- 14 ¿Cuánto suman todos los ingresos de su familia, mensualmente? USD
- 15 ¿Cuántas personas viven en esta casa (incluyendo ud)? No.
- 16 ¿Qué es ud. para el responsable de la familia?
- 17 ¿Quiénes son las personas viven en este hogar en relación a ud?

	Número
1 Hijo	<input type="text"/>
2 Papá	<input type="text"/>
3 Mamá	<input type="text"/>
4 Hermano	<input type="text"/>
5 Hermana	<input type="text"/>
6 Sobrino/a	<input type="text"/>
7 Tío/a	<input type="text"/>
8 Abuelo/a	<input type="text"/>
9 Primo/a	<input type="text"/>
10 Amigo/a	<input type="text"/>
11 Otros parientes	<input type="text"/>
12 Otros no parientes	<input type="text"/>
13 padrastro	<input type="text"/>
14 esposo	<input type="text"/>

- 18 ¿Qué edad tiene su hijo/a?
- 19 ¿Qué edad tenía usted al quedar embarazada?
- 20 ¿Su hijo/a tiene alguna enfermedad grave? 1. Sí 2. No
- 21 ¿Cuál es su estado civil?
- 1 Soltera
2 Casada
3 Unión
4 Separada
5 Divorciada
6 Viuda
- 22 ¿Cuál es su religión?
1. Católica
2. Evangélica
3. Otra (Indique)
- 23 ¿Actualmente ud. trabaja? 1. Sí 2. No
- 24 En el caso que trabaje, ¿cuál es su ocupación?
- 25 ¿Tiene ud. un relacionamiento afectivo con papá ? del hijo 1. Sí 2. No

(Continuação do ANEXO A)

B. INFORMACIÓN PROGENITOR

26 ¿Qué edad tiene el actualmente?

27 ¿Qué edad tiene el cuando ud. Quedó embarazada?

28 ¿Qué edad tenía el cuando ud. quedó embarazada?

29 ¿En qué ciudad vive?

30 ¿Qué religión tiene él? 1. Católica
2. Evangélica
3. Otra (Indique)

31 ¿Qué grado máximo de escolaridad tiene actualmente ?

0 Analfabeto o CA.

1 Preescolar

2 EG Básica Año

1	<input type="text"/>
2	<input type="text"/>
3	<input type="text"/>
4	<input type="text"/>
5	<input type="text"/>
6	<input type="text"/>
7	<input type="text"/>
8	<input type="text"/>

3 Bachillerato Año

1	<input type="text"/>
2	<input type="text"/>
3	<input type="text"/>

4 Superior Año

1	<input type="text"/>
2	<input type="text"/>
3	<input type="text"/>
4	<input type="text"/>
5	<input type="text"/>
6	<input type="text"/>

32 ¿Cuando quedó embarazada, cuál era el grado máximo alcanzado ?

0 Analfabeto o CA.

1 Preescolar

2 EG Básica Año

1	<input type="text"/>
2	<input type="text"/>
3	<input type="text"/>
4	<input type="text"/>
5	<input type="text"/>
6	<input type="text"/>
7	<input type="text"/>
8	<input type="text"/>

3 Bachillerato Año

1	<input type="text"/>
2	<input type="text"/>
3	<input type="text"/>

4 Superior Año

1	<input type="text"/>
2	<input type="text"/>
3	<input type="text"/>
4	<input type="text"/>
5	<input type="text"/>
6	<input type="text"/>

(Continuação do ANEXO A)

- 33 ¿El suspendió estudios por el embarazo? 1. Sí 2. No
- 34 ¿El trabajaba cuando ud quedó embarazada? 1. Sí 2. No
- 35 ¿Actualmente trabaja? 1. Sí 2. No
- 36 En caso que trabaje. ¿Cuál es su ocupación?
- 37 ¿Pasó a trabajar por su embarazo? 1. Sí 2. No
- 38 ¿Depende de los papás o de alguien económicamente 1. Sí 2. No
- 39 ¿Cómo es la situación económica de el? 1, Mejor que la mía
2. Igual a la mía
3. Peor que la mía
- 40 ¿Con quién vive el?

Observaciones

(Continuação do ANEXO B)

¿Esta persona le dió apoyo emocional, cuando supo del embarazo?	¿Esta persona le ha enseñado algo sobre como cuidar de un niño?	Observaciones
1 Sí 0 No	1 Sí 0 No	

ANEXO C - Formulário de matriz de relações da mãe adolescente

FORMULARIO 3. MATRIZ DE RELACIONES DE RED SOCIAL DE LA ADOLESCENTE

Indique si estas dos personas se conocen y si cuando se encuentran mantienen una conversación.

	1	2	3	4	5	...	70
1	-	-	-	-	-	-	-
2		-	-	-	-	-	-
3			-	-	-	-	-
4				-	-	-	-
5					-	-	-
...						-	-
70							-

ANEXO D - Formulário de diário de atividades

FORMULARIO 4. DIARIO DE ACTIVIDADES

Relate su rutina desde que se levanta hasta que se acuesta
Identifique quién le ayuda con el cuidado del niño/a

Día: Lunes a viernes

Durante	Actividad	Persona/s que ayuda con el cuidado	Adolescente se ausenta 1.Si 0. No	Observaciones
Mañana				
Tarde				
Noche				

Día: Sábado o domingo

Durante	Actividad	Persona/s que ayuda con el cuidado	Adolescente se ausenta 1.Si 0. No	Observaciones
Mañana				
Tarde				
Noche				

*A partir de esta información, llenar soporte cuidado formulário 2

ANEXO E - Roteiro da entrevista em profundidade

FORMULARIO 5. GUIÓN DE LA ENTREVISTA

1. Experiencia de maternidad

- ¿Se siente ud. niña, una adolescente, una adulta?
- ¿Cuál fue su reacción al saber que estaba embarazada?
- ¿Ha cambiado su vida al ser mamá? Si la respuesta es sí, ¿cómo?
- Sus planes han cambiado?, ¿cómo imagina su vida después de cinco años?, ¿y después de diez años?
- ¿Qué significa ser una mamá ideal?
- ¿Es ud una mamá ideal? ¿Qué le falta?
- ¿Tiene ud una mamá ideal? ¿Qué le falta para ser una mamá ideal?
- Si ud pudiera volver en el tiempo y decidir la edad para tener su primer hijo, ¿cuál sería esa edad?
- ¿Cuántos hijos le gustaría tener a lo largo de toda su vida?

2. Uso de métodos anticonceptivos

- ¿Usaba ud. métodos anticonceptivos?. Siendo el caso, ¿por qué no?
- ¿Su embarazo fue planificado?
- ¿Pensó en algún momento en abortar? ¿Buscó información al respecto?
- ¿Ud. usa actualmente algún método anticonceptivo? Si la respuesta es no, ¿por qué?
- En caso de que use algún método ¿cuál método usa?, ¿quién le dio información al respecto?

3. Características do progenitor

- ¿Cómo se llama el padre de su hijo?, ¿cuántos años tiene?, ¿a qué se dedica? ¿con quién vive? Descríbalo.
- ¿Cuántos años tenía él cuando ud. quedó embarazada?
- ¿Cuándo ud quedó embarazada, ¿a qué se dedicaba el?

4. Relación con el progenitor

- ¿Cómo conoció ud al papá de su hijo/a?
- ¿El papá de su hijo/a y ud. fueron enamorados antes de ud quedar embarazada?
- ¿Estaban enamorados en ese tiempo?, ¿aún están?
- ¿Son enamorados, novios, esposos actualmente?
- ¿Cuánto tiempo fueron enamorados antes de quedar embarazada?
- ¿Cuánto tiempo tuvieron relaciones sexuales antes de ud quedar embarazada?

5. Paternidad

- ¿Qué significa para ud. ser papá? ¿Cómo es un papá ideal?
- ¿Qué tenía su papa de um papá ideal?, ¿qué le faltó?
- Si usted no convivió con su papá, ¿quién hizo el papel de papá?
- ¿Cómo es el papá de su hijo/a como padre?
- ¿Qué le falta para ser um papá ideal?
- En caso de ausencia del progenitor. ¿Quién es la figura paterna desu hijo/a?

ANEXO F - Quadro resumo das variáveis construídas

ID	Idade da adolescente	Adolescente estuda	Escolaridade máxima da adolescente	Vive em união	Vínculo afetivo com o pai	Adolescente trabalha	Idade do filho	Renda domiciliar mensal per cápita
		Não= 0 Sim= 1	Anos	Não= 0 Sim= 1	Não= 0 Sim= 1	Não= 0 Sim= 1	Anos	Dólares
1	18	1	0	0	0	0	3,00	NR
2	18	0	10	1	1	0	1,67	300,00
3	17	0	8	0	0	0	3,50	NR
4	13	0	3	0	0	0	0,33	NR
5	18	0	7	0	1	1	0,67	60,00
6	18	0	10	1	1	0	0,83	86,67
7	20	1	13	0	0	0	0,33	105,00
8	17	0	9	0	0	0	1,58	100,00
9	17	0	5	1	1	0	0,75	116,66
10	17	0	13	0	0	0	2,42	146,00
11	18	1	12	0	1	0	1,25	83,00
12	17	0	13	1	1	0	0,33	123,00
13	16	1	12	1	1	0	0,33	1.000,00
14	18	1	12	0	1	0	0,58	106,00
15	17	1	12	0	1	0	1,00	100,00
16	18	1	12	0	1	0	3,00	100,00
17	19	1	12	0	1	0	1,00	166,66
18	17	1	12	0	1	0	1,33	166,67
19	17	1	12	0	1	0	0,33	160,00
20	16	1	11	0	1	0	0,50	71,43
21	19	0	11	0	0	0	2,83	333,30
22	17	1	11	0	1	0	3,00	333,30
23	17	1	11	1	1	0	0,33	233,33
24	16	1	11	0	1	0	0,67	75,00
25	17	1	11	0	0	0	0,75	225,00
26	16	1	11	0	1	0	0,75	500,00
27	16	1	11	1	1	0	0,92	128,60
28	16	1	12	1	1	0	0,42	106,70
29	17	1	12	1	1	0	0,17	58,33
30	18	0	7	0	0	0	1,17	NR
31	18	1	12	0	1	0	0,42	171,40
32	17	1	12	0	1	0	0,58	125,00

(Continuação ANEXO F)

ID	Idade da adolescente	Adolescente estuda	Escolaridade máxima da adolescente	Vive em união	Vínculo afetivo com o pai	Adolescente trabalha	Idade do filho	Renda domiciliar mensal per cápita
		Não= 0 Sim= 1	Anos	Não= 0 Sim= 1	Não= 0 Sim= 1	Não= 0 Sim= 1	Anos	Dólares
33	17	1	12	0	1	0	0,50	428,60
34	19	1	11	0	1	0	0,75	116,70
35	17	1	11	0	0	0	2,00	100,00
36	18	1	12	1	1	0	0,75	233,33
37	14	1	9	0	0	0	0,42	116,70
38	18	1	12	0	1	0	0,67	133,30
39	17	1	11	0	1	0	0,92	70,00
40	17	1	12	1	1	0	0,33	33,33
41	17	1	11	0	0	0	0,58	123,60
42	16	1	11	1	1	0	1,33	500,00
43	19	1	11	1	1	1	1,00	120,00
44	15	1	8	0	0	0	0,08	87,50
45	17	1	11	0	1	0	1,25	NR
46	18	1	11	0	1	0	2,58	220,00
47	17	1	10	0	0	0	1,25	NR
48	12	0	6	1	1	0	0,17	150,00
49	16	0	10	0	0	0	3,00	NR
50	19	0	13	1	1	0	0,17	328,60

Fonte: Pesquisa de campo. Quito, oct/2013 a jan/2014

*FOM Família de origem da mãe adolescente
 Pai ou FOP Pai ou sua família de origem
 FEM Família estendida da mãe adolescente
 FEP Família estendida do pai
 Outros Amigos, instituições

(Continuação ANEXO F)

ID	Idade do pai	Pai estuda	Escolaridade pai	Pai trabalha	Suporte material				
					Alimentação				
					FOM*	Pai ou FOP	FEM	FEP	Outros
Anos	Não= 0 Sim= 1	Anos	Não= 0 Sim= 1	Não= 0 Sim= 1	Não= 0 Sim= 1	Não= 0 Sim= 1	Não= 0 Sim= 1	Não= 0 Sim= 1	
1	NR	NR	NR	NR	0	0	0	0	1
2	24	0	10	1	1	1	0	0	0
3	23	0	11	NR	0	1	0	0	1
4	15	NR	NR	NR	0	0	0	0	1
5	18	0	11	1	1	1	0	0	0
6	20	0	10	1	0	1	0	0	0
7	20	1	NR	1	1	1	0	0	0
8	NR	NR	NR	NR	1	0	1	0	0
9	26	0	13	1	0	1	0	0	0
10	21	0	NR	1	1	0	0	0	0
11	23	1	16	1	1	1	0	0	0
12	21	0	13	1	0	1	0	0	0
13	20	1	15	0	0	1	0	0	0
14	20	1	13	1	1	1	0	0	0
15	18	1	13	0	1	1	0	0	0
16	20	1	13	0	1	0	0	0	0
17	20	1	13	0	1	1	0	0	0
18	18	1	10	1	1	1	0	0	0
19	24	1	18	1	0	1	0	0	0
20	23	0	13	1	1	1	0	0	0
21	22	0	13	1	1	0	1	0	0
22	20	0	13	0	1	1	0	0	0
23	28	0	14	1	0	1	0	0	0
24	17	1	10	0	0	0	1	0	0
25	21	0	13	1	1	1	1	0	0
26	20	0	13	1	1	1	0	0	0
27	19	0	8	1	0	1	0	0	0
28	20	0	13	1	0	1	1	0	0
29	21	0	11	1	0	1	1	0	0
30	18	0	7	1	0	0	1	0	1
31	23	0	13	1	0	1	0	0	0
32	18	0	13	1	1	0	1	0	0

(Continuação ANEXO F)

ID	Idade do pai	Pai estuda	Escolaridade pai	Pai trabalha	Suporte material				
					Alimentação				
					FOM*	Pai ou FOP	FEM	FEP	Outros
Anos	Não= 0 Sim= 1	Anos	Não= 0 Sim= 1	Não= 0 Sim= 1	Não= 0 Sim= 1	Não= 0 Sim= 1	Não= 0 Sim= 1	Não= 0 Sim= 1	
33	20	0	12	1	1	0	0	0	0
34	20	0	13	1	1	1	0	0	0
35	27	0	10	1	1	0	0	0	0
36	28	0	13	1	0	1	0	0	0
37	20	NR	99	NR	1	0	0	0	0
38	17	1	12	0	1	1	0	0	0
39	18	0	10	1	1	0	1	0	0
40	19	0	13	1	1	1	1	0	0
41	17	NR	12	NR	1	0	0	0	0
42	21	1	13	1	1	1	0	0	0
43	20	0	13	1	0	1	1	0	0
44	19	0	9	0	0	0	0	0	0
45	22	0	13	1	0	1	0	0	0
46	22	1	12	1	1	1	0	0	0
47	18	0	7	NR	0	0	0	0	1
48	24	0	8	1	0	0	0	0	0
49	NR	NR	NR	1	0	0	0	0	1
50	21	1	14	1	0	0	0	0	0

(Continuação ANEXO F)

ID	Suporte material									
	Artigos pessoais					Medicinas				
	FOM	Pai ou FOP	FEM	FEP	Outros	FOM	Pai ou FOP	FEM	FEP	Outros
	Não= 0 Sim= 1	Não= 0 Sim= 1	Não= 0 Sim= 1	Não= 0 Sim= 1	Não= 0 Sim= 1	Não= 0 Sim= 1	Não= 0 Sim= 1	Não= 0 Sim= 1	Não= 0 Sim= 1	Não= 0 Sim= 1
1	0	0	0	0	1	0	0	0	0	1
2	1	1	0	0	0	1	1	0	0	0
3	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0
4	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0
5	0	1	0	0	0	0	1	0	0	0
6	0	1	0	0	0	0	1	0	0	0
7	0	1	0	0	0	1	0	0	0	0
8	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0
9	0	1	0	0	0	0	1	0	0	0
10	1	0	0	0	0	1	0	0	0	0
11	0	1	0	0	0	0	1	0	0	0
12	0	1	0	0	0	0	1	0	0	0
13	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0
14	1	1	1	0	0	0	1	1	0	0
15	1	1	0	0	0	0	1	1	0	0
16	0	1	0	0	0	0	1	0	0	0
17	1	1	0	0	0	1	0	0	0	0
18	1	1	1	0	0	1	1	0	0	0
19	0	1	0	0	0	0	1	0	0	0
20	0	1	0	0	0	1	1	0	0	0
21	1	0	1	0	0	1	0	1	0	0
22	1	0	0	0	0	1	1	0	0	0
23	0	1	0	0	0	0	1	0	0	0
24	0	1	0	0	0	0	1	0	0	0
25	0	1	0	0	0	0	1	0	0	0
26	1	1	0	0	0	1	1	0	0	0
27	0	1	0	0	0	0	1	0	0	0
28	0	1	0	0	0	0	1	0	0	0
29	0	1	1	0	0	0	1	0	0	0
30	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0
31	0	1	0	0	0	0	1	0	0	0
32	1	1	0	0	0	1	0	0	0	0

(Continuação ANEXO F)

ID	Suporte material									
	Artigos pessoais					Medicinas				
	FOM	Pai ou FOP	FEM	FEP	Outros	FOM	Pai ou FOP	FEM	FEP	Outros
	Não= 0 Sim= 1	Não= 0 Sim= 1	Não= 0 Sim= 1	Não= 0 Sim= 1	Não= 0 Sim= 1	Não= 0 Sim= 1	Não= 0 Sim= 1	Não= 0 Sim= 1	Não= 0 Sim= 1	Não= 0 Sim= 1
33	0	1	0	0	0	1	1	0	0	0
34	1	1	0	0	0	1	1	0	0	0
35	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0
36	1	1	0	0	0	0	1	0	0	0
37	1	0	0	0	0	1	0	0	0	0
38	0	1	0	0	0	0	1	0	0	0
39	1	1	0	0	0	1	1	1	0	0
40	1	1	1	0	0	1	1	0	0	0
41	1	0	0	0	0	1	0	0	0	0
42	0	1	1	0	0	0	1	0	0	0
43	0	1	1	0	0	0	1	1	0	0
44	0	0	0	0	1	0	0	0	0	1
45	0	1	0	0	0	0	1	0	0	0
46	1	1	0	0	0	1	0	0	0	0
47	0	0	0	0	1	0	0	0	0	1
48	0	1	0	0	1	0	0	0	0	1
49	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1
50	1	1	0	0	0	0	1	0	0	0

(Continuação ANEXO F)

ID	Suporte material									
	Moradia					Outros bens				
	FOM	Pai ou FOP	FEM	FEP	Outros	FOM	Pai ou FOP	FEM	FEP	Outros
	Não= 0 Sim= 1	Não= 0 Sim= 1	Não= 0 Sim= 1	Não= 0 Sim= 1	Não= 0 Sim= 1	Não= 0 Sim= 1	Não= 0 Sim= 1	Não= 0 Sim= 1	Não= 0 Sim= 1	Não= 0 Sim= 1
1	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0
2	1	0	0	0	0	1	1	1	0	1
3	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0
4	0	0	0	0	1	1	0	0	0	1
5	1	0	0	0	0	1	1	0	0	1
6	1	0	0	0	0	1	1	0	0	1
7	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0
8	0	0	1	0	0	0	0	1	0	1
9	0	1	0	0	0	1	1	1	0	1
10	1	0	0	0	0	1	1	0	0	1
11	1	0	0	0	0	1	1	0	0	1
12	1	0	0	0	0	0	1	0	0	1
13	0	1	0	0	0	1	1	1	0	0
14	1	0	0	0	0	0	1	1	0	1
15	1	0	0	0	0	1	1	1	0	1
16	1	0	0	0	0	1	1	1	1	1
17	1	0	0	0	0	1	1	1	0	1
18	1	0	0	0	0	1	1	0	0	1
19	1	0	0	0	0	1	1	1	0	1
20	1	0	0	0	0	0	1	0	0	1
21	0	0	1	0	0	1	0	1	0	1
22	0	0	1	0	0	1	1	0	0	1
23	1	0	0	0	0	0	1	0	0	1
24	0	0	1	0	0	0	1	1	1	1
25	1	0	0	0	0	1	1	0	0	1
26	1	0	0	0	0	1	1	0	0	1
27	1	0	0	0	0	0	1	0	0	1
28	1	0	0	0	0	1	1	1	1	1
29	1	0	0	0	0	0	1	1	0	0
30	0	0	0	0	1	1	0	1	0	0
31	1	0	0	0	0	0	1	1	0	1
32	1	0	0	0	0	1	1	1	0	1

(Continuação ANEXO F)

ID	Suporte material									
	Moradia					Outros bens				
	FOM	Pai ou FOP	FEM	FEP	Outros	FOM	Pai ou FOP	FEM	FEP	Outros
	Não= 0 Sim= 1	Não= 0 Sim= 1	Não= 0 Sim= 1	Não= 0 Sim= 1	Não= 0 Sim= 1	Não= 0 Sim= 1	Não= 0 Sim= 1	Não= 0 Sim= 1	Não= 0 Sim= 1	Não= 0 Sim= 1
33	1	0	0	0	0	0	1	1	0	1
34	1	0	0	0	0	1	1	1	0	1
35	1	0	0	0	0	1	0	0	0	1
36	0	1	0	0	0	0	1	1	0	1
37	1	0	0	0	0	1	0	1	0	1
38	1	0	0	0	0	1	1	0	0	1
39	1	0	0	0	0	1	1	0	0	1
40	0	1	0	0	0	1	1	1	0	1
41	1	0	0	0	0	1	0	0	0	1
42	0	1	0	0	0	1	1	0	0	0
43	0	0	1	0	0	0	1	1	0	1
44	0	0	0	0	1	1	0	0	0	0
45	0	0	0	0	1	1	1	0	0	1
46	1	0	0	0	0	1	1	0	0	1
47	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0
48	0	0	0	0	1	1	1	0	0	1
49	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0
50	1	0	0	0	0	0	1	0	0	1

(Continuação ANEXO F)

ID	Suporte de cuidado									
	Cuidado da criança na ausência da mãe de segunda a sexta					Cuidado da criança na presença da mãe de segunda a sexta				
	FOM	Pai ou FOP	FEM	FEP	Outros	FOM	Pai ou FOP	FEM	FEP	Outros
	Não= 0 Sim= 1	Não= 0 Sim= 1	Não= 0 Sim= 1	Não= 0 Sim= 1	Não= 0 Sim= 1	Não= 0 Sim= 1	Não= 0 Sim= 1	Não= 0 Sim= 1	Não= 0 Sim= 1	Não= 0 Sim= 1
1	0	0	0	0	1	0	0	0	0	1
2	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0
3	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1
4	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1
5	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0
6	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0
7	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0
8	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0
9	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0
10	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0
11	1	0	0	0	0	1	0	0	0	0
12	0	0	0	0	0	1	1	0	0	0
13	0	1	0	0	0	0	1	0	0	0
14	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0
15	1	0	1	0	0	0	0	0	0	0
16	1	0	0	1	0	1	0	0	0	0
17	1	0	0	0	0	1	1	0	0	0
18	0	1	0	0	0	1	0	1	0	0
19	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0
20	1	1	0	0	0	1	1	0	0	0
21	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
22	0	1	0	0	0	1	1	0	0	0
23	1	0	0	0	0	1	1	0	0	0
24	0	0	1	0	0	0	0	1	0	0
25	1	0	0	0	0	1	0	1	0	0
26	1	0	0	0	0	1	1	0	0	0
27	1	0	0	0	0	0	1	0	0	0
28	0	1	1	1	0	0	1	0	0	0
29	1	0	1	0	0	0	1	0	0	0
30	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1
31	1	0	0	0	0	1	1	0	0	0
32	1	0	1	0	0	1	0	1	0	0

(Continuação ANEXO F)

ID	Suporte de cuidado									
	Cuidado da criança na ausência da mãe de segunda a sexta					Cuidado da criança na presença da mãe de segunda a sexta				
	FOM	Pai ou FOP	FEM	FEP	Outros	FOM	Pai ou FOP	FEM	FEP	Outros
	Não= 0 Sim= 1	Não= 0 Sim= 1	Não= 0 Sim= 1	Não= 0 Sim= 1	Não= 0 Sim= 1	Não= 0 Sim= 1	Não= 0 Sim= 1	Não= 0 Sim= 1	Não= 0 Sim= 1	Não= 0 Sim= 1
33	1	0	1	0	0	1	0	0	0	0
34	1	0	0	0	0	0	1	0	0	0
35	1	0	0	0	0	1	0	0	0	1
36	0	1	1	0	0	0	1	0	0	0
37	1	0	0	0	0	1	0	1	0	0
38	1	0	1	0	0	1	0	0	0	0
39	1	0	0	0	0	1	1	0	0	0
40	1	0	1	0	0	1	1	0	0	0
41	1	0	0	0	0	1	0	0	0	0
42	0	1	0	0	0	0	1	0	0	0
43	0	0	1	0	0	0	1	1	0	0
44	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0
45	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1
46	1	0	0	0	0	0	1	0	0	0
47	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1
48	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1
49	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
50	0	0	0	0	0	1	1	0	0	0

ANEXO G - Guia para interpretação de sociogramas

Para uma melhor interpretação dos gráficos de rede ou sociogramas cognitivos egocentrados, nesse guia detalha-se o conteúdo das legendas e explicam-se outros detalhes:

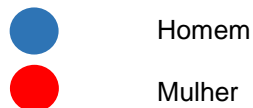
Cada sociograma corresponde à rede social de uma mãe adolescente. Assim, o gráfico representa o conjunto das pessoas que formam parte da social de cada adolescente e as relações entre eles. Por este motivo, a entrevistada não consta no sociograma. No título de cada sociograma consta o código que identifica a adolescente. Por exemplo, a terceira entrevistada é nomeada como E03.

Círculos: Cada círculo (ou triângulo) constitui um ator da rede. O número de círculos indica o tamanho da rede social da adolescente.

Posição dos atores: Os atores mais centrais, “populares” ou “importantes” estão localizados no centro do gráfico, enquanto que os atores mais distantes se situam em direção à periferia do gráfico.

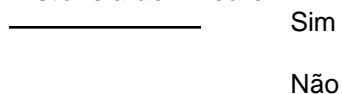
Cor dos nodos: A cor em cada nodo representa o sexo da pessoa. A cor azul indica que o ator é homem e o vermelho que é mulher.

Sexo



Linhas pretas: A existência de linhas pretas que unem dois atores indica a existência de vínculo entre eles. Enquanto mais conexões existam entre os atores (número de linhas pretas) maior é a densidade da rede. Há atores dentro da rede que estão isolados do resto dos atores. Entre estes atores e outros não há linhas pretas, portanto, não existe vínculo algum.

Existência de vínculo





Linhas roxas: Estas linhas indicam a existência de fluxo de itens materiais ou de tempo de cuidado, desde um ator para a criança. Linhas roxas mais grossas nos gráficos de suporte material indicam fluxos de maior variedade de fluxos.

Fluxo de suporte
 Sim
 Não



Legendas ao lado do nodo: As letras localizadas ao lado de cada nodo (ator) mostram o tipo de relação que elas têm com a criança. Estas legendas incluem asteriscos. Junto à legenda pode se encontrar asteriscos. Um asterisco indica que esse nodo tem vínculo de consanguinidade com a mãe adolescente. Dois asteriscos mostram vínculo de consanguinidade com o pai. As crianças têm três asteriscos.

Relação com a criança
 FOM Família de origem da mãe adolescente
 FEM Família estendida da mãe adolescente
 P Pai
 FOP Família de origem do pai
 FEP Família estendida do pai
 AM Amigos da mãe adolescente
 OM Outros vínculos mãe adolescente
 IM Vínculo institucional da mãe adolescente
 AP Amigos do pai
Vínculo de consanguinidade
 * Vínculo de consanguinidade com a mãe adolescente
 ** Vínculo de consanguinidade com o pai
 *** Vínculo de consanguinidade com mãe adolescente e o pai

Forma do nodo: A forma de triângulo, no nodo correspondente ao pai (P), indica a existência de vínculo afetivo entre ele e a mãe adolescente. Se houver um círculo ao lado da letra P, o pai não é parceiro afetivo da adolescente. O resto de nodos está representado com círculos.

Vínculo afetivo com o pai (Forma do nodo do pai)
 Sim
 Não

Tamanho dos nodos: Enquanto maior é o tamanho do nodo, menor a distância espacial entre a mãe adolescente e o ator.

Distância espacial com a mãe adolescente
 Este domicílio
 Este bairro

- Outro bairro
- Outra cidade
- Outro país

ANEXO H - Sociogramas cognitivos egocentrados e redes de suporte

(VER CD¹⁷)

¹⁷ Estão inclusos as redes de suporte material de todas as adolescentes e as redes de suporte de cuidado das crianças das adolescentes que se ausentam de segunda a sexta-feira.